

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS
CONVÊNIO MINTER UFMA/UFRR**

ANGELA MARIA MOREIRA SILVA

**BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS DA AMAZÔNIA:
desbravando fronteiras, administrando improvisos**

**São Luís
2009**

ANGELA MARIA MOREIRA SILVA

**BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS DA AMAZÔNIA:
desbravando fronteiras, administrando improvisos**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Políticas Públicas da UFMA – Convênio MINTER – UFMA/UFRR, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas Públicas. Área de concentração: Políticas Públicas e Movimentos Sociais. Linha de Pesquisa: Estado e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Maria Beserra Coelho

Co-orientador: Prof. Dr. Nelvio Paulo Dutra Santos

**São Luís
2009**

S586b Silva, Angela Maria Moreira
Bibliotecas universitárias federais da Amazônia :
desbravando fronteiras, administrando improvisos /
Angela Maria Moreira Silva. São Luís, 2009.
174 f.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Maria Beserra
Coelho.

Co-orientador: Prof. Dr. Nelvio Paulo Dutra Santos.
Dissertação (Mestrado) – Programa de Políticas
Públicas, Universidade Federal do Maranhão.

1 – Bibliotecas universitárias federais. 2- Amazônia.
3- Educação superior. I – Título. II- Coelho, Elizabeth
Maria Beserra.

CDU- 027.7(811.4)

ANGELA MARIA MOREIRA SILVA

**BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS DA AMAZÔNIA:
desbravando fronteiras, administrando imprevistos**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Políticas Públicas da UFMA – Convênio MINTER – UFMA/UFRR, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas Públicas. Área de concentração: Políticas Públicas e Movimentos Sociais. Linha de Pesquisa: Estado e Cultura. Aprovada no dia 16 de abril de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elizabeth Maria Beserra Coelho
Orientadora / Curso de Ciências Sociais da UFMA

Prof. Dr. Nelvio Paulo Dutra Santos
Co-orientador / Curso de História da UFRR

Prof. Dr. Reginaldo Gomes de Oliveira
Curso de História da UFRR

Dedico esse trabalho à Biblioteca Central da UFRR,
que inspirou a sua realização.

A conclusão deste, delimita simbólica e
historicamente o início de um novo tempo.

Como todo mito que segura a história na mão para
dar continuidade à construção do seu caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Nossa Senhora por ter me concedido a graça de iniciar esse trabalho e ter me dado forças para terminá-lo.

À minha família pela paciência nesses dois anos. Especialmente à minha filha, Elaise Landim, que revisou artigos, traduziu resumos, fez a transcrição das entrevistas do Amapá em pleno período de férias e ainda me emprestou dinheiro para fazer a pesquisa de campo.

Às minhas amigas Maryluci Freitas e Ismênia Lima pelo apoio e companheirismo.

À Guilma Viurez da DATACOOP, cuja força surgiu no momento crucial.

Aos meus colegas do MINTER, pela paciência e camaradagem nesses dois anos.

Ao Programa de Políticas Públicas e seus professores, cuja linha científica garantiu a abordagem crítica necessária às discussões sobre as estruturas subjacentes à realidade das bibliotecas universitárias da Amazônia.

À minha orientadora, Prof. Dra. Elizabeth Coelho. A primeira vez que soube que um orientador é considerado um co-autor, achei estranho. Mas, se consegui fazer com que esse trabalho tivesse qualidade, devo muito à Beta.

Ao meu co-orientador, Prof. Dr. Nelvio Paulo Dutra Santos, a mais crítica de todas as pessoas que acompanharam essa pesquisa. Que me levou a enxergar detalhes e instigou a fazer sempre o melhor.

Ao Coordenador do MINTER em Roraima, Reginaldo Oliveira. O que seria do MINTER sem a sua dedicação, o que seria de nós sem a sua atenção e paciência, pois orientou até quem não era seu orientando.

À CAPES pelo financiamento desse MINTER.

Aos meus colegas, bibliotecários, dos estados que pesquisei. Luzimar Chaves de Rondônia, Raimundo Ferreira do Acre, que além de me ajudarem na pesquisa, foram também meus cicerones.

Às pessoas que me deram seus depoimentos e que considero co-autores desse trabalho.

À Marcilene Lima, colega e chefe, cujo apoio foi de fundamental importância.

E à minha querida UFRR, especialmente ao Reitor Prof. Dr. Roberto Ramos, o Pró-Reitor de Administração Antonio Bezerra Junior e a Diretora de Recursos Humanos Maria Antonia Silva. Sem vocês, não teria havido pesquisa de campo.

O estudo do passado não deve se limitar a um mero conhecimento da história, mas deve, através da aplicação desse conhecimento, procurar dar atualidade ao passado.

(I Ching)

RESUMO

Investiga a trajetória das bibliotecas universitárias federais da Região Norte, cujo campo empírico foi as bibliotecas dos estados do Acre, Amapá, Rondônia e Roraima. O recorte temporal abrange o período de 1970 a 2002, tendo como pano de fundo os aspectos conjunturais predominantes que influenciaram as universidades federais e suas bibliotecas, entre os governos do regime militar e o fim do governo de Fernando Henrique Cardoso. A pesquisa busca entender quais os fatores que influenciaram a construção e a atuação das bibliotecas universitárias federais da Amazônia durante a sua história; em que medida as políticas públicas têm influenciado essa atuação e se a mentalidade e as práticas dos funcionários condicionaram o desempenho dessas bibliotecas. Na tentativa de responder esses questionamentos, utiliza os pressupostos teórico-metodológicos de Pierre Bourdieu, principalmente a sua percepção das relações objetivas nos espaços sociais (campo); a noção de estruturas sociais interiorizadas (*habitus*); e seus conceitos de capital. Além da bibliografia estudada, usou-se a técnica dos depoimentos orais entre os sujeitos da pesquisa, que foram os auxiliares, dirigentes e bibliotecários que atuaram nas bibliotecas investigadas. Com os dados bibliográficos analisados e a operacionalização dos conceitos, o estudo mostra que as políticas públicas tiveram grande impacto sobre as bibliotecas estudadas. Contudo, inferiu-se ainda, que a atuação dos seus funcionários, principalmente, dos bibliotecários, também foram determinantes para a estruturação das condições precárias em que essas bibliotecas se encontraram.

Palavras-chaves: História das bibliotecas universitárias. Educação superior. Amazônia.

ABSTRACT

This is a research into the History of Federal University Libraries of Northern Region, which empirical field was the Libraries of the States of Acre, Amapá, Rondônia and Roraima. The interlude considered on this research comprehends the period between 1970 and 2000, having as context the whole predominant aspects that have influenced universities and their Brazilian university libraries, between the military dictatorship and Fernando Henrique Cardoso government. The research aims to understand which factors have influenced the construction and the performance of Federal university libraries in Amazonia during their history; in which way the public measures have influenced their performance and whether the employee's mentality and way of acting have conditioned the performance of those libraries. In the attempt of answering those questions, the research is anchored in Pierre Bourdieu's methodological and theoretical concepts, mainly his perception of objective relations into the social spaces (field); notion of internalized social structures (habitus); and his concepts of capital. Besides the studied bibliography, it was used the technique of oral testimonials with the research agents, who were the auxiliaries, directors and librarians that have worked in the investigated libraries. After the analysis of the bibliographic data and the concept's operationalization, the study concludes that government policies have had a great impact over the studied libraries. It has also been inferred, however, that the performance of their employees, mainly the librarians, was determinant to the structuration of the precarious conditions in which those libraries are found.

Key words: University libraries History. College Education. Amazonia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	Estatísticas das bibliotecas da UFRR (2008).....	28
Quadro 1	Gênese das práticas bibliotecárias	34
Tabela 2	Instituições que mais acessaram o Portal da Capes no Brasil em 2007.....	87
Tabela 3	Instituições que mais acessaram o Portal da Capes na Região Norte em 2008.....	88
Tabela 4	Resultados do IGC das IFES amazônicas (2007).....	98
Tabela 5	Instalação do sistema de segurança.....	108
Tabela 6	Período de informatização do acervo de livros.....	120

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	– Associação Brasileira de Normas Técnicas
BDTD	– Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.
BID	– Banco Interamericano de Desenvolvimento.
BU	– Biblioteca Universitária.
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CBBU	– Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias.
CCA	– Centro de Ciências Agrárias da UFRR.
CDD	– Classificação Decimal de Dewey.
CDIH	– Centro de Documentação e Informação Histórica.
CDU	– Classificação Decimal Universal.
CESUR	– Centro de Ensino Superior de Roraima.
CNPQ	– Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
COPEVE	– Comissão do Vestibular.
CPD	– Centro de Processamento de Dados.
CTA	– Comitê Técnico Assessor.
CUNI	– Conselho Universitário.
C&T	– Ciência e Tecnologia.
DCE	– Diretório Central dos Estudantes.
DOS	– Disk Operating System
DEMEC	– Delegacia Regional do MEC.
DRH	– Departamento de Recursos Humanos.
FEBAB	– Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários.
FECEC	– Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima.
FG	– Funções Gratificadas.
FUNDACENTRO	– Fundação Centro de Ensino Superior de Rondônia.
GRTU	– Grupo de Trabalho para a Reformulação da Universidade.
IBBD	– Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.
IBICT	– Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia
ICT	– Informação, Ciência e Tecnologia.
IGC	– Índice Geral dos Cursos.
IGEO	– Instituto de Geociências de Roraima.

IES	– Instituição Ensino Superior.
IFES	– Instituições Federais de Ensino Superior.
INFORMAM	– Sistema de Informação Científica e Tecnológica da Amazônia Brasileira.
ISO	– International Organization for Standardization.
MARC	– Machine Readable Cataloguing.
MARE	– Ministério da Administração e da Reforma do Estado.
MCT	– Ministério da Ciência e Tecnologia.
MEC	– Ministério da Educação.
MP4	– Mídia Player Portátil Audio/Vídeo.
NEM	– Núcleo de Educação da UFPA.
ONG	– Organização Não-Governamental.
PET	– Programa de Pesquisas, Estudos Técnicos e Desenvolvimento de Recursos Humanos para Bibliotecas Universitárias.
PAP	– Programa de Ação Planificada de Periódicos.
PDI	– Plano de Desenvolvimento Institucional.
PNBU	– Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias.
PREMESU	– Programa de Expansão de Melhoramento do Ensino Superior.
PROBIB	– Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias.
PRONAT	– Programa de Recursos Naturais da UFRR.
PDV	– Programa de Demissão Voluntária.
REUNI	– Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SBPC	– Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SEER	– Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas.
SESC	– Serviço Social do Comércio.
SESDUF-RR	– Seção Sindical dos Docentes da UFRR
SESU	– Secretaria de Ensino Superior.
SETRABES	– Secretaria do Trabalho e Ação Social.
SIAMAZ	– Sistema de Informação da Amazônia.
SINAES	– Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.
SNBU	– Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias.
SUDAM	– Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia.
SUDENE	– Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

SUFRAMA	– Superintendência da Zona Franca de Manaus.
TI	– Tecnologia da Informação.
UFAC	– Universidade Federal do Acre.
UFAM	– Universidade Federal do Amazonas.
UFC	– Universidade Federal do Ceará.
UFPA	– Universidade Federal do Pará.
UFPE	– Universidade Federal de Pernambuco.
UFRA	– Universidade Federal Rural da Amazônia.
UFRN	– Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRR	– Universidade Federal de Roraima.
UFV	– Universidade Federal de Viçosa.
UFSC	– Universidade Federal de Santa Catarina.
UFT	– Universidade Federal de Tocantins.
UNAMAZ	– Associação das Universidades Amazônicas.
UNB	– Universidade de Brasília.
UNESCO	– Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
UNIACRE	– Universidade do Acre.
UNIFAP	– Universidade Federal do Amapá.
UNIR	– Universidade Federal de Rondônia.
USAID	– Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional.
USP	– Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	DIALOGANDO COM OS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	17
1.1.1	Os Caminhos da Investigação	19
1.2	CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO.....	26
1.3	INSTRUMENTALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	29
2	A CONSTRUÇÃO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS	
	FEDERAIS NO BRASIL	34
2.1	OS PRIMÓRDIOS.....	34
2.2	O REGIME MILITAR E OS IMPACTOS DA REFORMA DE 1968.....	37
2.3	A DÉCADA DE 1980 E O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA PARTICIPATIVA.....	43
2.4	A INFLUÊNCIA NEOLIBERAL.....	47
2.4.1	O Impacto da Política de Avaliação nas Bus	55
2.5	O CONTEXTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.....	57
3	HISTÓRIA DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS DA AMAZÔNIA	60
3.1	<i>“...ESTÁVAMOS INAUGURANDO O PRÉDIO MAIS IMPORTANTE DO CAMPUS”</i>	63
3.2	A BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIR E SUAS SETORIAIS.....	93
3.3	BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIFAP - A FILHA ÚNICA.....	113
3.4	BIBLIOTECA CENTRAL PROF ^a . MARIA AUXILIADORA DE SOUZA... MELO.....	124
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
	REFERÊNCIAS	155

1 INTRODUÇÃO

As Bibliotecas Universitárias - BUs são espaços transdisciplinares que atuam como agentes de produção, circulação e uso de formas particulares de capital cultural e simbólico. Enquanto unidade do campo científico-universitário, também contribui para o fortalecimento da produção e da educação científica e tecnológica, através das suas práticas voltadas para a prestação de serviços de informação e de socialização do conhecimento.

Nesta perspectiva, parto do pressuposto que a biblioteca ocupa um papel sóciopolítico, que além do embate nos espaços de negociação e conflito de poder, se configura como uma unidade orgânica¹, a qual deve estar inserida plenamente no cotidiano das universidades com a responsabilidade de facilitar o despertar da consciência crítica/criativa dos seus usuários.

Guiada por essa concepção, investiguei a história das bibliotecas universitárias federais da Amazônia, tomando como campo empírico as bibliotecas dos Estados do Acre, Amapá, Rondônia e Roraima, classificadas por mim como Área 2 da Amazônia². O recorte temporal abrange o período de 1970 a 2002, que, apesar de ter sido delimitado com base na criação das BUs estudadas, acredito que tenha sido a época de maior importância para o desenvolvimento das bibliotecas universitárias brasileiras, haja vista que foi o período em que, ao lado das transformações ocorridas nas Universidades, elas mais cresceram e consolidaram uma identidade própria.

Inicialmente, minha intenção era fazer um levantamento histórico descritivo, a partir das fontes técnicas, científicas e oficiais existentes, e esboçar o quadro geral das políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento técnico-científico das IFES e das suas bibliotecas para compreender as implicações dessas políticas no microcosmo das mesmas.

Observei, porém, que utilizando apenas as fontes bibliográficas existentes, o resultado não atenderia aos meus objetivos. A maioria dos relatórios oficiais das

¹ Tomei de empréstimo esse termo das concepções de intelectual orgânico de Gramsci (1991), com o qual o autor defende que este intelectual deve estar plenamente envolvido com a sociedade.

² Para fins de aplicação dessa pesquisa, dividi a Região Norte em duas:

- Área 1 (um) – eixo Amazonas, Pará e Tocantins.

- Área 2 (dois) – demais estados da Região - Acre, Amapá, Rondônia, Roraima.

Doravante, Área 2 (dois) da Amazônia, será denominada simplesmente pela expressão Área

universidades ou do MEC, mostra apenas o desempenho técnico-administrativo, o quantitativo do acervo e as estatísticas de atendimento. Existem poucos documentos sobre essas bibliotecas e não há estudos que exponham a sua trajetória.

Por esse motivo, decidi ir além dos relatórios oficiais e pesquisar as estruturas e as relações sociais por trás dessas estatísticas, com vistas a responder as seguintes indagações:

- quais os fatores que influenciaram a construção e a atuação das bibliotecas universitárias federais da Amazônia durante a sua história?
- Em que medida as políticas públicas têm influenciado a atuação dessas BUs?
- O pensamento e as práticas dos funcionários exerceram influência sobre o desempenho dessas bibliotecas?

Bourdieu (2005) afirma que somente uma análise estrutural pode imprimir eficácia e verdade à análise estatística, fornecendo-lhe os princípios de uma seleção de fatos capaz de dar conta das suas propriedades mais pertinentes. Para o autor, essa análise estrutural pressupõe uma investigação das condições históricas que deram origem ao estado atual do espaço social, onde se relaciona o objeto.

Problematizar as influências sobre a história das bibliotecas se apresenta como um esforço de grande monta, visto que Bourdieu (2007b) enfatiza a importância de se fazer uma análise das relações do objeto dentro do espaço social, o que se apresentaria como um esforço extremo. Seria necessário discutir as relações políticas, culturais, regionais, e até mesmo simbólicas, das bibliotecas de quatro universidades federais.

Diante desses desafios, decidi trabalhar sobre dois eixos distintos, mas complementares, que acredito serem os de maior impacto sobre as bibliotecas universitárias: as políticas públicas que lhes são direcionadas e o pensamento e as práticas dos funcionários das bibliotecas estudadas.

Com essa linha de investigação foi possível dar conta dos questionamentos deste estudo. Tal perspectiva foi desenvolvida com base em duas estratégias propostas por Bourdieu: a percepção das relações objetivas nos espaços sociais(campo), sendo que aqui trabalho principalmente as relações com o campo científico-universitário e o campo que tem a maior concentração de poder econômico e simbólico sobre as bibliotecas universitárias, o Estado; e a noção de

estruturas sociais interiorizadas, portadoras de história individual e coletiva (*habitus*), que possibilita a análise da mentalidade e das práticas no cotidiano das bibliotecas.

Para operacionalizar esses conceitos, acrescentei às fontes bibliográficas o reforço dos relatos orais, através da memória e das narrativas dos funcionários das Bus. Com elas foi possível resgatar as origens, as práticas cotidianas, as representações, enfim, as posições e relações que influenciaram na construção histórica dessas bibliotecas. No decorrer do trabalho, realizo uma articulação constante entre as duas fontes, as bibliográficas e orais.

Os sujeitos investigados foram os bibliotecários, auxiliares de biblioteca e dirigentes, que atuaram nas bibliotecas das universidades federais da Área 2 da Amazônia, durante o período de abrangência da pesquisa. As entrevistas aconteceram *in loco*, nos quatro estados.

Exclui da pesquisa, as bibliotecas da Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal de Tocantins (UFT) e Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), devido às diferenças históricas e culturais profundas, apesar de estarem na mesma região geográfica. A inclusão dessas universidades faria com que o campo empírico ficasse muito amplo, o que seria impraticável para uma pesquisa de mestrado.

O trabalho está estruturado em quatro partes que abrangem a introdução, duas seções e as considerações finais. Na Introdução discorro sobre os pressupostos teórico-metodológicos que, pautados no pensamento de Pierre Bourdieu, norteiam as discussões sobre as estruturas, posições sociais e as práticas que influenciaram o cotidiano das bibliotecas universitárias. Delimito ainda o campo empírico da pesquisa, bem como a metodologia empregada na investigação.

Na segunda seção debato as condições históricas que marcaram a gênese e a trajetória das bibliotecas, foco deste estudo. Invoco os cenários referentes às transformações vivenciadas pelas universidades brasileiras e, mais especificamente, pelas suas bibliotecas federais.

A terceira seção se configura como o item principal deste trabalho, visto ser o capítulo em que discorro sobre objeto propriamente dito, problematizando a construção histórica das quatro bibliotecas estudadas.

No que tange à apresentação textual dessa terceira seção, optei por não organizar cada biblioteca esquematicamente, segundo itens como pessoal, acervo, dinâmica de funcionamento... Prefiro discutir as questões conforme elas foram mais

significativas em cada biblioteca, como por exemplo: na UFAC houve a possibilidade de debater mais aprofundadamente a questão do *habitus* dos funcionários, a falta de dedicação dos alunos aos estudos e a utilização do Portal da CAPES; na UNIR foi possível discutir as bibliotecas enquanto unidade envolvida organicamente com as universidades e a questão do furto de livros; na UNIFAP veio à tona as discussões sobre a falta de interesse dos profissionais em se atualizarem e as estratégias adotadas para garantir o funcionamento dos serviços com um número reduzido de pessoal; e na UFRR foi possível discorrer sobre o impacto da prática gerencial no cotidiano das bibliotecas universitárias.

Decidi indicar as citações dos entrevistados em notas de rodapé, mas não incorporei as informações completas sobre os mesmos na lista de referências, como determina a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Prefiro organizar uma lista em ordem alfabética separada ao final do trabalho.

A realização do presente estudo visa preencher duas lacunas no campo da pesquisa em Biblioteconomia. A primeira diz respeito à inexistência de pesquisas científicas sobre a história das bibliotecas universitárias na Amazônia, especificamente a que classifico de área 2. A segunda lacuna trata-se da carência de discussões de cunho sóciopolítico relacionadas às bibliotecas universitárias.

Portanto, acredito que este trabalho possa contribuir para uma reflexão crítica sobre as bibliotecas e seu papel na sociedade brasileira, bem como sobre a atuação dos bibliotecários na construção dessas instituições.

1.1 DIALOGANDO COM OS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Na tentativa de investigar as nuances das relações entre as políticas que influenciaram o desenvolvimento, as mentalidades e as práticas cotidianas no âmbito das bibliotecas universitárias, utilizo como referencial teórico-metodológico o pensamento de Pierre Bourdieu e as categorias analíticas campo, *habitus*, representações, estratégias, capital cultural, social e simbólico.

Bourdieu (2008, p.9) afirma que seu trabalho trata-se de “uma filosofia da ciência que se poderia chamar de *relacional*, já que atribui primazia às relações”. E também “uma filosofia da ação, chamada às vezes de *disposicional*” (BOURDIEU, 2008, p.10), para dar conta das potencialidades inscritas nos corpos dos agentes e na estrutura das situações nas quais eles atuam.

(...) Essa filosofia condensada num pequeno número de conceitos fundamentais – *habitus*, campo, capital – e que tem como ponto central a relação, de mão dupla, entre as estruturas objetivas (dos campos sociais) e as estruturas incorporadas (do *habitus*). (BOURDIEU, 2008, p.10)

Bourdieu chama essa articulação de teoria da prática, teoria essa que me ajuda a compreender as condições estruturais manifestas na construção histórica das bibliotecas universitárias federais da Região Norte. Com isso, é possível problematizar a relação entre os dois principais eixos da pesquisa, as políticas que impactaram sobre as bibliotecas universitárias federais (estruturas objetivas) e o pensamento e as ações dos funcionários das bibliotecas estudadas (*habitus*).

Seguindo esse *modus operandi* da teoria de Bourdieu, é possível responder as indagações desse estudo, que são: quais os fatores que influenciaram a construção e a atuação das bibliotecas universitárias da Amazônia durante a sua história; em que medida as políticas públicas têm influenciado a atuação dessas BUs; o pensamento e as práticas dos funcionários exerceram influência sobre o desempenho dessas Bus.

Como se pode perceber nas discussões acima, a análise relacional é que dá o tom da construção e do entendimento do objeto. Sem esse procedimento, Bourdieu (2007) diz que pode acontecer de o investigador não saber nada do objeto, quando julga saber tudo, simplesmente porque esse objeto não é nada fora das suas relações com o todo.

A partir dessa linha de raciocínio, discutirei no decorrer do trabalho as redes de relações das bibliotecas universitárias estudadas, suas características e posições internas, suas oposições e conformidades com o campo científico-universitário e seu inter-relacionamento com as outras bibliotecas universitárias.

Considero importante destacar, ainda, dois pontos. Primeiro, é preciso ter em mente que ao empreender qualquer investigação utilizando o referencial teórico-metodológico de Bourdieu, é fundamental o entendimento que seus procedimentos não são suscetíveis de aplicação separadamente das pesquisas onde é empregado.

De fato, todo o meu empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la. (BOURDIEU, 2008, p.11)

Segundo, o autor afirma que todos têm internalizado os princípios geradores e organizadores das suas práticas e representações, das ações e pensamentos. Por

este motivo, ele trabalha com o conceito de agente. Os indivíduos são agentes ativos e atuantes, que sabem que são dotados de um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de princípios, de percepção e de classificação. São os agentes sociais que constroem a realidade social, embora sustente que o princípio desta constituição é estrutural (BOURDIEU, 2003, p.209).

Todo agente ou grupo, para subsistir socialmente, deve participar de um jogo, que alguns se creem livres, outros determinados. Mas, para Bourdieu, não se trata nem de uma coisa nem outra, todos são o produto de estruturas profundas. Os agentes sociais ou grupos incorporam um *habitus* gerador (disposições adquiridas pela experiência) que varia no tempo e no espaço (THIRY-CHERQUES, 2006). Desde o nascimento, os agentes absorvem o *habitus*, condicionando as aquisições mais novas pelas mais antigas. Interagem dentro da liberdade limitada pelo campo e pela situação que ocupam.

1.1.1 Os Caminhos da Investigação

Na construção do objeto, a noção de campo é que vai possibilitar o comando de todas as opções práticas da pesquisa (BOURDIEU, 2007). O campo é um espaço social constituído de relações objetivas, onde os agentes lutam pelas posições na sua estrutura. Há o confronto pela hegemonia no interior do campo, através da aproximação ou conversão aos padrões de excelência dominantes. A forma como o capital é repartido dispõe as relações internas ao campo (BOURDIEU, 2003).

No que se refere à investigação do processo histórico, ou a trajetória do campo, Bourdieu (2007) diz que é preciso analisar ao mesmo tempo as mudanças estruturais e os diferenciais sociais que se acumularam e deram origem ao estado totalmente novo no campo e das suas relações com o campo do poder e o campo econômico.

Por isso, com vistas a empreender o estudo sobre a história das bibliotecas universitárias da Região Norte, fiz inicialmente uma investigação acerca das transformações pelas quais passaram as bibliotecas universitárias federais no Brasil, discutindo os fatores políticos e econômicos que influenciaram essas transformações.

A partir daí, relacionei esses macrocenários com a construção histórica, particularizada, do meu campo empírico, com base nos documentos científicos e oficiais e, principalmente, nos relatos dos agentes, aqui representados pelos funcionários das bibliotecas.

Inserir os relatos dos agentes na investigação, tem por fundamento a noção de Bourdieu(2007), quando diz que é preciso desmistificar a noção de que o poder central, ou institucionalizado, é a fonte única de dominação, que os agentes, incluindo os dominados também são responsáveis por essa dominação. Portanto, a inclusão dos agentes no processo investigativo é fundamental para o entendimento das relações que se estabelecem entre as suas atitudes, as expectativas e interesses inscritos nas suas posições na estrutura do campo.

Para dar conta das diferenciações sociais no interior de cada campo, Bourdieu (2008) desenvolveu os conceitos de tipos de capital. É necessário reconstituir o capital de esquemas informacionais que lhes permite produzir pensamentos e práticas sensatas em relação à estrutura estabelecida. A análise baseia-se nas diferentes frações de classe, tanto inter como intra-campo, que são objetivamente relacionadas à posição social, segundo o volume do capital detido pelo agente, isto é, o conjunto dos recursos econômicos, sociais, culturais e simbólicos utilizáveis pelo agente para conservar sua posição.

No âmbito das bibliotecas estudadas é possível perceber o peso do capital cultural, haja vista que a formação de nível superior em Biblioteconomia, garante a hegemonia dos bibliotecários no interior das bibliotecas.

A noção de capital social, conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas e ligadas à vinculação a um grupo, ajuda a entender porque as bibliotecas não têm influência política junto às administrações superiores e aos outros setores das universidades, como afirmam alguns entrevistados.

O capital simbólico geralmente está relacionado com a posse dos outros tipos de capital, econômico, social ou cultural. Para Bourdieu (2008) o Estado é o lugar por excelência da concentração e do exercício do poder simbólico, pois dispõe e inculca os princípios da sua visão e divisão de acordo com suas próprias estruturas. Isto é perceptível nas estratégias empregadas pelos governos e instituições aqui analisadas, que se utilizavam da sua posição dominante e

adotavam formas de violência simbólica para impor suas concepções no interior das universidades.

A violência simbólica se manifesta nas mais variadas relações no âmbito das bibliotecas universitárias, seja nas relações conflituosas com o campo de poder, personificado pelo Estado, no que tange aos processos de avaliação do MEC, seja no campo científico-universitário, quando, por exemplo, as reitorias desviam os espaços das bibliotecas para outros setores das universidades.

A aquisição ou investimento em determinada forma de capital se configuram como algumas das estratégias adotadas pelos agentes para coexistir ou sobressair no campo. A noção de estratégia em Bourdieu se afirma como uma dinâmica de concorrência e dominação, na luta pela conservação ou subversão das estruturas sociais, que fazem com que todo campo tenda a se reproduzir. Para o autor, é a luta entre os agentes que faz a história do campo (BOURDIEU, 2008).

A noção de estratégia enquanto modos de proceder individualizados que sustentam ou solapam o modelo vigente em um campo, contribui para a análise dos chamados levantes e contestações que alguns funcionários das bibliotecas estudadas empreenderam durante os anos de repressão do regime militar. Da mesma forma, é possível identificá-la nos anos de aceitação consensual da estrutura dominante, durante o período neoliberal.

A prática humana é um encontro do campo com o *habitus*, levando o agente a desenvolver um senso prático. Esses conceitos compõem uma rede articulada e relacional, “o campo estrutura o *habitus* e o *habitus* constitui o campo” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.10).

Para Bourdieu (1983) o *habitus* é a mediação entre as estruturas e as práticas sociais e, nessa perspectiva, esta se apresenta como principal categoria analítica deste trabalho, pois me possibilita entender o peso das estruturas sociais sobre as práticas cotidianas dos agentes que atuam nas bibliotecas estudadas.

Thiry-Cherques (2006) alerta que deve haver um esforço para encontrar tramas lógicas ou problemáticas que evidenciem a presença de uma estrutura subjacente ao social, para tanto procede-se à busca da lógica das ações como produto do *habitus* no meio considerado. Essa perspectiva contribui para o entendimento das mentalidades e das representações dos funcionários diante das suas práticas.

As práticas seriam estruturadas, ou seja, apresentariam as características da posição social de quem as produz, porque a própria subjetividade dos agentes, sua forma de perceber e encarar o mundo, suas preferências, seus gostos, seus objetivos, seriam previamente (grifo meu) estruturadas e estruturantes em relação ao momento da ação.

Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma “intenção objetiva”, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes. (BOURDIEU, 1983, p. 72)

A aplicabilidade do conceito de *habitus* nesta pesquisa, também se baseia na afirmação de Bourdieu (1983) de que o *habitus* é um produto da história e como produz prática, individual e coletiva, também produz história, em conformidade com os esquemas engendrados por esta. Não se pode ignorar a relação dialética entre as estruturas objetivas e as cognitivas que estas produzem e tendem a reproduzir, nem esquecer que essas estruturas objetivas são o produto, “incessantemente reproduzido e transformado, de práticas históricas e que por sua vez, o próprio princípio produtor dessas práticas e produto das estruturas que ele tende a reproduzir (...)” (BOURDIEU, 1983, p. 77).

Por isso, na construção da problemática das bibliotecas universitárias enquanto objeto dessa pesquisa, a abordagem histórica é o principal fio condutor da análise. O levantamento sobre a gênese das estruturas e das práticas que integram as bibliotecas universitárias será um exercício constante em todo o processo, não só nas discussões sobre a história das bibliotecas da Região Norte, mas ainda na identificação das ideologias, conjunturas e determinações oficiais, bem como na construção histórica das bibliotecas universitárias brasileiras como um todo.

A análise histórica das estruturas sociais que influenciaram essas bibliotecas contribui para a identificação do *habitus* dos seus agentes, pois Bourdieu (1983) afirma que as práticas sociais não são processos que se façam mecanicamente de fora pra dentro, de acordo com as condições objetivas em determinado espaço ou situações sociais presentes. Elas só podem ser explicadas quando colocadas em relação à estrutura objetiva que define as condições sociais

de produção do *habitus* e suas condições de exercício, isto é, com a conjuntura que a representa.

Trazer à tona essa relação expõe o que Bourdieu chama de *doxa*, que é tudo aquilo sobre o que todos os agentes estão de acordo, contempla tudo aquilo que é admitido como “a única coisa a fazer” (BOURDIEU, 2003, p.79). Ele sustenta que os agentes e instituições dominantes tendem a inculcar a sua cultura, ditá-la como consensual, de modo a incutir o seu *habitus* nos corpos e nas falas dos demais sujeitos.

É preciso encontrar o *habitus*, a *doxa* que regem um campo, que deriva do uso, do costume, tem validade espaço-temporal, é estabelecido e sustentado por quem dele se beneficia (BOURDIEU, 2003).

Portanto, é fundamental a decomposição das pré-construções do senso comum. O real é uma construção, é uma estratégia acionada pelas forças dominantes em um campo no sentido de cristalizar uma *doxa*. Para identificá-la e combatê-la, é preciso romper com o que é tido como socialmente garantido ou natural no campo, com as pré-noções, com as doutrinas, com os modos de apreender o mundo (BOURDIEU, 2007).

Identificar as pré-noções incorporadas no *habitus* dos agentes foi um esforço constante, considerando que as principais fontes utilizadas como instrumento de coletas de dados nessa pesquisa são os relatos orais. Consciente, ou até mesmo inconscientemente, tanto o pesquisado quanto eu, na condição de pesquisadora, podemos nos influenciar por constatações que podem ser apenas reprodução ou inculcação, que as respostas podem ser produto de manipulações, pois as opiniões pessoais tende a refletir a *doxa* ética, o “*habitus* de classe” (Bourdieu, 2003, p.261).

Por isso, deve-se perguntar: “Mas quem é o sujeito de um discurso?” (BOURDIEU, 1997, p.31). O que esses discursos realmente revelam? Portanto, para se dizer ou escrever algo sobre os agentes, é preciso conhecer a posição que ele ocupa no espaço estudado, o seu poder na instituição medido pelo seu capital econômico, social e simbólico.

É preciso realizar uma crítica continuada ao longo da pesquisa, e em especial nas entrevistas e transcrições dessas. Por isso, preocupei-me em fazer uma breve apresentação de cada entrevistado, no início da sua fala ou no decorrer do seu próprio discurso. Esse procedimento, em conjunto com o pré-

reconhecimento do *habitus*, contribui para o entendimento das representações dos agentes, categoria analítica indispensável para dar conta das nuances dos relatos orais.

A reprodução da ordem não se confina simplesmente aos aparelhos coercitivos do Estado ou às ideologias oficiais, mas se inscreve em níveis mais profundos para atingir, inclusive, as representações sociais ou as escolhas estéticas. (ORTIZ, 1983, p.26).

Para Bourdieu (2007b), a *doxa* torna-se quase invisível no cotidiano e é na busca da gênese das condutas e das representações, que se percebe mais claramente que todo problema é socialmente produzido. Aquilo que era um problema privado, particular, singular, se torna um problema social, um problema público, de que se pode falar publicamente.

A análise das relações objetivas, a lógica dos agentes, se desvela mediante a explanação da vida social, na interpretação das causas estruturais que escapam à consciência (BOURDIEU, 2007a).

(...) Assim, por exemplo, só se pode compreender verdadeiramente tudo que é dito na conversa, na aparência totalmente banal, entre três estudantes se, evitando reduzir as três adolescentes aos nomes que as designam, como em tantas sociologias de gravador, soubermos ler, em suas palavras, a estrutura das relações objetivas, presente e passadas, entre sua trajetória e a estrutura dos estabelecimentos escolares que elas freqüentaram e, por isso, toda a estrutura e a história do sistema de ensino que nelas se exprime. (...) (BOURDIEU, 2007a, p. 705)

Esta visão vai ao encontro da linha defendida por alguns historiadores, e aplicada nesse estudo, que fazem a mediação entre representação e história. Para esses, tudo que tenha um lugar no tempo e no espaço tem uma representação simbólica. E tudo que tem um lugar na dimensão simbólica tem também seu lugar no tempo e no espaço. “Em palavras mais simples, tudo o que é representação é ‘real’ e tudo que é ‘real’ é representado, independentemente de sua maior ou menor congruência com a realidade” (MALERBA, 2000, p. 211).

Bourdieu alerta para o fato de não só o pesquisado mas também o pesquisador poderem agir sob a influência das estruturas em que se inserem. Ambos interagem a partir da sua história pessoal, da sua vivência social, o que afeta o resultado da investigação, por isso, no processo investigativo não é possível o posicionamento positivista de neutralidade diante do objeto.

Para fugir desse efeito, o autor chama constantemente atenção para a vigilância epistemológica e a reflexividade. Para ele, todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*. Ele leva em conta que a percepção do empírico é distorcida não só pelo *habitus* dos agentes, mas também pelo *habitus* do investigador. Por esse motivo, o pesquisador deve fazer uma autoanálise prévia de suas próprias disposições diante do objeto.

Para romper com essa situação, Bourdieu (2007, p. 37) afirma que “é preciso fazer a história social da emergência desses problemas”, com isso descobrir-se-á que os problemas são socialmente construídos, num trabalho coletivo de produção da realidade social.

Esse foi um ponto constantemente observado nesse trabalho, pois a decisão de escolher a relação entre história, estruturas e prática cotidiana, como base referencial, não se dá apenas como uma opção teórica, é também um caminho de identificação. E trilhar esses caminhos, em busca do resgate da subjetividade do outro, é um encontro simbólico com minhas próprias pegadas na história, haja vista que também faço parte do objeto da pesquisa.

A vigilância epistemológica e a questão da reflexividade foram levadas a termo, principalmente devido ao exercício da objetivação participante, que exigiu da minha parte, exercer uma “disposição acolhedora”, “livre dos constrangimentos” (BOURDIEU, 2007a, p. 704), diante dos entrevistados e ao mesmo tempo me posicionar além da *doxa*. Isso não foi uma tarefa fácil, pois tal perspectiva exige do pesquisador,

(...) a ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o interesse do próprio objeto estudado para aquele que o estuda, tudo aquilo que ele menos pretende conhecer na sua relação com o objeto que ele procura conhecer. (BOURDIEU, 2007b, p. 51)

A lógica das suas gêneses faz do *habitus* uma série cronológica das estruturas, por exemplo, o *habitus* adquirido na família está no princípio da estruturação das experiências escolares e ação escolar, que por sua vez, está no princípio da estruturação das experiências posteriores (BOURDIEU, 1983). Por isso, incorporei as discussões acerca da educação formal, principalmente a especializada, dos profissionais que fizeram o cotidiano das bibliotecas estudadas, com vistas a

buscar elementos que contribuam para o entendimento das suas práticas e das representações das suas práticas.

1.2 CARACTERIZACAO DO CAMPO EMPÍRICO

A Biblioteca universitária tem sua função historicamente relacionada às necessidades de ensino, pesquisa e extensão das universidades a que serve. É uma agência social moldada de acordo com os padrões, ideologias e valores culturais que regem os modelos de universidade vigente. A biblioteca é por esta condicionada, sendo ambas por sua vez, reguladas pelo contexto social e político, ao longo da história de cada uma (GICO, 1990; CARVALHO, 2004).

As bibliotecas universitárias consistem num espaço social dotado de peculiaridades próprias como serviços, normas e formas de organização que lhes são particulares. Interconectam-se com vários campos seja no âmbito profissional, cultural, político, burocrático e, mais especificamente, com o “campo científico-universitário” (CATANI; OLIVEIRA, 2002, p. 27) e seus subcampos acadêmico e administrativo. Em seu entorno, também estão em jogo relações de conflito, estratégias de reprodução e contestação.

Todo campo pode ser dividido em regiões menores, os subcampos, que se comportam da mesma forma que os campos. A dinâmica dos campos e dos subcampos é dada pela luta das classes sociais, na tentativa de modificar a sua estrutura, isto é, na tentativa de alterar o princípio hierárquico (econômico, cultural, simbólico...) das posições internas ao campo (THIRY-CHERQUES, 2006).

Ainda na esfera inter-campo, devido à sua ligação direta com o campo científico-universitário, se articula livremente com todas as esferas das universidades, sendo seus serviços direcionados para as demandas da comunidade universitária no que se refere aos três pilares da universidade, ensino, pesquisa e extensão.

Essas bibliotecas possuem articulação entre si, pois dividem disposições, saberes instrumentais (padrões técnicos internacionais), com vistas ao intercâmbio com outras bibliotecas e com bases de dados do mundo inteiro. No interior do campo, apesar das homologias, possuem propriedades diferentes, quando inseridas em estruturas sociais diferentes, seja por distinções regionais, históricas ou econômicas.

Absorvem do campo da Biblioteconomia (BENTES PINTO, 2005) o saber instrumental, que aliado a um arcabouço normativo, garante a autonomia e o monopólio do seu saber-fazer aos bibliotecários legitimados e reconhecidos por suas escolas de formação e por seus conselhos de classe.

Sua estrutura institucional gira em torno dos serviços meios e fins. Os serviços meios se constituem como base organizacional da biblioteca que compreende a parte técnica e administrativa. Esses são suportes para os serviços de atendimento e disseminação da informação, foco principal das bibliotecas.

Para o atendimento da demanda, atualmente as bibliotecas universitárias federais possuem vários setores de disseminação de informação científica e tecnológica, como setor de livros, setor de periódicos, setor de multimeios, setor de educação de usuários e biblioteca digital.

No que se refere a esta última, todas as bibliotecas universitárias federais brasileiras se caracterizam como bibliotecas híbridas, que proporcionam o acesso aos seus acervos tradicionais, material impresso, em conjunto com os recursos eletrônicos ou digitais, bem como todas as formas de informação, oferecendo ao usuário o melhor de ambos ambientes (REIS, 2005).

Os acervos digitais trouxeram a reboque a necessidade de serviços de treinamento e educação de usuários. Com o advento da revolução tecnológica, coube às bibliotecas o relevante papel de possibilitar a inclusão social através da inclusão digital. “Educar a si próprios e educar aos outros para a sociedade da informação”, apresenta-se como um dos princípios atuais e um passo importante para a formação da cultura informacional na sociedade e, eventualmente, da inteligência coletiva (TARAPANOFF; SUAIDEN; OLIVEIRA, 2002, p. 3).

Os serviços e os recursos informacionais são selecionados, organizados, processados e disponibilizados para aquela que é a razão de ser dessas bibliotecas, a comunidade universitária. Comunidade que possui um capital cultural, econômico e simbólico de grande magnitude, altamente exigente e especializada. O volume de atividades das bibliotecas universitárias é quantificado não só pelos serviços que desenvolvem, mas pela quantidade de usuários que atende diariamente. Como parâmetro, apresento na Tabela 1, os números das Bibliotecas da UFRR, Central e Setorial do CCA, que em comparação com as demais bibliotecas universitárias federais brasileiras, são consideradas pequenas e em processo de expansão.

Tabela 1: Estatísticas das bibliotecas da UFRR (2008)

SERVIÇOS	QUANTITATIVO
Atendimento	1.000 pessoas (média diária)
Empréstimo de materiais	400 (média diária)
Acessos ao site	65.000 acessos (desde 2006)
Downloads de acervos digitais	9.320 (em 2008)
Treinamento de usuários	494 pessoas (em 2008)
Aquisição de livros	2.000 volumes (média anual)

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (2009)

Para garantir a prestação deste volume de serviços, uma Biblioteca Central como a da UFRR, possui uma equipe de quase 30 pessoas, para manter o funcionamento diário durante 14 horas além dos sábados.

Atualmente, seis bibliotecários³ se dividem no gerenciamento e organização de cada setor: Direção, Biblioteca Setorial do CCA, atendimento ao usuário, processamento técnico e setor de periódicos (que acumula o treinamento de usuários e alimentação da biblioteca digital).

Um outro fator que pesa no planejamento e execução das bibliotecas universitárias é o volume de materiais informacionais organizados e processados, que compõem os serviços fins. Este é conhecido pelo público por catalogação ou processo técnico, é um trabalho de retaguarda para o principal serviço que é o de atendimento ao usuário. Sem essa retaguarda o atendimento não funciona plenamente.

Com essas informações, há de se perceber que as bibliotecas universitárias têm como princípio básico e prioritário o atendimento ao usuário, mas para mantê-lo com eficácia, é preciso garantir que, para cada equipe que se reveza em determinado setor de atendimento - no setor de livros, por exemplo – outra equipe esteja posicionada no processo técnico. Caso haja o afastamento de um desses profissionais, o desfalque incidirá diretamente sobre a qualidade do atendimento.

Desviando o olhar do quadro da UFRR, bibliotecas com estruturas mais amplas e com um número de usuários reais bem maior, dispõem de equipes mais numerosas. Como exemplo, a UFPA possui 68 bibliotecários, 33 na Biblioteca Central e 35 nas suas setoriais.

A preocupação em apresentar essas características, acerca do volume e da divisão do trabalho inerente às bibliotecas universitárias federais, tem como objetivo

³ Somente em 2008, a Biblioteca Central da UFRR conseguiu compor uma equipe de seis bibliotecários. No Acre, Amapá e Rondônia, mesmo em época de REUNI, a equipe ainda é mínima.

contribuir para o entendimento dos motivos que levaram as bibliotecas desse estudo, a vivenciarem situações marcadas por circunstâncias estruturais austeras, parafraseando aqui Oliveira (2000), situações que analisaremos nos capítulos posteriores.

1.3 INSTRUMENTALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para fins de aplicação dessa pesquisa, dividi a Região Norte da seguinte forma:

- Área 1 (um) – eixo Amazonas, Pará e Tocantins.
- Área 2 (dois) – demais estados da Região - Acre, Amapá, Rondônia, Roraima.

A decisão de excluir os estados da Área 1 da pesquisa, deve-se principalmente às diferenças histórico-culturais das suas Instituições Federais de Ensino Superior - IFES em relação às universidades que compõem o campo empírico. A UFPA foi criada na década de 1950 e a UFAM no início do século XX, sendo federalizada em 1962. Ambas foram estabelecidas a partir da união de faculdades isoladas, que mesmo incorporando o ideário utilitarista pós-regime militar, foram implementadas sob o predomínio da configuração iluminista das universidades européias, baseada nos paradigmas humanistas e de missão pública.

A UFRA, por sua vez, foi criada em 2002, limite do recorte temporal da pesquisa. Da mesma forma, a UFT foi federalizada em 2005, apesar da sua criação inicial se dar como universidade estadual em 1990, acompanhando o desenvolvimento exponencial vivido pelo Estado de Tocantins, experiência essa não vivenciada pelos estados da Área 2.

As universidades da Área 2 foram criadas no intervalo entre 1974 e 1990, período caracterizado pela incorporação de modelos funcionais, operacionais e de resultados (CHAUÍ, 2001), caracteristicamente tecnicistas, utilitaristas e voltados para o mercado. Possuem problemas estruturais semelhantes, principalmente no que diz respeito às suas BUs, como inexistência de Escolas de Biblioteconomia, o que implica em dificuldades de atração e evasão de profissionais, bem como carência de estudos científicos, sem mencionar os poucos recursos que dispõem para empreender ou até mesmo manter serviços e estrutura básica.

Para discutir as políticas que influenciaram o desenvolvimento das bibliotecas universitárias, utilizei a produção científica relativa às IFES que compõem meu universo de pesquisa, usando ainda fontes institucionais primárias, como relatórios de gestão, publicações técnicas e Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI), para preencher possíveis lacunas de informações.

Com vistas a apreensão do objeto em seus aspectos gerais e principais, usei fontes primárias oficiais específicas das bibliotecas estudadas, como os planos, relatórios anuais e documentos legais. De antemão, registro que presenciei uma escassez generalizada de material sobre essas IFES, que em parte deve-se ao fato de essas instituições serem relativamente novas.

As fontes priorizadas foram as orais, fornecidas pelos agentes, que contribuíram especialmente para a compreensão das mentalidades e das práticas cotidianas durante a construção histórica.

Apropriei-me dessas fontes tendo como fundamento a perspectiva de que os dados orais servem para confirmar as demais fontes, assim como outras fontes servem para confirmar os relatos orais (PRINS, 1992). Por isso, a presente pesquisa faz uma articulação constante entre as fontes orais, científicas e institucionais.

Com os relatos orais é possível perceber as estratégias adotadas, as escolhas, a relação de força, as significações simbólicas, as lutas, os dramas abafados, as coisas deixadas de lado, e que, para o senso comum, tem aparência de ordinário e insignificante (DEL PRIORE, 1997).

A coleta de dados orais foi o maior desafio da pesquisa. Primeiro pela necessidade de me deslocar aos estados para colher os depoimentos dos funcionários, que exigiu recursos financeiros para passagens aéreas, estadias e alimentação.

Segundo que, apesar dos depoimentos orais serem especialmente valiosos na apreensão das ações e condutas no âmbito do cotidiano das bibliotecas, os agentes, no entanto, têm uma predisposição a descrever o seu dia-a-dia, sem relacionar suas ações com as estruturas. Neste caso, foi preciso fazer uma crítica constante, para tentar encontrar o peso das estruturas sobre as representações dos entrevistados.

Terceiro, pela constante preocupação com a vigilância epistemológica, pois faço parte do objeto de estudo. No caso de Roraima, fez com que, no início, eu construísse um discurso que me distanciava da pesquisa, chegando a referir a mim

mesma como se fosse uma estranha. Foi preciso a intervenção da minha orientadora para lembrar que, principalmente na perspectiva de Bourdieu, eu já estava presente na pesquisa com as minhas opiniões, minhas representações, enfim, meu *habitus* incorporado já estava presente.

Por último, o maior dos meus receios era que, inicialmente, os sujeitos da pesquisa se resumiam aos bibliotecários das instituições, mas minha orientadora, o co-orientador, colegas do mestrado, instigaram-me a ampliar o foco para os funcionários das bibliotecas como um todo. Como eu estava contra todos, segui as orientações, mas entrei numa crise que dificultou a operacionalização do trabalho por uns dois meses.

Minhas apreensões giravam em torno da dificuldade de discutir as disposições estruturadas (e estruturantes) dos técnico-administrativos, acerca da problemática do pouco envolvimento profissional e dedicação à Universidade e ao serviço público como um todo. Durante a minha atuação como bibliotecária da UFRR, fiz parte de um grupo de funcionários que criticava e ao mesmo tempo sentia o impacto dos freqüentes atrasos, ausências, apatia e baixa produtividade.

Expor essa realidade se transformou num grande desconforto, mas ao mesmo tempo, se eu não o fizesse, se eu escamoteasse essas discussões, eu temia que ao término do trabalho, eu chegasse à conclusão de que nada valeu a pena. Essas preocupações, porém, foram dissipadas com os funcionários da UFAC, que me ajudaram a discutir esse campo de luta específico. Com as experiências e os relatos deles me entreguei ao que a pesquisa tinha a elucidar e deixei de me preocupar com as possíveis críticas.

As entrevistas não foram realizadas com todos os funcionários que atuaram nas bibliotecas. Houve a preocupação em ouvir os auxiliares mais antigos e os que trabalharam nas BUs por vários anos. No que tange aos bibliotecários e dirigentes o número é bem reduzido, visto que a história dessas bibliotecas é marcada pela carência de profissionais e pelo seu pouco tempo de existência. Só o Acre teve a sua Universidade federalizada na década de 70, Rondônia foi criada na década de 80 e Amapá e Roraima nos anos 1990. Esta última, durante o recorte temporal dessa pesquisa, teve apenas 04 bibliotecárias, duas delas atuando também como dirigentes.

Os depoimentos foram colhidos por mim durante o mês de agosto de 2008, sendo uma semana para cada estado. Foram entrevistados 25 profissionais, sendo

seis bibliotecários, com uma média de seis pessoas em cada universidade. O instrumento utilizado foi o MP4, que gera arquivo digitais, o que facilita a socialização dos depoimentos para posteriores pesquisas. No início de cada sessão de entrevistas, os depoentes assinaram um termo de compromisso doando seus depoimentos. No decorrer do trabalho, apresento de forma mais detalhada a execução das entrevistas em cada universidade.

Ao término da sessão diária de visitas, onde além das entrevistas, eu também realizava levantamentos bibliográficos sobre as instituições, fiz algumas observações por escrito das apreensões acerca dos entrevistados, do espaço das bibliotecas, às vezes da universidade e, em alguns casos, até do estado. Além dessas observações, também anotei relatos velados que os entrevistados não queriam registrar, conversas ao pé do ouvido, silêncios e omissões significativas.

Bourdieu (2007a) afirma que o pesquisador não tem qualquer possibilidade de estar à altura do seu objeto. Pelo menos no tocante a este trabalho, essa premissa é verdadeira. Pois uma das emoções vivenciadas durante esse processo, foi o grau de satisfação e o agradecimento que alguns entrevistados manifestavam por terem sido lembrados para dar seus depoimentos. É o que mostra a fala de Euza Cavalcante da UNIR:

Eu espero muito que você tenha sucesso em mostrar a nossa realidade para as pessoas.⁴

Apesar de ler em Thompson (2002) acerca dos efeitos que os relatos orais causam nos entrevistados e em Bourdieu (2007a, p.704) sobre o fato dos entrevistados parecerem aproveitar a situação como uma oportunidade excepcional para testemunhar, se fazer ouvir, “levar sua experiência da esfera privada para a esfera pública”, foi muito gratificante pra mim ouvir esses comentários dos entrevistados, pois me deram a certeza que o caminho investigativo que escolhi, estava correto.

⁴ Euza Cavalcante, auxiliar de biblioteca da UNIR, 20/08/2008.

2 A CONSTRUÇÃO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL

Com vistas a investigar a gênese das estruturas e do *habitus* determinantes nas bibliotecas universitárias, faço uma incursão pela construção histórica das bibliotecas universitárias brasileiras, onde procuro compreender quais as políticas que mais tiveram impacto sobre o pensamento e as práticas dos profissionais que atuaram nessas bibliotecas, bem como sobre o seu cotidiano.

A análise tem como referência o recorte temporal da investigação e como pano de fundo os aspectos conjunturais predominantes entre os governos do regime militar e o fim do governo de Fernando Henrique Cardoso.

2.1 OS PRIMÓRDIOS

Com vistas a compreender as mudanças de mentalidades determinantes no cotidiano das bibliotecas, no decorrer da história brasileira, farei uma breve discussão sobre os movimentos que originaram as práticas nessas bibliotecas.

Castro (2000), em seu clássico trabalho sobre o berço da Biblioteconomia brasileira, aponta cinco fases na divisão histórica da formação de bibliotecários, expostas no Quadro 1:

PERÍODO	MOVIMENTO
1879-1928	Movimento fundador da Biblioteconomia no Brasil de influência humanística francesa, sob a liderança da Biblioteca Nacional
1929-1938	Predomínio do modelo pragmático americano em relação ao modelo humanista francês
1940-1961	Consolidação e expansão do modelo pragmático americano;
1962-1969	Uniformização dos conteúdos pedagógicos e regulamentação da profissão.
1970-1995	Paralisação do crescimento quantitativo das escolas de graduação e crescimento quantitativo dos cursos de pós-graduação; busca da maturidade teórica da área.

Quadro 1: Gênese das práticas bibliotecárias

Fonte: CASTRO(2000)

Castro(2000) não faz menção, mas no período de 1965 a 1985, o predomínio americano continuou sendo a tônica na prática bibliotecária, principalmente com a total incorporação do ideário americano nas universidades brasileiras durante o regime militar. No entanto, em outro estudo, Castro e Ribeiro (2004) falam que a expansão dos Cursos de Biblioteconomia ocorreu, na sua maioria, na pós-reforma universitária de 68, portanto, no auge do regime militar, na mesma proporção em que eram fechados os cursos de Sociologia, Antropologia e Filosofia.

Como toda transição, o deslocamento do modelo humanístico para o modelo pragmático também se deu na base de conflitos. Os profissionais pragmáticos, que defendiam o domínio da técnica, eram especialistas e se diziam progressistas e modernos.

A mudança da imagem do bibliotecário humanista, conservador, imperfeito, para progressista e moderno dava-se na medida em que este não se preocupava somente em adquirir livros e pô-los em ordem, mas o seu interesse maior era que todos os materiais existentes na biblioteca fossem lidos e consultados (...) (CASTRO, 2000, p. 121).

Os pensadores do modelo pragmático afirmavam que o profissional especializado não teria condições de atuar em bibliotecas públicas, escolares e universitárias, de caráter mais generalista e que somente as bibliotecas especializadas poderiam contribuir para o progresso da ciência.

Esse novo profissional surgiu com o nascimento das bibliotecas especializadas no Brasil, que por sua vez, vinham a reboque da então emergente Ciência e Tecnologia (C&T) no país. Para Castro (2000), a nova postura não se processou por vontade destes profissionais, mas pelas pressões externas que exigiam uma postura mais dinâmica e participativa diante do avanço da C&T e das mudanças no campo educacional e social.

Note-se que, apesar de os pensadores afirmarem que as bibliotecas universitárias não se enquadravam nessa nova perspectiva, a história mostrou que ao lado das bibliotecas especializadas, as universitárias também acompanharam as inovações, mesmo porque as universidades brasileiras sempre foram as principais responsáveis pela geração de conhecimento científico.

Corroborando com essa afirmação, Castro (2000) diz que os profissionais de Biblioteconomia mais valorizados eram os que atuavam nas bibliotecas

especializadas e universitárias. Seu capital simbólico era acumulado com base no nível salarial, no status, nas condições de atualização e no uso das modernas tecnologias de informação, em detrimento das bibliotecas públicas e escolares, demonstrando o quanto a trajetória da Biblioteconomia tem sido irregular.

Como bem afirmou Castro, a fase pragmática absorvia saberes especialmente americanos, onde se estabeleceu a área da ciência moderna e que exportou a noção de especialização e domínio da técnica para o mundo, principalmente para a América Latina.

Esses saberes eram impregnados pelo liberalismo americano, cultura política atualmente dominante, caracterizada como racionalista, universalista e individualista. Para Mészáros (2005, p.42), esta ideologia dissemina um estado social mínimo e a desigualdade onde “as medidas que tinham de ser aplicadas aos ‘trabalhadores pobres’ eram radicalmente diferentes daquelas que os ‘homens de razão’ consideravam adequadas para si próprios”.

Essa influência afastou os profissionais quase que totalmente dos problemas sociais e cotidianos do contexto nacional, adotando posições destituídas de criticidade e alheias a macroquestões sociais, culturais e econômicas. (CASTRO, 2000).

O modelo também foi responsável pela quase inexistência de intelectuais entre os profissionais de Biblioteconomia, cuja predominância é de técnicos com pouco senso crítico. No âmbito universitário, tal carência gera entre os bibliotecários uma dificuldade de se inserir e interagir no cotidiano desse campo, pois demanda profissionais atualizados, questionadores e plenamente envolvidos com a pesquisa científica.

Houve, ainda, uma acomodação diante das representações estereotipadas geradas entre os vários setores da sociedade, o que fez com que os profissionais se representassem e à Biblioteconomia, de modo apolítico quando promovem a profissão (AMARAL, 1995). Absorveram o senso comum, com seus esteriótipos e preconceitos, e os mantiveram como representações próprias.

O modelo pragmático foi predominante no Brasil até a década de 80, quando surgiram os primeiros defensores de um modelo social. Sua consolidação se deu principalmente pelo regime militar com sua concepção de estado tecnocrático e, ainda hoje, se mantém fortemente nas práticas empregadas no interior das bibliotecas.

Na próxima sessão iniciarei a incursão sobre a história das bibliotecas universitárias federais conforme o recorte já apresentado. Apesar de esse recorte ter sido delimitado com base na criação das bibliotecas aqui estudadas, acredito que esse tenha sido o período histórico de maior importância para o desenvolvimento das bibliotecas universitárias brasileiras, haja vista que foi o período em que, ao lado das transformações ocorridas nas universidades, elas mais cresceram e consolidaram uma identidade própria.

2.2 O REGIME MILITAR E OS IMPACTOS DA REFORMA DE 1968

Gico (1990), principal referencia desse estudo acerca das bibliotecas universitárias durante o regime militar, afirma que, enquanto reprimia duramente os seus opositores, o regime orquestrou a reorganização do ensino superior de acordo com a sua concepção de estado tecnocrático-civil-militar(1964-1984), cuja característica principal era o excessivo controle do sistema educacional.

Conforme a autora, o primeiro acordo entre o MEC e a Agencia Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), em 1965, tinha como objetivo elaborar uma série de planos para ampliação e reestruturação do sistema de ensino universitário brasileiro. Uma das primeiras constatações registradas pela USAID eram as estruturas obsoletas e bibliotecas insatisfatórias. Os resultados dessas constatações levaram a implementação da Reforma Universitária de 1968.

Gico (1990) afirma que, para garantir a implementação da reforma, a repressão aos intelectuais comprometidos com um projeto progressista de universidade foi desencadeada. O que facilitou a busca de consultoria técnica, e americana, junto às instituições como a USAID, a técnicos como Rudolph Atcon, colaboradores brasileiros como o Coronel Meira Matos e o Grupo de Trabalho para a Reformulação da Universidade (GTRU). Com os relatórios e os planos dos consultores, a reforma foi amplamente incentivada e financiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) ao Ministério da Educação.

Gico(1990) diz que as bibliotecas universitárias não foram citadas pela reforma, mas foram mencionadas nos relatórios e trabalhos posteriores, e entregues pelos consultores estrangeiros ao governo brasileiro, cujas recomendações foram:

- a) **integração ao centro básico** – suas instalações deveriam estar bem no centro do campus, de modo que os acessos irradiassem dela para todas as direções, porque o campus é um conjunto composto pelos departamentos básicos do conhecimento. Sua estrutura deve ter colunas fortíssimas para uma possível expansão vertical, embora fosse recomendado a todos os prédios expansão horizontal;
- b) **atuação como biblioteca central única** – centralização de todo o acervo bibliográfico e serviços da universidade, com vistas a maior economia na aquisição dos materiais bibliográficos, maior racionalização na distribuição de pessoal, padronização dos serviços e facilidade no uso de informação concentrada num só recinto. Tais recomendações foram duramente criticadas por professores e alunos, visto que a centralização não fazia parte da cultura universitária. As tensões aumentaram pela forma autoritária com que foi implementada, setores das universidades tiveram que abrir mão das bibliotecas de suas unidades para que essas fossem incorporadas à Biblioteca Central;
- c) **institucionalização da biblioteca central enquanto órgão suplementar** – as universidades passaram a ter órgãos suplementares de natureza técnica, cultural, etc. Esta medida levou as bibliotecas centrais à condição de departamento autônomo subordinado diretamente a Administração Superior, para facilitar a consulta quando decisões importantes de política administrativa fossem tomadas;
- d) **exigência da biblioteca para autorização e reconhecimento de cursos** – tal medida funcionou plenamente para avaliação dos cursos de pós-graduação, o que não aconteceu para os cursos de graduação, principalmente das universidades particulares, pois as bibliotecas eram instaladas em caráter pró-forma, sem nenhuma condição de funcionamento.

As recomendações tinham caráter de obrigações, porque o MEC só liberava verbas para as universidades que tivessem os padrões da reforma plenamente acatados. Após a elaboração das plantas arquitetônicas, essas eram encaminhadas ao BID, que à época dava prioridade para a construção das bibliotecas. Na Região Norte e Nordeste as universidades recebiam esse financiamento das

Superintendências de desenvolvimento, no caso SUDENE e SUDAM, que repassavam as verbas dos acordos firmados com a USAID, Aliança para o Progresso, etc. (GICO, 1990)

Todas as universidades que construíram seus *campi* de acordo com os moldes da reforma, tinham que, obrigatoriamente, construir bibliotecas centrais, tendo como modelo a Biblioteca da Universidade de Brasília – UNB, apesar da diversidade histórica. “A UNB teve uma biblioteca central sem a existência anterior de outras bibliotecas fragmentadas em escolas isoladas, faculdades, institutos, departamentos, etc.” (GICO, 1990, p. 122).

A autora acrescenta que, caso os bibliotecários da instituição demonstrassem a necessidade de consultorias, era obrigatória a presença de um consultor estrangeiro, principalmente americano.

A centralização foi a tônica das políticas públicas do Governo militar, em todas as esferas institucionais do Brasil. Tendo como principais objetivos a canalização de esforços e redução dos recursos quase inexistentes e, mesmo nos setores onde havia amplos investimentos, a centralização garantia o controle.

Tal perspectiva gerou na comunidade universitária, sentimentos que oscilavam entre paixões dos grupos beneficiados e a insatisfação de outros, principalmente dos catedráticos que perdiam o comando. As bibliotecas, por sua vez, perderiam sua identidade, o apoio, a administração e os recursos dos setores aos quais eram agregadas. Aqueles que desempenhavam suas funções nas bibliotecas isoladas de entidades de renome, ressentiam-se com a perda de poder que a centralização representava para eles, bem como a falta de apoio dos professores famosos (GICO, 1990).

Ao término do processo de centralização, já no fim da década de 1970, viu-se uma realidade híbrida, pois algumas estruturas construídas no período anterior ao Regime, conseguiram manter suas instalações originais, enquanto outras se anexaram aos novos *campi*. (CUNHA, 2001)

Atrelados aos projetos de construção e centralização das bibliotecas universitárias, os convênios MEC-USAID também indicaram um projeto de treinamento para preparação de dirigentes das bibliotecas centrais para todas as universidades. Para o Professor Atcon, o curso deveria ser ministrado pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT) e dirigido especificamente para a

preparação uniforme de diretores de bibliotecas centrais (GICO, 1990). O curso era dado aos profissionais das universidades que haviam aderido às novas determinações,

sua finalidade era o aperfeiçoamento dos estudos de estrutura e serviços de Bibliotecas Centrais e Setoriais das Universidades Brasileiras, bem como 'criar novas atitudes, hábitos e procedimentos. Enfim, criar uma nova mentalidade e formar uma consciência de reforma entre os responsáveis por esses órgãos de apoio à Educação, Ciência e Cultura'. (GICO, 1990, p.144)

A ideologia estava posta. Mas esses cursos não conseguiram homogeneizar as mentalidades, pois os bibliotecários estavam divididos: uns defendiam as vantagens técnicas da reforma, outros acreditavam e defendiam a melhoria dos serviços, enquanto outros mostravam-se indiferentes. Alguns grupos de bibliotecários insatisfeitos procuraram outros empregos ou “deram um jeito” de não trabalhar nas bibliotecas centrais. Na UFPE, o Reitor teve que contratar profissionais externos à Universidade, para fazer cumprir as normas da reforma (GICO, 1990, p.146).

Com a exaustão do milagre econômico, entrou em cena o corte de verbas em todos os setores das universidades, a ponto de muitas delas terem de paralisar importantes atividades de ensino, de pesquisa e de prestação de serviços. (CUNHA, 2001). O fim do milagre deixou as bibliotecas centrais com vários problemas em suas estruturas físicas, decorrentes da má qualidade das construções. Problemas como falta de eletricidade, infiltração e falta de água para beber e para limpeza, transportes deficientes para usuários, etc.

Miranda (1978) dá uma idéia de como essas bibliotecas se encontravam. Este comenta que nos dez anos anteriores, foram construídos grandes edifícios de bibliotecas e vários estavam em processo de construção. Mas as bibliotecas universitárias brasileiras enfrentavam uma crise de crescimento devido à renovação universitária, à tentativa de transformação dos métodos de ensino e aprendizagem, à explosão demográfica no ingresso de discentes, à intensificação de pesquisas e da extensão e, sobretudo, devido à capacitação de docentes na área científica e tecnológica que demandam serviços cada vez mais sofisticados.

Apesar de todo o crescimento universitário, as bibliotecas não cresceram nas mesmas proporções em termos de aquisição de material bibliográfico e na

facilidade de seus serviços. Muitos dos problemas foram gerados pelas imposições da reforma, como a centralização. Miranda (1978) elencou os principais:

- a) **Estrutura administrativa** - nas universidades federais não existe um critério unificado quanto à estrutura administrativa da(s) biblioteca(s). Idealmente, deveria existir uma biblioteca central ou um núcleo da coordenação de bibliotecas em cada universidade com suficiente autonomia para cumprir seus objetivos. Um orçamento próprio e definido, planejamento e estabelecimento de metas são pré-requisitos para qualquer empreendimento sério. A ausência de uma estrutura administrativa definida, com atribuições claras e objetivos explícitos vem dificultando, sobremaneira, o desenvolvimento dos serviços bibliotecários na maioria de nossas bibliotecas universitárias. Os empecilhos são grandes, mas a ausência de critérios e planos é maior;
- b) **Processos técnicos** - poucas bibliotecas universitárias podem orgulhar-se de contar com catálogos atualizados e completos. Os sistemas de classificação variam majoritariamente entre a CDD e a CDU⁵ e, em certos casos, ambos sistemas sobrevivem às vezes numa mesma universidade (em diferentes bibliotecas) ou, até mesmo, em diferentes coleções de uma mesma biblioteca. Naturalmente que isto afeta a compatibilidade de serviços, sobretudo nos catálogos coletivos, mas a reclassificação é excessivamente onerosa para constituir-se em solução viável. Ainda quanto aos processos técnicos, caberia ressaltar os fracassos nos dois processos mais importantes sob a perspectiva dos serviços à comunidade: na seleção e na referência;
- c) **Pessoal** - as estatísticas demonstram que, apesar do progresso nos últimos anos, ainda era diminuto o número de bibliotecários em relação ao universo de usuários. Os processos técnicos e as tarefas administrativas consomem quase todo o tempo e a força de trabalho de pessoal graduado. Por outro lado, o despreparo dos profissionais que servem a Biblioteca é um dos problemas que mais afetam a sua atuação. Com o incentivo crescente à capacitação de docentes, o nível de especialização de nosso professorado vem aprofundando-se o que implica em demanda de informação mais sofisticada e específica. Por

⁵ CDD e CDU são códigos de classificação de assuntos utilizados para ordenar os livros nas estantes.

outro lado, o bibliotecário de nossas universidades não teve o correspondente incentivo à capacitação permanente. Ao contrário, os mais jovens e os mais ambiciosos optaram pelo ensino (para usufruir dos privilégios) ou foram atraídos por melhores oportunidades e melhores salários nas bibliotecas especializadas e nos sistemas nacionais de informação;

- d) **Identidade bibliotecária** - o grande obstáculo ao desenvolvimento de serviços bibliotecários parece ser a nossa precária tradição na área biblioteconômica. Não abundam, entre nós, os modelos de bibliotecas com serviços eficientes e uma infra-estrutura compatível com os seus objetivos. Ainda vivemos no "vir-a-ser" e imitamos os modelos estrangeiros. Seja como for, é a nossa própria experiência (aliada à estrangeira, sem dúvida, mas com cautela) que poderá mostrar-nos com segurança o caminho a trilhar. É antes de tudo, uma **mudança de mentalidade**, de atitude, paralelamente aos recursos humanos, financeiros e materiais que devemos conquistar.

As bibliotecas também presenciaram, durante esse processo, a negação do próprio livro no interior das universidades, ao invés da ampliação da sua produção, situação que seria condizente com uma expansão do ensino superior.

(...) Cedeu lugar, essencialmente, ao uso de recursos didáticos, antes complementares, como o mimeógrafo e a xerox, que foram sucessivamente substituindo o livro. A própria manutenção de uma biblioteca satisfatória que seria o mínimo que se exigir, é sequer imaginada. A especial opção do ensino pelo tipo de curso ministrado exclusivamente na base da voz e do giz, em geral, indica nossa 'vocação educacional' (GICO, 1990, p. 169).

A autora qualifica os resultados da reforma como desastrosos e lamenta que, na época, houve um nível de adesão nacional com a propaganda ideológica da moderniza o e a a o dos outros aparelhos do Estado.

Para alguns autores como Cunha (2001), porém, a Reforma de 68, impetrada pelos militares, possibilitou o crescimento do ensino superior a um ritmo até então desconhecido no Brasil, em consonância com os investimentos em pesquisa científica e tecnológica.

2.3 A DÉCADA DE 1980 E O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA PARTICIPATIVA

A abertura política da década de 1980 presenciou a emergência de um novo cenário de reafirmação política da sociedade brasileira e com ela uma grande produção científica sobre os novos movimentos sociais (SILVA, 2003). Acompanhando a tendência, proliferaram estudos e pesquisas na área de Biblioteconomia, acerca do papel social e político das bibliotecas, entre os quais estão Cysne (1993) e Gico (1990) que cito neste trabalho.

Foram principalmente os movimentos sociais brasileiros que impulsionaram a participação na composição da nova Carta Magna de 1988, o que garantiu que o texto constitucional fosse um marco na democratização e no reconhecimento institucional dos direitos sociais.

No que tange a prática bibliotecária, Cavalcante (2007, p.95) afirma que até então os bibliotecários tinham a tendência de “olhar para dentro”, visavam mais o documento do que o usuário, inseridos numa prática dissociada da sociedade, da política, do cidadão e da vida, voltada principalmente para o acervo, o processamento técnico e a palavra escrita.

Tais discussões geraram uma espécie de mal estar com a questão da qualidade técnica, ou a chamada predominância do modelo tecnicista, como vimos em Castro (2000) e fez emergir uma consciência renovada, voltada para o predomínio da concepção social das bibliotecas.

No âmbito das universidades, no entanto, é a C&T que dá o tom das mudanças estruturais. O período de 1984/85 aparece como de extrema importância para o planejamento desse setor no Brasil. Com a articulação do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) foram constituídos vários grupos de trabalho, de diversas Instituições, voltados para elaborar a Ação Programada em Informação, Ciência e Tecnologia (ICT), com a participação de mais de 1000 profissionais oriundos de sociedades científicas, agências de C&T, associações de classe e outros (CHASTINET, 1989).

Assim como a Reforma Universitária de 1968, as bibliotecas universitárias não foram mencionadas no documento, apesar de existentes em todas as instituições participantes. Contudo, foram beneficiadas com as diretrizes da Ação e, diante da oportunidade, iniciaram as discussões para a criação de um plano que tivesse como pressuposto formular uma política para a área de bibliotecas

universitárias. Em abril de 1986 criam o I Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU), composto por 12 diretrizes e 46 ações. (CHASTINET, 1989; GARCIA, 1991).

Para assegurar as condições necessárias foi criado ainda, na mesma ocasião, o Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias (PROBIB), sob a responsabilidade da Secretaria de Ensino Superior (SESU) do MEC. De acordo com o regimento do programa, o PROBIB era constituído de uma Secretaria Executiva e de um Comitê Técnico Assessor (CTA) (CHASTINET, 1989; GARCIA, 1991).

Conforme Chastinet (1989), O PROBIB implementou dez programas: o Programa de Pesquisas, Estudos Técnicos e Desenvolvimento de Recursos Humanos para Bibliotecas Universitárias (PET); o Programa de Ação Planificada de Periódicos para Bibliotecas das IES (PAP); a Central de Duplicatas de Periódicos; o Projeto BIBLOS (financiamento de livros para a graduação); a Central de Catalogação Cooperativa – apoio à Rede BIBLIODATA; a Automação de Bibliotecas; a Cooperação Nacional (orientação técnica às BUs); o Apoio a projetos específicos; o Apoio à realização de eventos; e à Produção de documentos.

Chastinet (1989) atribui a criação do PNBU à efetivação da Ação Programada do ICT. Contudo, as duas autoras concordam que um dos fatores de fundamental importância para a gestação e implementação do Plano, foi a inovadora e ampla participação dos bibliotecários. Para Garcia(1991) essas ações foram inspiradas pela prática do espírito democrático, na época exercido pelos novos movimentos e sujeitos sociais, reconquistado com a redemocratização do país e o respeito à liberdade no que se refere à autonomia das instituições e à opinião das pessoas.

Outro ponto de concordância entre Chastinet (1989) e Garcia (1991) diz respeito à importância dos Seminários Nacionais de Bibliotecas Universitárias (SNBUs), que desde a década de 1970 são realizados a cada dois anos.

Garcia (1991, p.5) afirma que os SNBUs propiciaram a construção da “consciência crítica da biblioteca universitária (sic)”, diante das dificuldades crescentes, somadas aos problemas relacionados às históricas condições precárias das atividades de informação e documentação nas universidades brasileiras.

Há que se destacar que durante a realização do 6º SNBU, financiado com recursos do PNBU em 1987, foi criada por iniciativa da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), a Comissão Brasileira de Bibliotecas

Universitárias (CBBU), que até a presente data, representa os interesses políticos e as demandas das Bibliotecas das IES.

Apesar da ampla participação de especialistas e bibliotecários na gestação, alguns estudiosos criticaram o direcionamento do PNBU, por este ter atuado, quase que totalmente, em torno de problemas técnico-administrativos e técnico-profissionais, e não no direcionamento aos usuários e serviços, desprezando uma espécie de consenso social, onde as diferenças regionais, em matéria de acesso à informação, pudessem ser diminuídas (GICO, 1990).

O tempo mostrou, contudo, que o PNBU não conseguiu criar uma cultura política no Brasil favorável às bibliotecas. Durante os quatro primeiros anos não funcionou com dotação orçamentária própria dentro do MEC, já que era deste que provinha a maior parte dos recursos. O volume investido foi declinante durante os quatro anos de implementação, ou seja, do valor total (US\$ 7.533.254,00), 32,5% foi distribuído em 1986, 28,6% em 1987, 18,7% em 1988 e 20,2% em 1989. Para Garcia (1991) foi essa vulnerabilidade que contribuiu decisivamente para a desativação do Plano, tão logo ocorreu a mudança para o novo governo.

A grande articulação junto às agências de fomento não garantiu o prestígio necessário à institucionalização do Plano, fundamental à sua manutenção. A administração superior do MEC protelou a institucionalização do PROBIB, que ocorrera no fim do governo Sarney, mas não assegurou a sua continuidade, vindo a declinar gradativamente.

A vigência do Plano ocorreu bem na época em que o Brasil encontrava-se numa grande crise política e econômica, o que também contribuiu para dificultar a distribuição e aplicação eficiente dos recursos, tendo em vista a alta constante da inflação.

(...) Foram contabilizados nesse período oito planos de estabilização monetária, quatro diferentes moedas (uma a cada trinta meses), onze índices de cálculo inflacionário, cinco congelamentos de preços e salários, catorze políticas salariais, dezoito modificações nas regras de câmbio, cinquenta e quatro alterações nas regras de controle de preços, vinte uma propostas de negociação da dívida externa e dezenove decretos sobre a autoridade fiscal (PEREIRA, 2002, p.36).

Beneficiado pela crise, Fernando Collor de Mello é eleito Presidente do Brasil, em 1989, na eleição que consolidou a ruptura com os trinta anos de

autoritarismo. A partir daí, inicia-se o desmonte devastador da máquina governamental, empreendido logo nos primeiros dias do governo,

É (...) conhecida de todos a corrente de opinião que, em governos anteriores e nesse, contesta a universidade pública. Ainda é recente a tentativa do MEC de 'livrar-se' das universidades federais durante o período Chiarelli ⁶ (GARCIA, 1991, p.29).

Inseridas no rol de ataques do governo contra o serviço público, as condições de manutenção do Programa tornaram-se inexecutáveis e foi desativado.

O PNBU foi um marco entre as ações direcionadas para as bibliotecas universitárias. De acordo com Pinheiro e Loureiro (2004, p. 10), o salto de qualidade vivenciado pelas bibliotecas universitárias pode ser dimensionado pelo crescimento e enriquecimento dos acervos; pela existência de uma política de aquisição planejada nas universidades; pela melhor capacitação de bibliotecários; pela aceleração do processo automatizado e a criação de sistemas de informação universitários e pela modernização de serviços e produtos de informação.

Conforme Carvalho (2004), o PNBU talvez tenha sido o embrião da única política pública para o setor e, até hoje, não são poucas as manifestações que propõem a retomada de programas com a sua envergadura.

Seguindo as diretrizes das ações em C&T, os estados amazônicos também expandiram seus investimentos em pesquisas e sistemas de informações pertinentes ao desenvolvimento da Região. Entre as experiências gestadas nesse período, temos o Sistema de Informação Científica e Tecnológica da Amazônia Brasileira (INFORMAM).

O INFORMAM surgiu em 1982, sob a coordenação do Museu Paraense Emílio Goeldi, para facilitar a produção e a disseminação de informações científicas e tecnológicas sobre a Amazônia. Caracterizava-se como um sistema referencial, com recursos automatizados. No ano de 1986, o Sistema passa a ser coordenado pela UFPA, que investe na cooperação entre as instituições da Amazônia, constituída de uma Unidade Central e várias Unidades Cooperativas, distribuídas pela Região (AZEVEDO, 1989).

O INFORMAM também contribuiu para a atualização e capacitação dos bibliotecários da Região, pois realizou treinamentos, reuniões técnicas, publicou

⁶ Carlos Alberto Chiarelli, Ministro da Educação no Governo de Fernando Collor de Mello, 1990/91.

artigos e outros produtos como o Quem é Quem da Amazônia. Em 1995, suas bases de dados foram disponibilizadas pela internet (CONDURU, 2007).

Na década de 90, passa a ser o Centro Coordenador no Brasil do Sistema de Informação da Amazônia (SIAMAZ), institucionalizado pela Associação das Universidades Amazônicas (UNAMAZ), que funcionava como um sistema de informações científicas e tecnológicas no âmbito dos países amazônicos (BELLESI; SILVA, 1992).

Condurú (2007) lamenta a descontinuidade dessas e de outras redes de informações amazônicas, que para a autora, deve-se à forma isolada como os sistemas atuam e, principalmente, à falta de continuidade dos financiamentos. Atualmente, o INFORMAM está desativado, mas alguns dos seus serviços foram incorporados pelo Portal da Amazônia, mantido pela UFPA, e que também possui bibliotecários em sua equipe de trabalho.

2.4 A INFLUÊNCIA NEOLIBERAL

Durante os dois anos do Governo de Fernando Collor de Mello, as bibliotecas universitárias, assim como outras instituições públicas federais, viveram as incertezas do que ficou conhecida como a Era Collor, apesar da sua curta existência.

Nesse íterim, o Governo colocou em prática as medidas liberalizantes e de desregulamentação, desmembrou a área social em várias instituições, fazendo oposição sistemática à consumação dos direitos sociais, paralisou todas as ações e projetos culturais do país e aprofundou o sucateamento das universidades públicas.

O Brasil incorporou o neoliberalismo durante a Era Collor(1990-1992), apesar de já estar em vigor nos países centrais desde os governos de Thatcher e Reagan⁷ e, no âmbito da América Latina, estar plenamente efetivado na ditadura chilena. Essa entrada tardia no Brasil deveu-se ao fato de, na década de 80, o país estar em processo de abertura política e de conquistas de direitos demandados pelos movimentos sociais, que culminou com a Constituição de 1988. Não por acaso, a Carta Maior foi duramente atacada pelo setor produtivo, que já vislumbrava a adoção de políticas neoliberais no cenário brasileiro.

⁷ Margareth Thatcher, Primeira Ministra do Reino Unido e Ronald Reagan, Presidente dos Estados Unidos da América.

Mas foi no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) que a política econômica brasileira abraçou o ideário neoliberal no que este tinha de mais ortodoxo. A reforma do Estado e do sistema educativo foram uns dos principais focos da chamada modernização do Brasil. É sabido que a história do país sempre foi profundamente marcada pela presença do capital internacional, mas a influência do neoliberalismo “foi o período da história brasileira que mais incorporou as determinações externas de mudanças econômicas e políticas”.(PEREIRA, 2002, p. 159).

Sob a égide das orientações do Banco Mundial, que difundiu o conceito de *governance*, incutiu-se a perspectiva de eficiência, qualidade e flexibilidade como cultura na administração pública, inspirada em elementos da gestão empresarial. Orientações que na prática se transformariam em determinações, pois o Banco Mundial exigiu que os países latino-americanos aceitassem as resoluções em troca de empréstimos (BEHRING, 2003; LEHER, 2001).

“Escolhendo” (BERING, 2003, p.198) essa política, o governo brasileiro instituiu a Reforma de Estado, ou a reforma gerencial, apregoando a superação do patrimonialismo e do excesso de burocracia, presentes na cultura organizacional brasileira em todas as esferas, seja ela pública ou privada, com vistas a estabelecer a cultura gerencial.

Considero, a priori, que a reforma gerencial foi de grande impacto sobre as bibliotecas universitárias, pois consolidou o predomínio da gestão, da eficiência, eficácia e qualidade dos serviços informacionais. Lembrando que na década anterior, surgiram ações embrionárias, através do PNBu, para incorporar a planificação e a administração no cotidiano dessas bibliotecas.

As bibliotecas universitárias estavam acompanhando as mudanças estruturais que ocorriam em todos os setores do serviço público, inclusive das universidades. Behring (2003) discute os princípios gerais da reforma no campo burocrático, dos quais selecionamos os de maior importância para este estudo:

- a) A reforma gerencial era voltada para o controle dos resultados e da descentralização, visando a qualidade, a produtividade e a eficiência do serviço público. Para isso o Governo redefiniu o papel do Estado, transferindo para o setor privado, serviços públicos como educação superior, saúde, assistência social, cultura e pesquisa científica. Processo caracterizado como publicização das políticas sociais, que

através de contratos de gestão, assegurava a dotação orçamentária, ficando o Governo responsável apenas pelo controle. Foi no bojo dessas medidas que se expandiu o terceiro setor, através das Organizações Sociais, ou ONGs, as cooperativas de prestação de serviços, as fundações nas universidades públicas e a proliferação desenfreada de faculdades e centros universitários privados. Outro fator foi o estímulo ao serviço voluntário, como parte de uma estratégia de desresponsabilização do Estado no atendimento e implementação das políticas sociais, deixando-as à mercê da solidariedade e da desprofissionalização dos serviços de atuação de assistentes sociais, professores, bibliotecários, enfermeiros, pedreiros, etc. Ainda hoje há voluntários em salas de aulas, bibliotecas, postos de saúde e outros.

- b)** O programa de estabilização monetária teve a implantação do Estado mínimo como principal bandeira. Com as medidas já descritas no item anterior, o Governo coloca em prática uma brutal contenção dos gastos em todas as áreas, com exceção do pagamento da dívida e de pessoal.

(...) Diante desse quadro, vê-se que diminuiu, na verdade o custo do Estado em políticas fundamentais, enquanto a crise fiscal foi aprofundada por custos com um setor parasitário, sustentado pelas altas taxas de juros: um Estado mínimo para os pobres e os trabalhadores, e um Estado máximo para o capital financeiro (PAULO NETTO apud BERING, 2003, p.204).

No campo científico-universitário, principal cenário das bibliotecas aqui estudadas, Chauí e Cardoso(2004) remontam aos anos 80 e afirmam que o Banco Mundial divulgou um relatório sobre as universidades da América Latina e do Caribe, no qual as universidades públicas são apresentadas como improdutivas, ineficientes e pesadamente burocráticas.

Os autores afirmam que o relatório propusera reformas com as seguintes orientações: transferência das decisões sobre pesquisas e suas avaliações para agências de fomento e para fundações privadas; recomendação de fomento a centros de excelência extra-universitários ou inter-universitários; prioridade para cursos profissionalizantes e de curta duração; escolarização da graduação; privatização de cursos, tanto por meio de fundações e parcerias com empresas privadas, quanto por exclusão de determinados cursos nas universidades públicas e sua transferência para universidades privadas; subvenção pública às universidades

privadas e seu rápido reconhecimento pelas agências de fomento; implantação da pós-graduação lato sensu etc. (CHAUÍ ; CARDOSO, 2004).

No Programa de Governo *Brasil: mãos à obra*, lançado no início do mandato, o Presidente Fernando Henrique Cardoso afirmava que a educação era a base da estratégia de inserção do país no mundo globalizado. Acompanhando a Reforma do Estado, implementada pelo Ministério da Administração e da Reforma do Estado (MARE), essa base levaria o Brasil à competitividade, eficiência e produtividade para, enfim, chegar à modernidade. Com esse intuito, deu-se início a reforma do ensino superior, comandada pelo Ministro da Educação, o economista Paulo Renato de Souza, a partir de 1995 (MENEZES, 2002).

No que tange às bibliotecas universitárias, essa modernização significava a submissão às mazelas da reestruturação produtiva, que por um lado exigiu o aumento da produtividade com a criação de novos cursos e a busca constante de resultados visíveis às avaliações do MEC. Mas, por outro lado, impunha o achatamento dos salários, diminuição do número de funcionários efetivos, a contratação de profissionais precarizados e de bolsistas, bem como a utilização de voluntários. A eficiência e eficácia da reforma gerencial são as mesmas da multifuncionalidade toyotista, ou seja, poucos funcionários fazendo uma gama enorme de atividades.

O objetivo maior dessas alterações, no caso das Ifes (sic), é forçar um aumento de vagas nos cursos de graduação, sem que seja necessário ampliar recursos e repor ou aumentar o número de professores e técnico-administrativos. (...) (CATANI; OLIVEIRA, 2002, p.20)

A nova racionalidade técnica gerou um movimento coordenado para levar as IES a potencializar os recursos para racionalizar o sistema de educação superior, ou seja, organizá-lo nos moldes dos princípios da produção capitalista, a fim de torná-lo mais eficiente, competitivo e produtivo. A intenção era dar resposta ao novo estilo de desenvolvimento científico e tecnológico e às necessidades do capital produtivo, “o que está em jogo é o mercado dos serviços educacionais”. (LEHER, 2001, p.151).

Como em um supermercado (...), o “cliente” (ex-estudante), diante das opções de mercadorias (cursos e instituições), compra a que lhe renderá maior lucratividade, numa relação custo-benefício, em tudo estranha aos valores da formação de indivíduos com vistas à autonomia intelectual. (MENEZES, 2002, p.12)

Tal configuração foi disseminada sob uma forte carga ideológica, a qual defendia a *doxa* que o que é bom para o mercado e para as empresas privadas é bom para os serviços públicos. Por isso, as políticas direcionadas para a educação superior pública no Governo FHC, estavam voltadas para o desaparecimento das IFES e serviam como estratégia para induzi-las a buscar recursos, através de captação externa e da comercialização dos serviços.

Devido a esses novos desafios estruturais, os bibliotecários das BUs absorveram mais que rapidamente a influência neoliberal e sua perspectiva de *governance*, daí a incorporação dos processos gerenciais ao cotidiano das bibliotecas universitárias. Situação perceptível com o aumento de trabalhos técnico-científicos sobre o tema (DIAS; BELLUZZO, 2003; OLIVEIRA, 2000; SEMINÁRIO..., 2004; VOLPATO, 2002).

Percebi, entretanto, que os conteúdos desses estudos são marcados por uma supervalorização dos aspectos voltados para a qualidade e produtividade dos serviços, com base na noção de modernização e de naturalização, numa postura de complacência e de aceitação da *doxa* oficial. É quase inexistente a contextualização do cenário político-econômico em que essas políticas foram geradas e percebe-se uma tendência generalizada ao senso comum referente somente às benesses, e não aos malefícios dessas reformas.

Para Birdssal, apesar do senso comum, faz-se necessário encarar criticamente essas ideologias.

(...) Os bibliotecários não estão, é claro, inconscientes de que este é um tempo de transformação social. Porém, eles evitam análises críticas a estas mudanças: ao contrário, eles têm adotado acriticamente a simplificação popular de uma mudança para uma sociedade da informação. (...) É especialmente importante neste momento que os bibliotecários se preocupem com as relações de poder corporificadas na economia e na organização política porque grande parte das políticas públicas governamentais de informação estão atualmente sob o encanto de uma ideologia da tecnologia da informação. (...) Há uma ideologia que promove fins econômicos em detrimento da vontade política e do poder da cidadania em geral. Essa ideologia promove a soberania do consumidor sobre a soberania do cidadão. Assim, denigre o valor de instituições públicas como a biblioteca e defende a transposição dos serviços que elas oferecem da categoria de bens públicos para a categoria de mercadorias a serem comercializadas no mercado (...). (BIRDSSAL, 2005, p.7)

Além de garantir a manutenção das atividades com um número reduzido de funcionários, os processos gerenciais também vieram dar conta dos novos serviços informacionais, que surgiram a partir do advento da sociedade de informação e da

globalização. Estes, caracteristicamente, eram pautados pela assimilação de Tecnologias da Informação (TIs), acervos digitais e atividades educativas de inclusão digital para os usuários.

Tal perspectiva, levou Oliveira (2000) a inferir que, com base em sua pesquisa sobre as novas tendências mundiais da sociedade da informação, atualmente as funções gerenciais são as que mais exigem atenção dos diretores de bibliotecas.

Assim como no regime militar, o Governo Federal também utilizou-se da mídia e da educação formal para inculcar suas posições e estruturar o novo *habitus*.

A mídia foi fundamental para disseminar a violência simbólica do novo ideário, pois consolidou-se um senso comum, social e governamental, que vê as universidades públicas como expressão da desigualdade social, sua gratuidade significando privilégio num país onde não é respeitado o direito de todos os cidadãos à educação (CATANI; OLIVEIRA, 2002; CHAUI ; CARDOSO, 2004).

No âmbito da educação formal, proliferaram-se cursos de gestão, para disseminar a aplicabilidade do novo ideário nas instituições públicas. Na Biblioteconomia, houve um aumento de cursos de pós-graduação e de pequena duração, voltados para essa temática. Na graduação, inclusive, alguns cursos no Brasil passaram a adotar a gestão como temática predominante, como é o caso da UFAM.

Ao mesmo tempo em que propõe a ampliação das vagas e matrículas nas IFES, o Governo reconhece a necessidade da existência de algumas instituições públicas de alta qualidade, de âmbito nacional, como referência para todo o sistema. São universidades que já possuíam uma longa história de produção, bem como vocação e capacidades institucionais instaladas para a produção de pesquisa científica, mantidas em grande parte com recursos do poder público. Essas instituições teriam apoio das fundações de amparo à pesquisa, objetivando a investigação científica e o incentivo à pós-graduação. “(...) Em outras palavras, universidades de pesquisa.” (CATANI; OLIVEIRA, 2002, p.44).

Essa perspectiva deixa clara a influência da nova divisão internacional do trabalho, em sua versão para a academia: o saber é exclusivo de uma elite que frequenta os centros de excelência, enquanto a maioria é treinada em cursos seqüenciais e instituições de qualidade duvidosa, para o mercado de trabalho.

Excluindo a formação do cidadão, a educação é reduzida a ensino superior, voltado à qualificação para o trabalho (MENEGBEL, 2002).

Essas alterações alcançam de forma mais intensa as universidades federais consideradas de pequeno e médio porte, em razão delas serem ainda mais jovens (sic) e suas identidades estarem em processo de construção. Na verdade, pode-se dizer que suas configurações históricas e seus perfis no contexto local e no campo científico-universitário encontram-se em fase inicial de estruturação, tornando-se mais vulneráveis às determinações do Executivo Federal, aos sinais do mercado e aos processos de ajustamento em curso, de um modo geral, o que ocorre também porque se trata de universidades que possuem status acadêmico pequeno ou moderado no conjunto das federais, em razão do volume de capital que detêm no campo científico-universitário. (...) (CATANI; OLIVEIRA, 2002, p. 54)

A política de incentivo aos chamados centros de excelência foi um duro golpe para as IFES da Região Norte, que ao contrário das demais regiões, ainda estavam em processo de estruturação física e de construção de uma identidade científica.

Algumas dessas universidades foram implantadas nesse período, como por exemplo, o Amapá e Roraima, em conjunto com a criação dos seus Estados a partir da Constituição de 1988. A luta pela criação e manutenção dessas IFES, em plena época da Reforma de Estado, da precarização do trabalho de professores e técnico-administrativos e da redução de recursos federais, já não se revelava uma tarefa fácil. E a estratégia de incentivo a produção científica, restrita ao eixo Sul-Sudeste, aumentou as complicações na Região, pois estabeleceu que as universidades se limitassem à função de reprodutoras, tirando das mesmas o principal fator de atração de professores e técnicos de outras regiões: a pesquisa.

Tal visão estimulou o processo de competição e acentuou os elementos que marcam a vocação e a distinção institucional, com destaque para as mudanças no padrão de financiamento. Começam a ganhar importância ações e práticas corporativas internas, sobretudo por parte de alguns reitores das consideradas grandes universidades federais, em favor de uma disputa mais intensa no interior do sistema federal (CATANI; OLIVEIRA, 2002).

Os profissionais das bibliotecas universitárias tiveram que se adequar a essa nova realidade e também passaram a fazer parte dessa concorrência acirrada, na busca de recursos através de editais, convênios locais, emendas parlamentares. Muitas das inovações realizadas a partir da década de 90, só foram possíveis com a execução de projetos específicos feitos com financiamento externo, como

informatização, aquisição de acervo, contratação de mão de obra terceirizada. Para tanto, os profissionais desenvolveram a capacidade de negociação e elaboração de projetos.

Chauí e Cardoso (2004) lamentam que a cristalização das políticas liberalizantes reduziram as discussões dos problemas universitários ao impasse por mais verbas e melhores salários e à palavra de ordem social e governamental (alimentada pelos meios de comunicação) de questionamento da gratuidade do ensino superior público. Tudo parece restringir-se a um problema de verbas, cuja discussão deixa na sombra outros problemas apontados por professores e estudantes. Para os autores, depois de mais de 15 anos de desqualificação das universidades públicas, é preciso renová-la e revitalizá-la.

Trata-se de propor o modelo de uma universidade *republicana* (e não mercantil) e *democrática* (e não formadora de elites). Sem essa perspectiva, de nada adianta a vinda de mais verbas, pois o modelo existente as destinará para reforçar-se e manter-se em vez de transformar-se (CHAUÍ ; CARDOSO, 2004, p.2).

Catani e Oliveira (2002) afirmam que a reforma foi implantada sob dois grandes eixos: avaliação e autonomia. Na questão da autonomia, a nova ótica teve por objetivo assegurar ampla flexibilidade, especialmente às universidades, que passam a ter várias atribuições livres de controles dos sistemas de ensino. A partir desta perspectiva, as IFES subordinam-se as condições objetivas locais, integrando-se ao desenvolvimento regional e tecnológico, bem como ao setor produtivo. Veremos que, como nos Estados amazônicos aqui pesquisados o setor produtivo sempre foi incipiente, essa subordinação às condições objetivas locais, significou ficar a mercê das oligarquias políticas.

Outro aspecto dessa pressão é a redefinição do relacionamento entre o Estado e o sistema de educação superior. Por um lado, o Estado aumenta a sua função de avaliador e regulador do sistema. Por outro lado, diminui a sua função de mantenedor das IES, públicas e gratuitas, ao mesmo tempo em que pressiona, com o objetivo de racionalização dos gastos, o estabelecimento de uma estrita avaliação da relação custo-benefício e de diversificação de suas fontes de financiamento, sobretudo mobilizando maior volume de financiamento ao setor privado (CATANI; OLIVEIRA, 2002 ; MENEGHEL, 2002).

2.4.1 O Impacto da Política de Avaliação sobre as BUs

As políticas de avaliação da educação superior brasileira estão presentes desde a década de 70, com as avaliações dos cursos de pós-graduação. Após a Reforma Universitária de 68, as bibliotecas passaram a figurar como elemento obrigatório nas IES, sendo requisito essencial para autorização dos cursos. Na prática, porém, as bibliotecas ainda demorariam a ser reconhecidas como um instrumento coadjuvante do processo educativo universitário (LUBISCO, 2002; OLIVEIRA, 2004).

A avaliação da educação superior ganhou mais relevo na década de 90, especialmente a partir do primeiro mandato do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), como um dos principais eixos da reforma na reconfiguração da natureza e da missão do ensino superior. Para o governo a avaliação seria a fonte de parâmetros para as tomadas de decisão e para captação de recursos, conforme competências e potencialidades existentes em cada universidade federal (CATANI; OLIVEIRA, 2002, p.43).

As bibliotecas foram inseridas no rol das dimensões a serem consideradas na avaliação das condições de oferta dos cursos de graduação e nas avaliações para reconhecimento e credenciamento (LUBISCO, 2002).

No âmbito das bibliotecas aqui estudadas, apesar de essas passarem a ser um dos pontos fortes do processo avaliativo, suas pontuações ficavam muito aquém dos padrões de qualidade. Depois da reforma gerencial, a realidade destas bibliotecas veio a piorar, demonstrando uma de suas contradições, pois, de um lado exige alto padrão de qualidade, do outro dificulta todas as possibilidades de atendimento as exigências das avaliações. Pois o Governo Federal não liberou recursos para que fosse revertido o quadro de penúria dessas bibliotecas, impediu a realização de concursos e ainda incentivou programas de demissão voluntária.

Entretanto, algo de inovador surgiu com essa postura do Governo Federal, pois motivou as IFES a captarem financiamentos por seus próprios méritos e a investirem, com recursos próprios, nas suas unidades de informação, através de convênios locais, emendas parlamentares, concorrência acirrada em torno de editais, etc. Ou seja, as IFES passaram a olhar para as suas bibliotecas, como já inferiu Lubisco (2002, p.14), "(...) do lado exitoso, pode-se considerar como fator

favorável a própria inclusão da biblioteca como uma das variáveis a ser avaliada no contexto do curso, o que veio dar visibilidade formal ao setor (...).”

Sabe-se pela história das bibliotecas universitárias que essa realidade era inexistente. Havia um certo abandono das bibliotecas dentro das IFES, com raras exceções, que contribuíram para proliferação de bibliotecas setoriais, como já afirmou Miranda(1978). Mesmo com a criação do PNUB, as bibliotecas não tiveram uma atenção tão prestimosa das suas IFES. Após as avaliações, as bibliotecas universitárias passaram a figurar como elemento fundamental nos planos e programas internos de suas Instituições.

Tanto as universidades públicas como as privadas focaram investimentos nos indicadores avaliados pelo MEC, no caso, a estrutura físico-administrativa como horário de funcionamento, informatização do acervo, informatização do sistema de consulta, informatização do sistema de empréstimo, política de atualização e quantitativo do acervo, participação em redes, equipamentos, pessoal técnico, salas especiais para estudo individual e em grupo (LUBISCO, 2002).

Foi a partir das avaliações, que muitas bibliotecas universitárias federais instalaram seus sistemas de informatização, pois de acordo com Carvalho(2004), a maior parte dessas instalações concentraram-se na década de 90. No âmbito da Região Norte, a maioria das bibliotecas finalizou a informatização depois do ano 2000. As BUs também receberam investimentos anuais para atualização e ampliação do acervo, modernizaram-se e, em alguns casos, ampliaram a estrutura física. As transformações ocorreram na perspectiva das políticas institucionais internas, planejadas e instituídas de forma colegiada, ou seja, a comunidade universitária passou a definir e direcionar, de forma prioritária, os recursos para as suas bibliotecas.

Infelizmente, percebi que as inovações tiveram êxito maior nas bibliotecas cujas universidades federais já tinham um histórico de funcionamento anterior à década de 80 e suas estruturas já estavam bem articuladas. Como veremos, nas bibliotecas foco desse estudo, praticamente aconteceram poucas inovações com as reformas do Governo Federal. Detectei até casos de decadência de bibliotecas universitárias durante esse período, como no Acre e Rondônia.

2.5 O CONTEXTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A análise das influências sóciopolíticas sobre a prática bibliotecária nas universidades mostra-se imperiosa diante da nova configuração da informação na sociedade mundial.

As BUs recebem influências diretas das políticas da área de administração pública, educação superior e, após a ditadura militar, das políticas de informação. Até a década de 1980, as políticas de informação eram restritas aos muros educacionais e científicos. A partir dos anos 90, houve o deslocamento dessas para a expansão do acesso à informações na vida cotidiana dos cidadãos.

No decorrer da década de 90, as políticas de informação passaram a repercutir fortemente no desenvolvimento das BUs. Voltadas para a emergência de uma sociedade da informação no Brasil, as primeiras ações foram instituídas por meio da ampliação do acesso às informações, meios de conectividade, formação de recursos humanos, iniciativa à pesquisa, dentre outras ações.

Contudo, de acordo Suaiden (2004, 2005), as primeiras experiências públicas foram implementadas sob bases equivocadas e não foram bons exemplos de inclusão digital. O autor aponta entre os erros, o fato de poucos bibliotecários terem sido chamados a compor as comissões de discussão, ao contrário de outros países onde esses foram chamados prioritariamente. Um outro fator foi o fato de milhares de computadores terem sido adquiridos e distribuídos para as escolas públicas, mas sem o devido investimento em capacitação e captação de profissionais da informação qualificados para fazer a mediação entre a informação e o usuário.

O Brasil, assim como a maioria dos países da América Latina, tem dificuldades de implantar a sociedade de informação, porque carrega a incapacidade histórica de fomentar o acesso ao livro e à leitura. Passamos rapidamente de uma cultura oral para uma cultura audiovisual, sem termos consolidado uma política prévia de leitura e escrita (SUAIDEN, 2004, 2005).

A sociedade da informação só existirá quando houver para ela uma cultura correspondente. A cultura informacional é mais que o conhecimento e a sensibilização da sociedade para o uso da informação, ou ainda a habilidade dos indivíduos ou grupos de fazer o melhor uso possível da informação. Para tanto, as políticas de informação devem investir em projetos de vulgarização da ciência e

tecnologia, utilizando-se de metodologias de alfabetização em informação e digital (TARAPANOFF; SUAIDEN; OLIVEIRA, 2002).

(...) as informações estão carregadas de estilos de vida, visão de mundo, ideologias, valores, contravalores. Seus conteúdos estão sempre direcionados por interesses humanos, geralmente em proveito dos grupos que controlam essas informações. (...) As informações utilizadas nos processos produtivos, na tomada de decisões, na geração de novas tecnologias são rigorosamente controladas. Entretanto, as informações que geram dispersão, confusão, distração, divertimento, lazer ou veiculam um *modus vivendi*, ideologias desmobilizadoras e concepções fantasiadas do mundo são democraticamente divulgadas. Todas elas parecem conduzir à formação de uma sociedade de consumidores, de sujeitos que ligam seus terminais para consumir informações insignificantes ou informações sobre mercadorias que poderão ser consumidas com maior rapidez e adquiridas com um mínimo de esforço. (SÁNCHEZ GAMBOA, 1997 apud CARVALHO; KANISKI, 2000)

Com o advento da revolução tecnológica foi possível associar a informação bibliográfica com a informação virtual e, nesse contexto, as bibliotecas universitárias federais ampliaram os acervos tradicionais com os acervos digitais. Por isso, foi preciso prestar serviços de disponibilização e disseminação de informações organizadas “em estantes feitas de bits” como diz Sayão (2008, p.4). Livros, teses e dissertações, bases de dados, desde o ano 2000, estão disponíveis na íntegra em sites, ou como é mais comumente usado, em bibliotecas virtuais. Daí a grande importância das bibliotecas manterem seus sites para reunir num só espaço as principais fontes de informação científicas e tecnológicas para seus usuários.

A integração desses acervos digitais à coleção tradicional potencializou os serviços de informação e fez surgir as bibliotecas híbridas (REIS, 2005), que ao contrário do que preconizaram os futurólogos da década de 80 e 90, são as vitoriosas no gerenciamento das coleções digitais e convencionais (SAYÃO, 2008). No Brasil, as bibliotecas universitárias federais se destacam entre as que disponibilizam acervos, catálogos e informações utilitárias no espaço virtual, ou na também chamada biblioteca eletrônica (BERTOLINO, 2000).

Atualmente algumas coleções virtuais são imprescindíveis no acervo de uma biblioteca universitária, onde destacamos as coleções de periódicos eletrônicos e bases de dados disponíveis no Portal da Capes, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), o portal de domínio público do MEC e tantos outros.

3 HISTÓRIA DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS DA AMAZÔNIA

A análise da trajetória do campo, além de demandar a análise das mudanças estruturais, do capital acumulado e do *habitus* incorporado durante o processo histórico, faz-se necessário, ainda, pensar relacionalmente sobre o objeto (BOURDIEU, 2007). Por isso, farei uma prévia discussão sobre as homologias entre as bibliotecas estudadas, bem como sobre suas redes de relações intra e inter-campo.

As bibliotecas da UFAC e UNIR foram estruturadas nas décadas de 70 e 80, nas quais ocorreram investimentos de grande monta nas bibliotecas universitárias, mas que conforme afirmaram seus funcionários, entraram em decadência na segunda metade da década de 1990. As bibliotecas da UNIFAP e da UFRR, por sua vez, foram criadas no início dos anos 90 e sofreram profundamente os impactos do neoliberalismo.

As quatro bibliotecas estão ligadas a universidades que fazem parte de estados originários de territórios federais, com as características e vícios típicos deste tipo de administração, como forte presença de administradores militares e interventores do governo central. Farias (1996) diz que na maioria das vezes, o interventor tinha como auxiliares as pessoas as quais ele mesmo trazia do seu estado de origem, sendo que alguns iam embora quando a sua missão terminava. Tal situação dificultava mais ainda a já conhecida questão da falta de continuidade das políticas governamentais.

Era comum, também, que governadores, militares e políticos nomeados, transformarem-se em líderes de oligarquias, com currais eleitorais mantidos por trocas de favores e apadrinhamentos com o uso da máquina pública. É o caso de Guiomard dos Santos no Acre (Farias, 1997) e Ottomar Pinto em Roraima.

A estratégia mais utilizada por essas lideranças, para sustentar seu domínio e poder simbólico, era o chamado “trem da alegria” (PURCENO, 1999, p.45), fortemente praticado nos territórios federais e que tomou conta das universidades no período em que foram federalizadas.

Costa (1998), Farias (1997), Mibielle (2007) e Moreira (2005) afirmam, ainda, que algumas oligarquias eram contra a elevação dos territórios à estado, outras eram contra a criação de universidades e outras contra o fomento de pesquisas científicas.

A gênese das universidades estudadas era marcada pelo imprevisto, sem estrutura mínima necessária para o funcionamento dos cursos, com bibliotecas contendo acervos deficientes e serviços limitados a empréstimo e circulação de livros.

Até hoje, a situação da maioria dessas bibliotecas é muito parecida com o cenário das bibliotecas universitárias da década de 70, analisado por Miranda (1978) e descrito na Seção 2.2. Utilizei-me esquema do autor para discutir as questões relativas às bibliotecas deste estudo.

No que concerne à **estrutura administrativa**, a maioria das bibliotecas não possuía seus planos de ação, planejamento estratégico, relatórios qualitativos, orçamento próprio definido, manuais de atividades ou participação no planejamento geral da sua instituição.

No âmbito da gestão de pessoal, devido à carência de profissionais em todos os níveis, os gestores dedicavam muito tempo à solução de questões pontuais e conflitos cotidianos, pois tinham que supervisionar servidores que não cumpriam horários e que faltavam constantemente, *habitus* característico do funcionalismo público.

Diante das condições extremas de trabalho, que era a regra dessas universidades, alguns profissionais temiam assumir as atividades de gestão. Apesar da disseminação de técnicas gerencias na década de 90, a maioria dos gestores não estava preparada para exercer o cargo de direção.⁸

Como é comum entre as relações de poder no interior de um campo, vários conflitos e confrontos ocorreram em torno da direção das bibliotecas centrais. Funcionários que exigiam o afastamento de diretores, choque entre profissionais que tinham representações divergentes acerca da prática bibliotecária, além de casos de gestores, que mesmo sendo ótimos líderes, quando saíam da direção colocavam dificuldades para serem liderados.

⁸ Apesar de estar fora da abrangência dessa pesquisa, acho oportuno apresentar a fala de Marcilene Lima, Diretora da Biblioteca Central da UFRR em 2008, que narra um fato ocorrido durante a minha saída para o mestrado, em 2007: “Fui chamada pelo Prof. Roberto Ramos quando você se afastou para o mestrado, ele queria que eu assumisse a Direção da Biblioteca. Eu disse pra ele que tinha medo, mas ele falou que a vida era feita de desafios e que se um dia você viesse a se afastar definitivamente da Biblioteca, quem ficaria na Direção. Por último, ele falou que se eu não aceitasse, ele teria que colocar alguém que não era bibliotecário. Lembrei então do caso do Centur (no Pará). A direção do Centur já foi ocupada por historiadores, sociólogos e outros profissionais, porque os bibliotecários não se achavam capazes de assumir o Centro. Essa lembrança me fez tomar a decisão de assumir a Biblioteca e falei pra ele que aceitava.”

Em relação aos **processos técnicos**, as ações de informatização do acervo de livros foram finalizadas depois do ano 2000, sendo que, devido à carência de pessoal, o processo foi, e continua sendo, bastante demorado, visto que seus depósitos acumulam as doações no decorrer dos anos. A maioria das bases de dados desenvolvidas, seja no Microisis, seja nos programas domésticos, não estão compatíveis com as ferramentas necessárias aos softwares de biblioteca, como o MARC e a ISO 2709.

Os trabalhos de desenvolvimento de coleções eram improvisados, realidade condizente com a falta de planos e manuais de atividades. Seus acervos sempre tiveram números reduzidos e aquém das necessidades dos alunos. As aquisições por compra eram feitas por ocasião da instalação de novos cursos e a maioria não dispunha de planejamento orçamentário para expansão das coleções existentes. As coleções digitais e multimídia ainda não são se caracterizam como realidade da maioria dessas bibliotecas.

O fator **pessoal** foi marcado pelo diminuto número de bibliotecários, que fez com os processos técnicos e as tarefas administrativas consumissem quase todo o tempo e a força de trabalho desses profissionais, situação agravada pela falta de planejamentos.

Em seu estudo acerca do desenvolvimento científico e tecnológico na Amazônia, Costa (1998) aponta como um dos problemas da Região, o alto índice de evasão de cientistas. Detectamos esse problema, também, no âmbito das bibliotecas universitárias estudadas, pois a maioria dos profissionais de Biblioteconomia pediu transferência ou fez concursos para outras instituições.

A evasão de profissionais e a não realização de concursos, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, geraram graves problemas de carência de pessoal, que se configuram, até hoje, como um dos principais desafios dessas bibliotecas, condicionando a inexistência de serviços básicos característicos de bibliotecas universitárias e a baixa qualidade dos serviços existentes.

Tais situações estruturaram uma realidade de acúmulo de trabalho nas mãos de poucos profissionais, sendo que em todas as bibliotecas estudadas, houve épocas em que o diretor da biblioteca era o único bibliotecário, havendo casos até de bibliotecas que ficaram sem nenhum profissional de Biblioteconomia.

Mesmo quando conseguem captar recursos para contratação de pessoal, essas bibliotecas também têm dificuldade de atrair profissionais qualificados. Os

baixos salários, o alto custo de vida dos seus estados e o isolamento geográfico, dificultam a contratação de novos profissionais.

Pelo mesmo motivo, a maioria dos profissionais que entraram por concursos, depois do ano 2000, é composta por pessoas recém-formadas, inexperientes, principalmente no trato com bibliotecas universitárias federais, que exigem conhecimentos técnicos muito específicos e capacidade de organização gerencial e política frente ao cotidiano de desafios.

Apesar de Miranda (1978) utilizar a expressão **identidade bibliotecária**, acredito que o termo *habitus* é mais apropriado para entender a mentalidade e a postura dos profissionais, diante desses desafios estruturais. Muitos bibliotecários não procuraram se atualizar, participar de eventos na área, cursos de aperfeiçoamento ou práticas de auto-aprimoramento, como leitura de livros, periódicos científicos ou listas de discussões. O despreparo desses profissionais foi um dos fatores que mais afetou a sua atuação.

No que tange às políticas públicas que exerciam efeito sobre as bibliotecas universitárias ou até mesmo sobre as universidades federais, poucos funcionários demonstraram conhecer tais questões, principalmente os bibliotecários.

Tais dificuldades fizeram com que a maioria dos profissionais não conseguisse acumular capital social e simbólico que garantisse a articulação, administrativa e política, junto ao campo científico-universitário. O que incorria em constantes conflitos com os alunos e na falta de reconhecimento da biblioteca enquanto setor importante para o desenvolvimento acadêmico e científico da universidade.

3.1 “...ESTÁVAMOS INAUGURANDO O PRÉDIO MAIS IMPORTANTE DO CAMPUS”

A Universidade Federal do Acre - UFAC é a mais antiga biblioteca dentre as selecionadas como campo empírico.

Havia uma certa expectativa de minha parte em conhecer o Estado, devido à aplicação de políticas de governos petistas, que vêm dando incentivos financeiros e técnicos ao desenvolvimento econômico a partir da vocação natural da Amazônia.

Essas políticas são frutos do denominado movimento florestania⁹, cujas ações embrionárias deram-se na luta do movimento dos seringueiros na década de 70 e 80 (ACRE, [2008a]).

A UFAC também faz parte do movimento florestania, especialmente com a Universidade da Floresta, campus localizado no município de Cruzeiro do Sul. O campus já existia desde 1989, mas a partir de 2006, passou a receber investimentos do Governo do Estado para infraestrutura, do Ministério da Ciência e Tecnologia para recursos em pesquisa e equipamento de laboratório e do MEC com a expansão do quadro de professores através de concurso. (ALMEIDA, 2007).

Não foi possível conhecer a Universidade da Floresta e sua biblioteca, pois minha pesquisa se concentrou na Biblioteca Central da UFAC, localizada no principal campus da Universidade, em Rio Branco.

Entrevistei oito pessoas na UFAC, cinco atuam na Biblioteca Central, Nilce Gadelha, Aleuda Malveira, Joaquim Coelho, Raimundo Ferreira e Margarida Reis, sendo esses dois últimos bibliotecários, e três são ex-funcionários, Domingos de Almeida, Raimundo Cláudio e Beneilton da Silva.

Com eles, perdi os temores metodológicos, que já mencionei na Seção 2, acerca das minhas preocupações em discorrer sobre o *habitus* dos técnico-administrativos. Foi, principalmente, com os funcionários UFAC, que discuti mais profundamente esse aspecto.

A capacidade crítica e a determinação desses funcionários os levaram a buscar crescimento intelectual e científico constante e acumular capital cultural na UFAC. Nilce Gadelha fez especialização e continua trabalhando na Biblioteca, Domingos de Almeida atualmente é professor do Curso de Geografia, Raimundo Cláudio é Doutor e trabalha com pesquisas em Economia, Beneilton é Assessor de Comunicação da atual Administração Superior, Margarida Reis fez mestrado e Raimundo Ferreira fez várias especializações.

Durante o regime militar, que como veremos era implacável no cotidiano da Universidade, alguns foram demitidos sumariamente, devido às estratégias que empregavam como subversão à estrutura de mandonismo no interior da Biblioteca.

⁹ Florestania é a união das palavras “floresta” e “cidadania”: um termo novo, criado para descrever os diversos jeitos de se viver na Amazônia. A Florestania é uma tentativa de chamar atenção para o fato de que a humanidade não é o centro, mas parte integrante e dependente da natureza. É uma mudança de conceitos culturais, sociais e econômicos em resposta a uma consciência emancipadora na relação homem-meio ambiente (ACRE, [2008b]).

Domingos Almeida, apontado por todos como uma pessoa obrigatória para se entrevistar, é uma espécie de orgulho entre os colegas. Entrou na Universidade como vigilante, cursando o ensino médio, fez concurso interno para Auxiliar de Biblioteca, e dentro da biblioteca fez o Curso de Geografia e depois História. É ele quem comenta essa característica determinante dos funcionários da Biblioteca da UFAC, em uma entrevista de mais de duas horas, na sua casa, pois estava de licença saúde.

Ali quem não quis crescer foi questão de vontade própria, que nós tínhamos a possibilidade de consultar as obras que estavam à nossa disposição, estar cercado de companheiros que dominam a própria feitura do acervo em si, como é que a coisa se configurava. Se hoje eu cheguei aonde eu cheguei, eu devo pra mim, ao ambiente que eu estava colocado, pra mim isso é fundamental. Inclusive eu aprendi um pouco matemática com o Sildomar Rodrigues da Cunha, funcionário da Biblioteca. Porque era sempre assim, tinha um que fazia Geografia, que era meu caso, (...)eu podia ensinar Geografia para um colega. Eu também fazia História juntamente com outro colega, que hoje é Doutor do Departamento de História, no caso Roberto Alves de Sousa, eu tinha possibilidade de discutir História com o cara. (...) Beneilton foi uma das figuras que cresceu dentro da Biblioteca, dentro da Biblioteca ele foi fazer o Curso de Letras. Se você for ver os companheiros, isso dá uma tese de doutoramento, dos funcionários que trabalharam na Biblioteca, a despeito daqueles que não quiseram nada, fizeram faculdade e foram guindados para outra coisa. O Beneilton nunca foi professor da Universidade porque não quis, que ele diz que não gosta, não quer, mas tinha toda a possibilidade disso.¹⁰

Das bibliotecas estudadas também foi a mais fácil de colher relatos orais, posto que muitos já não atuam mais na Biblioteca há vários anos, o que os deixavam mais à vontade para falar de quem quisessem e do que bem entendessem. Foi possível com isso captar melhor as relações entre a biblioteca e o campo científico-universitário como um todo, o que não foi muito fácil nas outras bibliotecas estudadas. Com exceção de Domingos de Almeida e Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central, todas as entrevistas foram feitas na própria Biblioteca, numa sala cedida pela Direção.

A UFAC originou-se da Faculdade de Direito, em 1965, mantida pelo Governo Estadual. Em 1971, passa a ser chamada de Fundação Universidade do Acre (UniAcre), já com os Cursos de Economia, Letras, Pedagogia e Matemática e Estudos Sociais. Na ocasião foi empossado o Reitor Áulio Gélvio Alves de Souza, que ficou a frente da Universidade do Acre até o ano de 1983, vindo a liderar o processo de federalização, em 1974, e a consolidação física e acadêmica da UFAC (SOUZA,

¹⁰ Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

2006). Seu livro é uma das principais fontes primárias que utilizei para compor a história da Universidade.

As primeiras informações que obtive sobre a Biblioteca Universitária são do tempo da UniAcre, de 1971. Não consegui informações sobre o seu funcionamento no período das faculdades. Durante a consolidação e desenvolvimento da UniAcre, a biblioteca também recebeu recursos, humanos e materiais, assim como os outros setores da Universidade. Tinha seis funcionários e nenhum bibliotecário, realidade essa que se prolongou até 1976, quando o MEC exigiu uma solução.

Com a federalização em 1974, o MEC mantém a estrutura de cursos existentes, criando outros na capital e no interior. Na segunda fase da implantação, iniciaram-se os contatos com o Programa de Expansão de Melhoramento do Ensino Superior (PREMESU) do MEC, que administrava a construção dos *campi*. O Ministério assegurou a inclusão da UFAC no programa MEC/BID III, o que se tornou uma tarefa demorada.

Em 76, começou a trabalhar a primeira bibliotecária, Cristina Pelijé, de São Carlos, que como a maioria dos profissionais oriundos de outra região, não se adapta ao Acre e em três meses, vai embora. Depois dela, muitas outras passaram pela biblioteca mas logo partiram. No Acre, na década de 70, tudo estava por conquistar, por construir, as comunicações ainda eram incipientes, o salário baixo, não havia atrativos para fixar profissionais no Estado.

Depois de muitas tentativas, a já UFAC decidiu investir em mão de obra local, em vez de trazer profissionais de fora, e propôs a Raimundo Ferreira, que acabara de entrar para o Curso de Letras, que fizesse o Curso de Biblioteconomia em Brasília, o Reitor se responsabilizaria pela transferência. Ele aceita prontamente e em 1977, inicia o curso em Brasília. Logo no primeiro ano, se deparou com uma greve na UNB (SOUZA, 2004).

Quem relata é o próprio Raimundo Ferreira, atual Diretor da Biblioteca, que entrou para a Universidade através do primeiro concurso da Instituição em 1972, como auxiliar de biblioteca. Ele deu uma entrevista emocionada no charmoso Café Teatro, no Centro de Rio Branco.

Pra mim, foi até estranho porque, eu fui um pouco alienado daqui. O próprio Reitor, quando eu sai daqui, disse *Não se envolva em movimentos políticos, fique de fora de tudo*. (...) Tinha sempre um recadinho pra mim, pra eu ligar pra cá, pra ver... não me monitorando assim na rua, mas pra sentir como é que eu estava, se eu estava envolvido nas passeatas. Então tinha todo esse cuidado para eu não me envolver nas questões políticas que estavam

ocorrendo. (...) Ai isso me deu uma certa consciência política. Tinha um professor comigo, o João, todo a disciplina dele, tinha aquele cunho político, o negócio da crítica, porque era um cidadão que tinha sido exilado. Ele pregava a questão da consciência, do regime que estava passando.¹¹

Até 1979, a UFAC funcionou no prédio do Palácio da Cultura, atual Escola de Aplicação, quando foram inaugurados os primeiros blocos, ainda sem recursos do BID. Esses e outros blocos com seus respectivos laboratórios foram construídos com recursos da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), inclusive o prédio da Biblioteca Central, que foi inaugurada em 1982 (SOUZA, 2006).

Quando a maior parte do projeto original de construção do Campus foi concluída, foram liberados os recursos do MEC-BID III e para receber a verba, reformulou-se o projeto original, contemplando compra de livros, mobiliário e equipamentos para a Biblioteca Central (SOUZA, 2006).

Souza (2006) mostra sua visão do que foi a construção da vida acadêmica e científica da Universidade, mas basicamente, mostra uma visão empreendedora, de pessoas fortes, arrojadas, desbravadoras, das grandes personalidades, bem aos moldes das propagandas ufanistas realizadas no regime militar.

Para Farias (1996), no entanto, até outubro de 1984, a UFAC havia sido administrada como patrimônio individual dos seus dirigentes, que faziam o que bem entendiam, tanto no que se refere à destinação dos recursos quanto na contratação e demissão de professores e técnicos administrativos. Os depoimentos dos funcionários também expõem essa realidade:

Naquela época a gente que tava formando aquelas células... que a gente chamava... partidos de esquerda, PCdoB sobretudo. A gente se reunia escondido, então a gente fazia uns encontros um meio clandestinos. Um chegava, outro chegava, nunca chegava em bloco, que qualquer multidão... qualquer aglomeração... por menor que fosse ela já dava a entender que fosse uma conspiração contra o sistema. Então como existia aquela temporada de caça aos comunistas, ou a qualquer pessoa que se levantasse contra o poder instituído, faziam-se as reuniões. E numa delas o Neórico Alves de Souza, que tinha o mesmo sobrenome, por coincidência, do Áulio Gélío Alves de Souza, o Neórico tava na Biblioteca, hoje é um advogado conceituado, mas na época era apenas um servidor da Biblioteca e tinha um jogo de futebol razoável. E numa dessas reuniões alguém disse: "Agora nós vamos ceder a palavra ao companheiro, ou camarada, não me lembro agora, Áulio Gélío Alves de Souza, que por uma coincidência vem a ser primo do Reitor". Uma ironia, uma brincadeira, né. E o Neórico, muito burocrático ele era, aquela voz assim bem... "Olha, eu agradeço o aparte do companheiro, mas quero deixar claro para a base, que eu assino como Alves de Souza, mas não tenho nenhuma relação consanguínea com esse déspota". Vinte quatro horas depois ele estava na rua. (...) num teve nem cartão amarelo, ele

¹¹ Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central da UFAC, 13/08/2008.

foi expulso, excluído. Ou seja, havia pessoas infiltradas no nosso meio, como se fosse participar da reunião, mas eram traidoras mesmo. Existiam nossos Joaquim Silvérios. E outros... aconteciam demissões, houve um professor de Matemática, parece que Rômulo. Não sei qual a gravidade do depoimento, da ação dele. Ele foi também demitido. Houve passeata no Centro pra vê se ele era reincorporado, ele não foi mais incorporado. Tanto que existe até um Centro da Matemática chamado Rômulo, numa homenagem póstuma, né... uma homenagem a quem foi injustamente excluído da Instituição.¹²

Teve um caso de um colega técnico-administrativo que chamou o Reitor de déspota, ele era aluno do Curso de Direito e na sala de aula, na condição de aluno ele chamou o Reitor de déspota, que foi o Áulio Gélío Alves de Souza, primeiro Reitor da Universidade. Como o Áulio Gélío tinha olheiros na sala de aula, a gente sabe disso, a Polícia Federal infiltrada no meio dos alunos. No dia seguinte o cara estava demitido. Tem o caso de demissão do Professor Rômulo Garcia da História, foi demitido. O caso da demissão de um colega, ele presta serviço hoje para o Governo do Estado, Danilo de Sacre, é um desenhista, um artista, o cara foi demitido, só porque ele fez uma caricatura do Áulio Gélío no Jornal Varadouro. Na verdade foi pedido para ele fazer a caricatura, ele trabalhava no Jornal também, e o cara fez a caricatura pra dizer que a Universidade era uma só família, porque o Áulio Gélío havia colocado toda a parentada dele lá dentro. E era verdade.¹³

Mas cabe destacar que o período Áulio Gélío foi de consolidação da UFAC, época que o campus foi construído e houve a maior ampliação do acervo e da estrutura física da Biblioteca. Alguns entrevistados afirmam que a estrutura estabelecida à época atendia muito mais às necessidades dos cursos do que atualmente.

Raimundo Ferreira retorna em 1979 e durante a sua ausência, a UFAC contrata o bibliotecário Valcir Augustinho, que segundo Souza (2006), era ligado a Universidade Federal de Santa Catarina. Mas ninguém confirmou se Valcir Augustinho já era funcionário público, todos acreditam que ele também foi contratado por Áulio Gélío. O certo era que tratava-se de um diretor muito rigoroso, tinha uma forte relação com o Reitor e a ordem para ser bem firme.

Eu trabalhava com o Evandro e com a Dona Mercedes, no período da tarde e da noite, a gente tinha que chegar às 14h e sair às 22h. E nós chegamos pra trabalhar um dia, eu e o Evandro chegamos inclusive juntos, Dona Mercedes já estava por lá, nós chegamos quinze pras duas, o nosso ponto já estava cortado. Porque além da gente ter que bater o ponto, como a gente chamava, a gente tinha que bater o ponto na mesa do chefe. E quando nós chegamos o nosso ponto estava cortado, nosso ponto não podia estar cortado porque nós chegamos inclusive com antecedência. Eu não me preocupei muito com aquilo, bati meu ponto normal e fiquei tranqüilo com relação a isso. O Evandro, se eu não estou enganado, deixou um bilhete para o chefe, no próprio ponto, dizendo que ele não podia ter cortado o ponto, porque ele não tinha chegado atrasado, inclusive o Evandro ralhou dizendo que ele deveria

¹² Beneilton da Silva, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

¹³ Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

estar lá, como é que ele tinha saído e já tinha adivinhado que nós íamos chegar atrasados. Ele tinha saído inclusive, para cortar o cabelo, no horário do expediente. E aí ficou uma coisa um meio chata, porque ele saiu para cortar o cabelo no horário do expediente e já tinha cortado o ponto de dois funcionários, que não sabia nem se iam chegar atrasados e colocar lá que nós tínhamos chegado atrasado. Eu sei que por conta disso o Evandro foi demitido, você não pode esquecer que nós vivenciávamos o período da Ditadura, e o Evandro foi demitido, foi uma coisa que ninguém conseguiu compreender, compreendíamos por conta do momento histórico que estávamos passando. Mas nós não compreendíamos como é que o chefe da Biblioteca tinha tanta força assim, de fazer uma denúncia contra um funcionário lá na Administração Superior e essa denúncia ser acatada de bom grado, sem que ninguém mais tivesse poderes de chegar lá dizer a coisa não aconteceu assim aconteceu de outra forma.¹⁴

Esse episódio desencadeou o primeiro dos levantes, onde os mais ousados quase foram para rua também. Uma das decisões do grupo foi recorrer ao ex-governador Jorge Kalume, que fora importante figura na implantação da Universidade na década de 70, tornando-se então uma personalidade muito cara à comunidade universitária e pelo visto tinha ampla influência sobre a Reitoria. Mas Jorge Kalume não pôde ajudar e Evandro foi realmente demitido. Atualmente está processando a Universidade para receber todos os direitos devidos.

Apesar dos problemas de perseguição, Valcir Augustinho era considerado por alguns funcionários, inclusive pelo bibliotecário Raimundo Ferreira, um ótimo gestor. A produtividade diária era quantificada todos os dias entre os funcionários do setor de processamento técnico, situação muito parecida com os atuais controles de qualidade e produtividade das grandes bibliotecas. No atendimento ao público, o nível de cobrança era o mesmo, conforme vemos no depoimento de Nilce Gadelha:

Desde a minha entrada eu fui trabalhar no atendimento. Nessa época era muito difícil porque não tinha fichário, eu ainda estava fazendo o vestibular. Foi quando, para localizar os livros, o Valcir me dava uma tabela para eu estudar, porque eu não tinha noção, não tinha nada, não tinha como localizar. Eu estudava aquela tabela, ficava atendendo o pessoal e ele dizia pra eu ficar procurando nas mesas, ele não queria nem que eu sentasse. “Não pode sentar, não”. Porque nas mesas ficavam livros espalhados e a gente ficava recolhendo os livros. Ele dizia que não queria que eu ficasse sentada, aí quando chegava alguém era pra eu atender. Não tinha fichário para ver classificação, tinha que saber onde o livro estava. Isso em 78. Na primeira semana, era meu primeiro emprego, eu chegava em casa, eu dizia ‘eu vou pirar, eu acho que eu nunca vou aprender’. Mas como eu precisava do dinheiro, eu estudava pro vestibular, e às vezes eu não tinha dinheiro para merendar, minha família era humilde, às vezes quando eles tinham, eles me davam. Então na primeira semana, era muito número, muito classificação, mas eu precisava tanto que eu fiz um esforço e Valcir deixou, eu trabalhei uns dois, três, quatro anos no atendimento.¹⁵

¹⁴ Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

¹⁵ Nilse Gadelha, auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

Valcir Augustinho trouxe mais três bibliotecárias de Santa Catarina, amigas suas, e que também não se acredita que eram concursadas, Neuza Broz, Silvia Zomer e Judith. Silvia Zomer e Judith, tempos depois, voltaram para Florianópolis e Neuza chegou à condição de Diretora na década de 80.

Foi na gestão de Valcir Augustinho, que o novo prédio da Biblioteca Central foi entregue, em 1982. Os funcionários lembram bem da saída do acanhado espaço do chamado Palácio da Cultura, para as espaçosas instalações no novo prédio, construído no mesmo padrão das bibliotecas centrais dos outros estados, edificadas durante o regime militar.

As margens da entrada da BR 364, o que na época era um pouco longe do centro da cidade, o Campus Universitário estava sendo aos poucos construído, mas os primeiros serviços a serem transferidos para lá foram as salas de aula e a Biblioteca. Esta, porém, não foi prontamente para o seu atual prédio, os funcionários passaram ainda um ano no prédio da Gráfica, enquanto a edificação principal terminava.

Foi uma mudança muito grande, porque em três anos, nós tivemos três espaços de trabalho. Saímos do Colégio de Aplicação, a biblioteca acanhadinha, viemos provisoriamente pra um prédio, que hoje é um pavilhão de salas de aula, o Pavilhão Jorge Kalume, é um dos dois primeiros. Muito lama, sujava o sapato pra entrar, mas já estava construído. Depois fomos emprestados para a Gráfica, até 82, até julho, quando foi em agosto viemos pra cá.¹⁶

O atual prédio da Biblioteca Central foi inaugurado em 1982, e ao contrário das demais bibliotecas universitárias amazônicas, não teve a SUDAM como intermediária dos recursos MEC/BID, mas utilizou os da SUFRAMA e por esse motivo, recebe o nome de Ruy Alberto Costa Lins, então Superintendente daquele órgão. Em seu livro, Áulio Gélio comenta “(...) estávamos inaugurando o prédio mais importante do Campus (...)” (SOUZA, 2006, p. 141).

Percebe-se que na UFAC não houve problemas, como em outros estados, com a criação de uma biblioteca central, exigência do regime militar. Até mesmo pela questão histórica, pois nunca teve bibliotecas setoriais acopladas a cursos ou a faculdades. Desde a UniAcre, a biblioteca vem trabalhando com o mínimo do mínimo em matéria de livros e outros recursos materiais e, pelo menos em matéria

¹⁶ Beneilton da Silva, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

de estrutura, o novo prédio da Biblioteca Central viria dar alívio e satisfação aos funcionários, ao contrário dos outros estados da federação, que foi uma polêmica.

Depois a gente até brincando disse, “Meu Deus, como é que a gente conseguiu durante tanto tempo, concentrar livros, funcionários e estantes numa sala tão pequena”, que hoje é menor do que essa sala e a outra contígua aqui. A gente foi ver como conseguiu condensar tudo aquilo. E conseguia trabalhar, mas era... as paredes eram estantes. Aquele barulho de máquina, o estudante aqui e a máquina de datilografia correndo, porque tinha que fazer a catalogação, naquelas fichinhas. Ainda existe o catálogo, né. E a gente chegou aqui, o espaço bem arejado, que a princípio ele foi construído para não ter climatizador. Hoje já tem, mas antigamente era mais arborizado e a gente não tinha esse calor terrível, que é hoje. Então depois foram gradativamente sendo instalado aparelhos de ar condicionado e hoje toda sala tem.¹⁷

O prédio da Biblioteca Central da UFAC é um pouco parecido com a da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a mesma entrada, a escada de acesso ao piso superior. Os funcionários ficaram maravilhados com a separação dos setores, Setor de Periódicos, Processamento Técnico, Restauração e Conservação, etc.

Mas nunca foi um prédio exclusivo da Biblioteca. Desde a sua inauguração, a Administração Superior abusa de seu poder simbólico e impõe a disponibilização das suas dependências para outros setores da Universidade. Entre eles a Superintendência do Campus, que já saiu da Biblioteca, e o Centro de Documentação e Informação Histórica (CDIH). São os setores que a bibliotecária Margarida Reis chama de grileiros. O tempo que passei na UFAC fazendo a pesquisa, o CDIH ficava fechado, repleto de jornais empoeirados.

Margarida Reis lamenta que esse tipo de violência simbólica aconteça porque os bibliotecários não têm poder de pressão sob as administrações superiores. O que posso identificar como falta de capital social junto ao campo científico-universitário.¹⁸

Com o novo prédio vieram as gratificações, que com Valcir Augustinho eram distribuídas de acordo com a capacidade de produção de cada um. O funcionamento era exemplar, além da semana, a Biblioteca abria aos sábados e domingos, que com o tempo foi se resumindo ao sábado de manhã.

¹⁷ Beneilton da Silva, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

¹⁸ Nas universidades empregam-se vários tipos de discussões para justificar essa violência simbólica. Na UFRR, a Administração Superior afirmou que o espaço não era da Biblioteca, mas sim da Universidade e distribuiu várias salas entre outros setores da Instituição. Tal situação prejudicou serviços básicos e impossibilitou a implementação de projetos em andamento.

Em 1983, acaba a era Áulio Gélío. Na época das eleições para reitor, a biblioteca contava com 36 funcionários, o que era um peso muito forte para ajudar a decidir uma eleição. Durante a campanha, os funcionários manifestaram a vontade de escolher o novo Diretor da Biblioteca, mas ao término das eleições o pleito foi desconsiderado, apesar de o novo Reitor ter autorizado os vigilantes a escolherem seu chefe.

Novamente, Valcir Augustinho foi empossado na Direção da Biblioteca e mais uma vez os funcionários contestaram, pois queriam que Raimundo Ferreira assumisse, conforme vemos nos relatos a seguir:

E aí, eu juntamente com mais dois colegas, Beneilton, Damasceno, você deveria entrevistá-lo, Antonio Augusto Martins Freire e mais outros colegas, resolvemos fazer um levante, o primeiro foi um protesto velado, não foi um protesto aberto, como eles disseram. O que nós fizemos, eu desenhei um coelho, porque a gente chama o Raimundo carinhosamente de Coelho, por causa do dentinho dele saliente e colocamos lá, na verdade foi uma loucura porque a gente fez a reivindicação já dizendo quem era o candidato. E tinha um filho da mãe lá com a gente que talvez era um desses chegado ao Valcir, o cara viu quando nós estávamos produzindo o material. Nós saímos pregando nas colunas da Universidade. Quando nós chegamos no dia seguinte para trabalhar, todo mundo já sabia quem tinha feito o levante, velado, e que nós estávamos já sendo readmitidos em outro setor. Eu, Beneilton, Carlos Duarte Pinheiro e Antonio Augusto Martins Freire. Só quem foi ter na Reitoria fui eu, porque quando eu cheguei pra trabalhar, como eu disse, já estava uma portaria dizendo que eu estava doravante designado pra trabalhar no Departamento de Educação Física. Eu sou muito estouvado, sempre fui, então eu peguei o raio da portaria e fui bater na Administração Superior, fui lá na Reitoria. Cheguei para a Secretaria e disse “Quero falar com o Magnífico, eu fui remanejado para outro setor e quero saber o motivo”. Ai quando ele me recebeu, disse que aquilo não tinha partido dele, tinha partido do chefe da Biblioteca. Eu disse “Olha, acabei de falar com o chefe, ele disse que partiu da Reitoria. Eu quero saber de fato de quem foi que partiu, que eu quero saber qual o real motivo de eu ter sido tirado daqui. (...) Nunca ninguém ficou sabendo de quem partiu isso. (...)”¹⁹

A pesquisa de Farias, passa a ser nossa principal referencia para entender os acontecimentos da UFAC (1996), a partir da década de 80. Em 1984, houve a eleição do primeiro reitor escolhido com a participação da comunidade. O pleito aconteceu sob a efervescência da abertura política daquele período e por toda década, a UFAC se abriu para debate em torno das concepções de ensino superior, que acontecia em todas as universidades.

Apesar da efetivação das eleições para reitor passarem a ser mais democráticas a partir dessa década, o autor lamenta que a prática do clientelismo se instituiu como tônica nas relações universitárias. Favores em troca de votos,

¹⁹ Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

negociações em torno de cargos administrativos e até aceitação de propostas corporativistas de lideranças estudantis.

A concepção de democratismo, para o autor, diz respeito ao fato que a aparente democracia não passa de um espaço de votação. Os gestores tentam não tomar qualquer atitude contrária aos interesses dos estudantes e dos técnico-administrativos, “porque esses segmentos são os que menos dispersam votos” (FARIAS, 1996, p. 143).

O autor afirma que nas eleições de 1992, o corpo administrativo conhece seu peso político, visto que seus votos foram decisivos para a eleição do novo reitor. Mas para o autor,

(...) O movimento sindical local dos técnicos administrativos não possuía uma concepção de Universidade que lhe desse direção. O que norteou este movimento foram as questões salariais, jornadas de trabalho, questões judiciais e outras que diziam respeito aos interesses da categoria, não aos da Universidade (FARIAS, 1996, p. 137).

A dissertação de Farias (1996) tem como objetivo a análise das relações de poder e de participação que envolveram a criação da UFAC. Apesar de afirmar não ter sido bem sucedido, devido à carência de material da e sobre a Universidade na época, sua pesquisa vai ao encontro da perspectiva metodológica da minha pesquisa, pois contribui sobremaneira para o meu entendimento acerca da mentalidade que se incorporou à Universidade a partir da década de 90.

As críticas do autor não levam em conta que a Universidade é um espaço social, que apesar das suas particularidades, segue as generalidades inerentes às universidades federais. O campo científico-universitário

(...) é um universo social de poder, de capital, de relação de forças, de lutas para preservar ou transformar essas relações de forças, de estratégias de manutenção ou de subversão e de interesse que se vinculam as estruturas objetivas dos diferentes campos sociais, bem como as estruturas incorporadas do *habitus* (CATANI; OLIVEIRA, 2002, p.29).

Farias (1996) também não leva em consideração que no interior das universidades sempre se praticou estratégias de conservação e manutenção no campo, como o clientelismo e os favoritismos. Esses eram amplamente disseminados no regime militar e até antes, quando o sistema de cátedras garantia o capital simbólico nas mãos de uma elite docente até a Reforma de 68.

Logo após o afastamento dos funcionários da Biblioteca, por causa do levante, Neuza Broz substituiu Valcir Augustinho na Direção. Durante sua gestão, os

funcionários afirmaram que ocorreram confrontos entre ela e um outro bibliotecário, que os entrevistados chamavam apenas de Agostinho, pela posição de poder. Ambos se alternaram no cargo de direção até a década de 90, contudo os funcionários não fizeram comentários sobre o período de Agostinho.

Um dos primeiros desafios de Neuza Broz, foi tentar dissuadir os funcionários afastados por causa do levante, a voltarem para a Biblioteca, pois como o acervo era fechado, os alunos eram muito dependentes dos funcionários para encontrar os livros. Essa dependência ficou patente quando os funcionários foram afastados, conforme o depoimento de Domingos de Almeida:

Porque nós trabalhávamos com os serviços fins e os alunos foram reclamar na Administração Superior, *A Biblioteca virou um caos e ninguém consegue mais atender*. Primeiro que eles estavam mal acostumados, quando não conseguiam encontrar a obra, não conseguiam sequer a numeração, a gente sabia, podia dizer qualquer obra lá, que eu sabia procurar. O Beneilton idem, da mesma forma o Augusto Martins Freire. Então tiraram justamente aquelas pessoas que trabalhavam nos serviços fins, a Biblioteca entrou em paranóia. Ninguém compreendia ninguém, foram colocar pessoas que não sabiam nada sobre o acervo. Mesmo que a pessoa entregasse pra ela o número, ela não conseguia localizar na estante. Não sabia o que vinha antes, se era ponto, se era traço, o que era, então a pessoa ficava perdida. Eu ainda voltei, o resto, ficaram tão indignados, que não voltaram mais. Eu voltei porque sempre fui muito de contribuir para a administração, independente de quem estava lá.²⁰

Margarida Reis entrou por concurso em 1989, graduou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na década de 80 e fez mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2003. Chegou a UFAC com uma boa bagagem de experiência profissional, pois já atuava a bastante tempo no Governo do Estado.

Sua formação na UFPE permitiu-lhe construir uma perspectiva da questão social, presente nos Cursos de Biblioteconomia, na década de 80, com a abertura política. Essa perspectiva acompanhava a proliferação de estudos e pesquisas na área de Biblioteconomia, acerca do papel social e político das Bibliotecas. Tal configuração gerou conflitos e ranços com a questão da qualidade técnica, ou a chamada predominância do modelo pragmático, como vimos em Castro (2000).

A dificuldade que se apresentava era condizente com a problemática do diminuto quadro de bibliotecários para desenvolver as várias atividades da biblioteca. Como o processamento técnico era manual, manter a qualidade na época

²⁰ Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

era muito demorado e oneroso e por isso essa atividade demandava muito tempo dos profissionais.

Tal situação levou os profissionais do modelo pragmático a serem taxados de limitados à técnica, com mentalidade 7,5 x 12,5 cm²¹, pelos próprios colegas da linha, que a exemplo de Castro (2000), chamaremos aqui de modelo social. Esses profissionais que defendiam princípios sociais, muitas vezes faziam seus controles manuscritos, para disponibilizar de imediato a informação aos usuários.

Ao entrar na UFAC, Margarida Reis estranhou o esmero técnico, pois não havia atuado nas federais em experiências anteriores. O que se presenciou foi o confronto entre o modelo social e o predominante modelo pragmático.

(...) as colegas que trabalhavam aqui, vinha da formação do Sul, de Santa Catarina. Então a colega que eu fui trabalhar com ela nos processos técnicos, ela era muito perfeccionista nas fichas, no controle das fichas, em fazer as fichas, o numerozinho, a letrinha, uma em baixo da outra. Então era impecáveis, os auxiliares dela, enchiam cestos de papel, rebatendo ficha. Isso demorava muito o livro ir para o acervo, no processamento técnico. (...) ²²

Eu tive professores que diziam, que se a informação tivesse manuscrita para localização do documento e atender ao usuário, você atendeu aos requisitos da Biblioteca, ao objetivo que é atender ao usuário, a satisfação do usuário. ²³

A gestão da Neuza Broz foi considerada pelos funcionários como boa, apesar dos problemas da sua entrada, que voltaram a acontecer com a posse do novo Reitor, na década de 90. Mais uma vez, os funcionários reivindicaram o nome de Raimundo Ferreira para a Direção, com votação na Biblioteca, mas, de novo, o Reitor recusou.

Indaguei dos funcionários, acerca dos motivos pelos quais o nome de Raimundo Ferreira não era bem visto pelos reitores, os entrevistados argumentaram o fato de ele ser “muito bom”.

Eu trabalhei com vários chefes, Valcir, Neuza, Raimundo, Margarida e Raimundo de novo, agora, eu vejo assim, logo que eu entrei o Valcir era... controlava demais, então a imagem dele na Universidade era de ditador. Mas ele conseguia, veja que funcionários que davam trabalho estão aqui. Mas ele conseguia em parte, só que tem funcionário que a gente sabe que não tem jeito mesmo. E ele tinha muito crédito na Administração por causa disso, porque ele controlava mesmo. A Neuza mais ou menos. O Raimundo já é bom demais. A Margarida também conseguia fazer. (...) ²⁴

²¹ Trocadilho usado em alusão ao padrão das fichas catalográficas largamente utilizadas na época.

²² Margarida Reis, bibliotecária da UFAC, 14/08/2008.

²³ Margarida Reis, bibliotecária da UFAC, 14/08/2008.

²⁴ Nilse Gadelha, auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

O Reitor que assumiu, no lugar da Neuza ele queria colocar... ele não queria o Raimundo, de jeito nenhum. Porque o Raimundo é um cara assim, sempre foi um paizão, então tinha funcionário que abusava da boa vontade do Raimundo. E aí por conta de uma série de coisas, questões políticas, não queriam o Raimundo.²⁵

As questões políticas a que se refere Raimundo Cláudio, dizem respeito à coluna em um jornal local que Raimundo Ferreira colaborava e por vezes criticava a atuação da Administração Superior. Mas, pelos depoimentos dos funcionários, pode-se imaginar que Raimundo Ferreira era o favorito dos funcionários porque era um *homem bom*. Há casos nas instituições onde funcionários preferem determinados chefes, porque esse não cobra muito.

Àquela altura, segunda metade da década de 90, todos os bibliotecários oriundos de Santa Catarina haviam partido e Neuza Broz aposentou-se. Estava-se em pleno segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, sem concurso, sem investimentos para a Biblioteca e com isso Raimundo Ferreira e Margarida Reis ficaram sozinhos como bibliotecários, do final da década 90 até o ano de 2007.

A Biblioteca Central tem uma infraestrutura considerável. Desde a década de 80 possui todos os setores de uma biblioteca universitária federal e ainda duas bibliotecas setoriais, sendo uma de grande porte, no interior. Ocorria não ser possível manter a divisão de trabalho necessária ao seu funcionamento, passando a imperar o acúmulo de atividades técnicas que impossibilitava a qualidade dos serviços.

Juntos, os dois bibliotecários implementaram o sistema de informatização do acervo de livros com o software Microsis, que era o que se pode chamar de software livre do momento. Era um software poderoso para a época, década de 90, e considerado a grande oportunidade para bibliotecas pequenas e com poucos recursos. Foi idealizado pela UNESCO e sua distribuição no Brasil, ficava a cargo do IBICT, para ter acesso aos direitos de utilização, bastava pagar uma quantia simbólica.

Mas o Microsis, tinha dois grandes defeitos, primeiro o bibliotecário dependia de um programador para configurar as bases de dados. Isso era um problema naquela década, porque poucos bibliotecários haviam passado por cursos de informatização de bibliotecas. Não conheciam o MARC, não conseguiam

²⁵ Raimundo Cláudio, ex-auxiliar da biblioteca da UFAC, 13/08/2008. .

visualizar todas as nuances dos sistemas aplicados a sua realidade. Sendo que em algumas instituições, muitos analistas não se prontificavam a estudar o programa e desenvolver as bases de dados. Segundo, ele não possuía um aplicativo de empréstimo, obrigando o programador a buscar outros recursos para efetivar o empréstimo eletrônico.

Os bibliotecários da UFAC conheceram o Microsis em um SNBU e defenderam a sua utilização para a Biblioteca, receberam treinamento de três dias do IBICT, que enviou uma pessoa para o Acre. Na UFAC trabalharam com uma programadora do Centro de Processamento de Dados (CPD) e munidos dessas estruturas, desenvolveram as bases de livros e periódicos em um pouco mais de um ano.

Margarida Reis avalia que não foi um empreendimento fácil, da fase de estudos, de programação, até a instalação. Depois nesta última fase, foram necessários vários ajustes pelo fato de inicialmente não conseguirem isolar a base de pesquisa para o usuário, o que fez com que os primeiros dias de funcionamento fossem estressantes.

Os alunos da informática então, de Análise de Sistemas, se achavam os bambans na informática, entravam no programa todo e deletavam a base de dados. Tinha que novamente ir ao computador dos processos técnicos, copiar a base de dados, fazer o backup e reinstalar.²⁶

A equipe não conseguiu adquirir ou desenvolver um aplicativo que se comunicasse com o Microsis, resolveram desenvolver com o CPD, agora com outro programador, um aplicativo em Clipper para operacionalizar o empréstimo eletrônico, o resultado foi uma base isolada, que não consegue migrar dados do Microsis. Até a presente data, eles têm o duplo trabalho de digitar os dados dos documentos, em forma de catalogação no Microsis e de forma mais simplificada no aplicativo. Uma atividade demorada principalmente para uma biblioteca que tem apenas dois bibliotecários.

Ainda hoje a Biblioteca da UFAC lida com essa realidade, lembrando que o programa ainda está em DOS. A programadora que ajudou a configurar as bases saiu da UFAC, sendo que Raimundo Ferreira tentou articular com ela uma atualização do Microsis e ela disse que não lembrava de mais nada do programa.

²⁶ Margarida Reis, bibliotecária da UFAC, 14/08/2008.

Margarida Reis ficou a frente da direção por seis anos, todos eles durante o Governo Fernando Henrique e vivenciou a deteriorização dos cargos e funções implementada na época.

No que tange às questões de administrativas, foi na UFAC que surgiu a oportunidade de discutir mais detalhadamente, os problemas que o *habitus* característico do funcionalismo público causa no cotidiano das bibliotecas.

Mesmo para os críticos ferrenhos de Valcir Augustinho e Áulio Gélío, os entrevistados reclamam que a partir da década de 90, os funcionários passaram a ter extrema liberdade e ela não foi benéfica para os serviços.

Ele (Valcir) era uma pessoa que sabia ser rígido com o funcionário, tanto que até hoje, que as pessoas que trabalharam com ele são as pessoas muito responsáveis. Ele ensinou a gente a ser assim.²⁷

Se nós tivéssemos três atrasos, era uma falta. Hoje em dia você chega 7h, outro chega 8h, 8h e meia. E sai mais cedo do que você que chegou mais cedo. Não é culpa do chefe porque ele sai no horário dele, nós é que temos que sair no nosso, que é depois do dele. Talvez ele nem saiba.²⁸

Hoje não tem mais isso. Quer dizer, pessoas que não vêm mais. Que os chefes por convivência, por apadrinhamento, não cobram do seu subordinado, tem uma espécie de acordo. Por exemplo, eu estou aqui, mas se eu não quiser vir amanhã, nem depois, nem depois, eu não preciso alegar nada não. Eu venho por questão de consciência mesmo. Mas se eu quiser não vir o resto da semana todinha, quarta, quinta e sexta, ninguém vai me cobrar. Pode até dizer: “Olha, não está mais vindo”. Mas nada vai chegar à Diretoria de Pessoal, ao Reitor, aos seus auxiliares.²⁹

Essas colocações dos funcionários parecem um contra-senso, já que foi a década da reforma gerencial, onde o Governo Federal atestava que o serviço público necessitava de uma cultura empresarial, voltada para o controle de resultados, visando à qualidade e produtividade, porque rígido, lento, ineficiente e sem memória administrativa (BEHRING, 2003).

O problema é como esse discurso foi operacionalizado, através do congelamento de salários, bloqueio de concursos, incentivo à demissão voluntária. Com os funcionários se aposentando, outros se demitindo e ninguém adentrando, as bibliotecas foram perdendo funcionários e especialmente bibliotecários. O salário nas universidades deixou de ser atrativo para o volume de trabalho existente e sem

²⁷ Aleuda Malveira, auxiliar de biblioteca da UFAC, 14/08/2008.

²⁸ Aleuda Malveira, auxiliar de biblioteca da UFAC, 14/08/2008.

²⁹ Beneilton da Silva, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

perspectiva de crescimento, ao contrário dos professores que ainda se mantiveram nas federais por causa dos benefícios da pesquisa.

Focalizando a questão da qualificação, os funcionários técnico-especializados, se entrassem na universidade já com especialização, esta só poderia ser incorporada após o estágio probatório, três anos depois. As especializações direcionadas para os técnicos no interior das pequenas universidades eram inexistentes, tanto no Acre, como em Rondônia, vemos relatos de funcionários reclamando da dificuldade de se fazer um curso de pós-graduação. Primeiro porque a prioridade de qualificação ficava restrita aos professores e para os técnico-administrativos, as administrações superiores se limitavam a fomentar cursos de pequena duração.

Se um funcionário quisesse fazer uma especialização, ele tinha que procurar os cursos, História, Biologia, Economia e se contentar como o acréscimo de salário não muito representativo, 5% a mais nos rendimentos.

Na prática, a reforma gerencial, pelo menos em relação aos técnico-administrativos, não saiu do plano da violência simbólica que apregoava a responsabilização dos funcionários pela ineficiência do Estado, pois o que se percebe nos relatos dos funcionários é que nada foi feito para melhorar a sua produtividade e que a situação do serviço público só agravou-se.

Uniu a fome com a vontade de comer, a liberdade, e agora o pretexto pra ter liberdade. Sempre arruma, vai encontrar um alibi pra ficar mais disperso, pra não está muito ligado no serviço. Só quando a gente que ver isso aqui como uma fonte de renda nossa e que sem ela a gente vai passar dificuldade, então poxa, tem que ser mais consciente, mas nem todo mundo pensa. Muita gente alia o fato dessa liberdade, na verdade essa liberdade fez com que as pessoas se acomodem mais e aí, uniram tudo isso ao argumento da defasagem salarial, da desvalorização do servidor por parte do Governo Federal.³⁰

Eu sou a favor da volta do cartão, é a única maneira que nós teríamos de convencer servidor de que vai sobrar pra ele, se ele não cumprir as quarenta ou trinta horas que ele foi contratado.³¹

As administrações superiores, além das coordenações e gerências, ficaram mais relapsas no controle da presença e produção do funcionário, dando margem a essa liberdade danosa ao serviço público.

³⁰ Beneilton da Silva, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

³¹ Beneilton da Silva, ex-auxiliar de biblioteca, UFAC, 13/08/2008.

Como os depoentes colocaram que a UFAC sempre teve problemas com alguns funcionários que não tinham compromisso com o trabalho, percebi que essa não era uma prerrogativa de funcionários que entraram sem concurso, pois sabe-se de funcionários que entraram por concurso e que também passaram a dar problemas.

Diante dessa conjuntura, os funcionários vêem a década de 90, como a década da decadência da Biblioteca da UFAC, em matéria de qualidade e de serviços.

Período bom mesmo, que nós vivemos aqui foi entre 90, 95, 96, tinha uma turma muito boa aqui. Até antes, no Beneiton, tinha uma turma muito boa também. Aí em 96 em diante, quando começou a desarticular a Biblioteca, aí degingolou mesmo. Nós conseguimos funcionários relapsos, muitos que vinham para a Biblioteca eram muito relapsos e a quantidade de estagiários. Piorou muita a qualidade. Agora melhorou um pouco porque veio alguns funcionários que querem alguma coisa. Está um meio mesclado. (...) ³²

Na verdade o pessoal melhor que a gente tinha, saiu. O Beneilton, por exemplo, era um funcionário nosso. Da Administração, tinha a Zuila, que era uma funcionária boa, que trabalhava bem. Tinha a Natália, outra funcionária boa. De todo modo, ainda hoje, pra realmente tocar o serviço pra frente e ter uma certa tranquilidade, porque eles sabem realmente fazer, são os antigos ainda. No caso da sala da Margarida, tem duas meninas por sinal, que realmente sabem fazer. Outras duas que estão ali dentro não, estão fazendo serviços de colar... Mas eles, fora os bibliotecários, é o pessoal que a gente contou realmente para fazer funcionar pelo menos como a gente funciona, um feijão com arroz. ³³

Essa é uma das situações mais presentes no cotidiano dos gestores das bibliotecas estudadas. Problemas com atrasos, saídas antecipadas, ausências, falta de dedicação ao trabalho, enfim, o *habitus* característico do funcionalismo público é responsável pela maior parte dos conflitos internos e pela não efetividade dos serviços.

O fato de as bibliotecas se caracterizarem como setor de atendimento, que funcionam durante 14 horas por dia e as equipes serem divididas por turno, com seis horas de duração, as tornam muito atraentes para os funcionários que não querem trabalhar oito horas, conforme os relatos de Raimundo Ferreira:

Sem dúvida, é um dos maiores atrativos. É tanto que eu falhei nisso, que eu peguei umas pessoas que não deveria ter pego. Porque é aquele negócio, vem, a gente está precisando no setor e põe. E é exatamente uma pessoa que está querendo fugir de alguma pressão, de alguma exigência maior de

³² Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central da UFAC, 13/08/2008.

³³ Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central da UFAC, 13/08/2008.

trabalho. Porque além de 6 horas, ele ainda pode diminuir isso e muito. Ainda pode produzir menos ainda.³⁴

Para manter seu funcionamento mínimo, as bibliotecas universitárias federais tiveram que se agarrar a outra situação disseminada pela reforma gerencial, os estágios. Os funcionários entrevistados, que atuaram durante a década de 70 e 80, não gostam da figura do bolsista pois afirmam que eles não têm compromisso.

Mas entre os gestores, desde a década de 90, não há como trabalhar sem os bolsistas. Primeiro porque, diante dos problemas de produtividade, e por vezes, ausência dos funcionários efetivos, são os bolsistas que tocam o serviço, sendo que em alguns casos, o setor só funciona com eles.

Para o funcionamento piorou, porque os bolsistas chegam até a trabalhar melhor do que funcionários, que vão ficando um meio saturados e não vão mais trabalhar como deveria. Só que eles quando estão ficando bons, quando estão ficando práticos, que você pode confiar, é a época que termina o contrato. Aí é um problema sério, perde-se tempo treinando, retreinando. (...) Então a gente fica nessa renovação constante de bolsista e num setor que é chave, que é o atendimento. Tem parte do turno ali que fica só eles, porque eu não tenho pessoas pra colocar, eu coloco mais ou menos de manhã, tem dois funcionários na verdade, a tarde tem até um bibliotecário, mas a noite já tem hora que fica eles e uma funcionária nossa, inclusive bastante inconstante, e os bolsistas. Porque é a maneira que tem de funcionar.³⁵

O Governo Fernando Henrique Cardoso diminuiu o número de gratificações em todo serviço público e a biblioteca também foi atingida. As Funções Gratificadas (FGs), recursos utilizados pelas instituições públicas para remunerar chefes de setores, são fundamentais para facilitar a produtividade da instituição. Além de realizar uma redução na folha de pagamento, o Governo também colocava em prática uns dos princípios dos ciclos da qualidade, a figura do chefe tem que ser reduzida ou simplesmente extinta, pois cada funcionário precisa garantir a qualidade do seu trabalho sem precisar de supervisor.

Depois houve uma reforma que tiveram que diminuir as FG3, e como a Biblioteca não tem representatividade junto à Reitoria, então os Pró-Reitores diminuíram o número de FG3 da Biblioteca, caiu de FG3 para FG5, que é a que nós temos até hoje. Nós tínhamos cinco funções gratificadas FG3 e várias FG4, caíram todas, ficaram só FG5 e ficaram só três. (...) Então isso foi uma coisa que atingiu a gente e eu tentei muito, muito voltar, mas não consegui. Foi na década de 90, quando já começaram a reformular, a enxugar as universidades.³⁶

³⁴ Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central da UFAC, 13/08/2008.

³⁵ Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central da UFAC, 13/08/2008.

³⁶ Margarida Reis, bibliotecária da UFAC, 14/08/2008.

Apesar da importância das FGs para incentivar a produtividade, elas possuem um aspecto danoso que é a incorporação definitiva da função no salário do funcionário. Ou seja, mesmo que a pessoa não esteja mais exercendo a função, ela pode continuar recebendo parte da gratificação, caso tenha passado um determinado tempo num cargo. Essa prática foi abolida pelo governo Fernando Henrique Cardoso, mas foi retomada no Governo Lula por conta de causa e ganho judicial.

A noção de que o *habitus* é estruturante e estruturado (BOURDIEU, 1986), contribui para o entendimento da influência das estruturas do campo científico-universitário sobre as representações e as práticas dos funcionários. A experiência do Sr. Domingos de Almeida é emblemática nesse aspecto.

Ele trabalhou mais de 10 anos na Biblioteca e fez o Curso de Geografia, como cursos de especialização eram raros na UFAC e especialmente difícil para um técnico conseguir uma vaga, fez depois o Curso de História. Seus colegas e professores o recriminavam por ter investido tanto na sua qualificação e continuar na Biblioteca.

Não existe isso, com a capacidade que você tem, com o raciocínio lógico que você tem, tem uma graduação e está terminando a outra e com esta história de estar ainda em Biblioteca. Sendo atendente de Biblioteca, atendendo usuário de Biblioteca, não existe isso. Você tem que fazer o concurso para professor. Só eu sei como eu fui fazer isso, porque eu não gosto, é estranho está dizendo, mas eu não gosto disso. (...) Então colegas que apostaram em mim, que foram colegas de sala de aula, colegas que foram professores, e como de repente eu acatei a decisão de fazê-lo, então vou fazer bem feito. Dei show, foi o primeiro lugar no concurso, não teve pra ninguém e as pessoas que tinham sido meus professores, passaram a ser meus colegas. Mas até hoje, eu não gosto.³⁷

Agora, depois de dez anos na condição de professor e com um mestrado, Sr. Domingo está em tratamento psiquiátrico, com pânico da sala de aula e com Lúpus. A manifestação de seus problemas surgiu quando houve um conflito entre ele e uma turma de calouros em 2004, na qual alguns alunos quase enveredaram para violência física. A Administração Superior não o apoiou e o processo ainda tramita na Reitoria, por pressão sua, pois do contrário já teria sido arquivado.

Atualmente, o Sr. Domingos luta para voltar as atividades administrativas enquanto faz o tratamento. Está magoado com a Instituição porque além de atuar como professor, sempre fora chamado para executar tarefas delicadas na

³⁷ Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

Universidade. Foi o responsável pela investigação que desbaratou a fraude do vestibular de 1997, fraude que teve repercussão nacional. Depois trabalhou na Comissão do Vestibular (COPEVE) e em 2008, foi chamado, mesmo de licença a saúde, a fazer parte da comissão das eleições para a Reitoria.

Mas o que chama atenção na sua experiência é a mentalidade de parte dos brasileiros, e por mais estranho que pareça, da comunidade universitária, que uma pessoa que tenha um curso de graduação ou pós-graduação não deva trabalhar numa biblioteca.

Até os dirigentes, não só das IFES como de outros órgãos também, acreditam que para atender ao público de biblioteca, pessoas semi-analfabetas dão conta, como foi o caso da Biblioteca da UFRR até 2001 e muitos casos de bibliotecas públicas e escolares.

Existe um senso comum entre os brasileiros, sejam eles pessoas humildes ou doutores, de que a biblioteca não se caracteriza como um espaço importante para o desenvolvimento da humanidade. Está tão arraigada a questão do anti-intelectualismo, que trabalhar em uma biblioteca, para muitos, não é algo nobre.

Outro fator que a experiência do Sr. Domingos expõe, é a idéia de que ser técnico é uma condição sub-valorizada na universidade, idéia alimentada até por parte dos professores. Por isso, muitos preferem se esconder dentro de um escritório administrativo a interagir com o público.

A concentração de esforços direcionados para os frequentes problemas pontuais e cotidianos, acaba por desviar a atenção dos profissionais de questões mais importantes, situações que poderiam ser minimizadas com a prática do planejamento (ALMEIDA, 2005).

Contudo, não tive acesso aos planos anuais e estratégicos da Biblioteca da UFAC e Raimundo Ferreira não soube informar sobre a existência desses. Os relatórios, por sua vez, são feitos apenas para responder as solicitações do MEC, mesmo assim, não encontrei os relatórios mais atualizados.

A carência desses instrumentos tem impactos sérios sobre o desenvolvimento da biblioteca em vários aspectos, mas um dos fatores que percebemos ser mais problemático na UFAC foi a falta de uma política orçamentária para a biblioteca, nem que seja para compra de livros.

A instituição repassa verba para aquisição de material quando cria novos cursos, ou no final do ano, quando há uma sobra.³⁸ Mesmo com as avaliações negativas do MEC, não houve mudança de atitude por parte da Instituição, o que gera nos profissionais uma sensação de revolta, conforme vemos nos relatos de Raimundo Ferreira.

Era exigindo que a gente colocasse livre acesso, todas avaliações exigindo o mesmo. Eu não sei se aquelas coisas de exigir e a gente não cumprir, eu não sei se outros itens compensam os outros, porque se fosse pela exigência que desde início... a gente era pra estar inadimplente, totalmente fechada. Eu lembro que agora, para o reconhecimento do Curso de Medicina, que está em processo, veio lá umas observações que não tinha condição, com o acervo que tinha... de funcionar o curso. Teria que ter material, teria que enriquecer o acervo, senão não tinha condições de funcionar. E agora tudo bem, a gente dispensou, em real, mais ou menos, R\$ 16.000,00, que ainda está em processo de compra, mas eu tenho certeza que não é o suficiente ainda. E o curso já está funcionando, tomara que ele feche.³⁹

E assim a UFAC, e algumas outras universidades, vem procedendo, só adquire a estrutura necessária, depois que cria os cursos, fazendo com que as primeiras turmas de alunos do curso recém criado, sejam mais cobaias que calouros.⁴⁰

Diante deste quadro, na perspectiva do desenvolvimento geral dos serviços e dos recursos informacionais da Biblioteca, os funcionários reconhecem que ela nunca atendeu a contento as necessidades dos usuários, sempre teve poucos livros, poucos bibliotecários, recursos tecnológicos defasados e poucos investimentos da Administração Superior.

São vários problemas, a Administração diz o seguinte, *Eu não dou mais recursos para a Biblioteca porque esses são escassos*. Esse é o discurso clássico de toda a Administração. Tudo bem, os recursos são escassos mas vamos investir aqui. A questão é de prioridades efetivamente. Não sei se há um desnível, os professores incentivam, não são todos que incentivam a ir a Biblioteca porque um professor que faz apostila, ele não incentiva a ir à Biblioteca. Como eu tive pouquíssimos professores que usavam apostila, eu tive muitos professores que tinham pelo menos a especialização. Então já têm um certo amadurecimento. Eu estou falando de Economia, não sei das outras áreas. Mas o que eu vejo é que ainda é muito carente de títulos, a nossa Biblioteca. Eu acho que há uma falta, talvez, dos professores, de incentivarem e apoiarem algumas coisas que eles criticam muitas vezes na

³⁸ Detectamos esse problema, também em 2008 em plena era REUNI, quando o Jornal da UFAC diz que os projetos da Instituição foram contemplados pelo programa. Mas o Diretor da Biblioteca não sabe quanto a Biblioteca receberá.

³⁹ Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central da UFAC, 13/08/2008.

⁴⁰ Atualmente, o REUNI quebrou um pouco esse paradigma, com a liberação de recursos antes da criação dos cursos. Mas até o segundo mandato do governo Lula, era assim que o MEC vinha procedia.

Biblioteca. Eles dizem que tem que ter mas não faz nada para que isso ocorra.⁴¹

Claro que quando me refiro à falta de investimentos, não posso deixar de mencionar principalmente a responsabilidade do Governo Federal, mesmo porque, as universidades sempre esperaram muito do governo para investir nas bibliotecas, situação que mudou um pouco depois da década de 90.

Mas da parte do governo, as bibliotecas universitárias além de terem recebido poucos recursos, ainda sofreram com o que Miranda (2004, p.2) aponta como a raiz das problemáticas das bibliotecas universitárias brasileiras, o “autoritarismo das políticas públicas e da descontinuidade das ações programadas uma verdadeira praga de nossa cultura administrativa nacional”. Os investimentos feitos em estrutura física, no regime militar e em acervo bibliográfico e humano, na década de 80 com o PNB, foram todos abandonados pelos governos subsequentes.

O que nas palavras de Cavalcante(2007) significa que as bibliotecas não representam um projeto político de governo, ocupando posição marginal em seus orçamentos ao lado da instrução pública. Essa marginalização das bibliotecas gera, para Cysne (1993), a indiferença da sociedade para com a biblioteca e seus profissionais, causando uma insatisfação de efeito dominó, os bibliotecários são pouco reconhecidos, o que leva à insatisfação na realização dos trabalhos, proporcionando, ainda mais, o distanciamento entre a profissão e as necessidades sociais.

Percebo que os grandes investimentos em acervo de livros nas bibliotecas estudadas, deram-se quando da consolidação dos *campi* ou dos cursos. No caso específico da UFAC, os maiores recursos foram aplicados no período de conclusão do prédio da Biblioteca, na administração de Áulio Gélio, quando enfim chegaram os recursos do MEC-BID (SOUZA, 2006). No decorrer dos anos, a UFAC investia somente na aquisição de materiais para os cursos novos, mas não se preocupava com a manutenção e a atualização dos acervos destinados aos cursos já existentes, daí a realidade do acervo defasado.

No tocante aos periódicos, como em todas as universidades, a Biblioteca desenvolve sua coleção principalmente por meio de doações. A aquisição de

⁴¹ Raimundo Cláudio, ex-auxiliar da biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

periódicos por compra, era feita com recursos do MEC até o ano 2001 quando foi criado o Portal da Capes.

Para falar do uso do Portal na UFAC, dialogarei principalmente com Margarida Reis, que se afastou da Direção da Biblioteca Central, para fazer mestrado e seu tema foi justamente o Portal de Periódicos da Capes e sua importância para a UFAC (REIS, 2005).

A escolha do tema deveu-se à necessidade de se aprofundar na nova realidade dos acervos digitais que se configurava no âmbito das bibliotecas universitárias.

Sua pesquisa desenvolveu-se entre 2003/2004, bem no início da utilização do Portal no Acre. Seus resultados mostraram que o serviço estava sendo pouco usado por causa das barreiras idiomáticas e problemas de transmissão de dados eletrônicos (internet), que à época ainda era muito deficiente na UFAC.

REIS (2005) faz uma análise comparativa entre os acessos da UFSC e a UFAC, mostrando que na primeira mais de 90% dos professores e estudantes da pós-graduação acessavam freqüentemente o Portal, enquanto o acesso na UFAC era de 10%. Reis (2005) avalia que entre os fatores determinantes para os resultados de Santa Catarina, está a estrutura da rede de computadores, a cultura digital consolidada e a quantidade de cursos de pós-graduação.

A autora mostra, ainda, o quadro das instituições que mais acessaram o Portal no ano de 2004. Decidi, no entanto, apresentar dados mais atualizados, descritos na Tabela 2 e 3⁴².

Tabela 2 – Instituições que mais acessaram o Portal da Capes no Brasil em 2007

INSTITUIÇÃO	ACESSOS
USP	10.474.234.18,51
UNESP	3.897.499.6,89
UNICAMP	3.354.957.5,93
UFRGS	2.872.939.5,08
UFRJ	1.946.453.3,44
ANVISA	1.918.849.3,39
UFMG	1.902.217.3,36
UFPR	1.776.380.3,14
UFSC	1.366.153.2,41
UNB	1.345.390.2,38
EMBRAPA	1.036.593.1,83
UFBA	854.227.1,51
UFV	826.296.1,46
UEL	739.247.1,31
UFS	725.282.1,28
PUCRS	703.638.1,24
UFPA	688.444.1,22
UNIFESP	674.838.1,19
UFPE	674.288.1,19
FIOCRUZ	630.927.1,11

⁴² Apesar dos dados estarem distantes do recorte temporal, achei pertinente mostrá-las porque REIS (2005) não apresenta os dados da Região Norte e era de meu interesse fazê-lo para composição de minha análise.

Fonte: Dutra (2008).

Tabela 3 – Instituições que mais acessaram o Portal da Capes na Região Norte em 2008

INSTITUIÇÃO	ACESSOS
UFPA	501.211
UFAM	148.142
INPA	107.745
UFRR	107.265
UFT	106.874
UNIR	82.380
UFAC	32.798
UFRA	29.884
UEA	28.127
UNIFAP	17.815
CEFET/AM	4.844
UNAMA	2.378
CEFET/PA	376
CEFET/RR	59

Fonte: Braga (2009).

Com base nas análises de REIS (2005) e nas tabelas acima, infere-se que quanto maior o número de pós-graduações em uma instituição, principalmente *stricto sensu*, maior o número de acessos. Como a UFAC, e as demais universidades analisadas neste estudo, ainda não dispõe de programas consolidados de pós-graduação *stricto sensu*, pode-se entender porque há poucos acessos ao Portal.

Uma das principais contribuições da pesquisa de REIS (2005), do meu ponto de vista, foi a discussão sobre o acesso exclusivo do Portal pela internet, em detrimento do acesso através do documento impresso. Claro que esse fator é um dos responsáveis pelo sucesso do projeto e nem é financeiramente viável manter as assinaturas impressas.

Contudo, pesquisadores, alunos e as bibliotecas têm encontrado dificuldades em acessar as coleções retrospectivas, tendo em vista que os periódicos são assinados por anos específicos. Como exemplo, cito o periódico Harvard Business Review, que entrou para o Portal em 2006, mas que atualmente

em 2008, só está disponível de 1997 a 2000. Ou seja, não podemos mais acessar os números de 2006 e 2007.

Apesar da análise dos fatores do uso do Portal na UFAC, todavia, a própria Biblioteca Central não conseguiu realizar um trabalho de disseminação e de tutoriais na Universidade, devido à carência de pessoal. Algumas orientações são fornecidas no interior da Biblioteca, quando procurada pelos usuários.

Mesmo sem a presença da Biblioteca na disseminação do Portal, ele é utilizado pelos pesquisadores e professores de pós-graduação da UFAC, sendo considerado uma revolução na pesquisa científica brasileira.

Foi divulgada a questão do Periódico da CAPES do ponto de vista de acesso a N revistas (na UNICAMP). O que salvou a minha tese de doutoramento, boa parte da bibliografia era em inglês, em revistas internacionais. Então, como eu não tinha condições de comprar, os periódicos da CAPES me ajudou muito. E as pessoas não conhecem, eu tava conversando: “Raimundo, nós temos que arranjar uma forma de divulgar isso.” Porque as pessoas não conhecem essa ferramenta. (...) Isso começou quando eu estava lá em Campinas e quando eu cheguei aqui, o Raimundo falou que tinha sido enquadrada a Universidade nesse sistema, em qualquer ponto da Universidade, eu podia acessar. Eu falei pro Raimundo: Olha, isso aqui é uma revolução. Porque você não precisa estar assinando revista, periódico, são muito caras, e você vai naquilo que é específico.⁴³

No que tange a outros recursos informacionais como bases de dados e acervos digitais, os únicos existentes estão disponíveis no Portal da CAPES. Atualmente, apesar de utilizar a denominação biblioteca virtual, verificamos que a Biblioteca Central possui apenas uma sala de acesso livre à internet, o que não se configura como uma biblioteca virtual ou um site de informações.

Não houve a possibilidade de analisar as ações da UFAC junto ao INFORMAM, pois não localizamos relatórios, nem entrevistamos o Diretor da década de 80. Contudo, tive acesso a dois documentos que registravam sua participação no Sistema. O RELATÓRIO [1991], da UNIR, afirma que em 1988, a UFAC participou em Rondônia de um treinamento ministrado pelo Sistema, mas não deixa claro se foi algum funcionário da Biblioteca. Bellesi e Silva (1992), por sua vez, afirmam que a Universidade era uma unidade cooperante do INFORMAM, contudo não encontrei o nome da Instituição e de seus pesquisadores no Quem é Quem na Amazônia (QUEM..., 1996).

⁴³ Raimundo Cláudio, ex-auxiliar da biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

Direcionando o foco para os usuários, foi somente nos relatos colhidos na UFAC que tive condições de fazer uma abordagem mais problematizada, pois Beneilton da Silva, Raimundo Cláudio e Domingos de Almeida foram alunos e também atuaram como professores. Como o usuário é razão de ser das bibliotecas, obviamente é o mais prejudicado com a problemática da carência de investimentos. Sendo que por esse motivo, vem manifestando seu descontentamento com os serviços e acervos das bibliotecas nas instituições estudadas.

De fato a gente lembra que alguns levantes feitos pelo DCE foi por conta da Biblioteca. (...) Mas sempre que fizeram levantes na Universidade, a Biblioteca sempre estava no meio das reivindicações por uma coisa ou outra, era o acervo que não era suficiente, era a questão do acesso fechado, era a questão de falta de atendente e por aí vai, tinha uma série de coisas. Que eu posso dizer pra você que a Biblioteca de fato começou com poucos livros, até hoje também ela não é a expressão de biblioteca como se conhece em outros centros.⁴⁴

Hoje eu vejo o número de livros suficientes para... às vezes o aluno reclama por folia, reclama que não tem livros. Eu vejo o aluno muito preguiçoso de um modo geral, salvando-se uma meia dúzia que não enche uma xícara de café. Mas são preguiçosos, que não gostam de ler e aí é muito fácil enumerar uma porção de debilidades, da Instituição, entre essas debilidades a falta de obras, de livros. Não, para a iniciativa dos alunos, a Biblioteca tem suprido muito bem. Agora, se fosse em outro local onde os alunos tem mais interesse, são mais aguerridos, mais pesquisadores, com mais iniciativa, os exemplares seriam muito pouco. Então está dentro da normalidade porque a procura nunca foi uma coisa estrondosa, nunca foi.⁴⁵

Os entrevistados são unânimes nesse ponto, o aluno não estuda como deveria, e esse é um dos calcanhares de Aquiles das universidades brasileiras desde a década de 70. O discurso dos depoentes vai ao encontro das afirmações de Gico (1990), quando diz que aquela década foi o início da negação do próprio livro no interior das universidades.

A autora afirma, ainda, que o modelo de universidade do regime militar era calcado em receitas norte-americanas, caracteristicamente despolitizada, acrítica e tecnicista, que minava as áreas voltadas para uma abordagem humanística e política, como as áreas de Ciências Sociais, gerando uma tradição de anti-intelectualismo na universidade brasileira. O regime findou há mais de 20 anos, mas ainda impera a crise de identidade sócio-cultural e o modelo tecnicista no ensino superior.

⁴⁴ Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

⁴⁵ Beneilton da Silva, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

É inquestionável que o peso da responsabilidade sobre essa situação não pode cair somente nos ombros das universidades. A inexistência de bibliotecas escolares, a não exigência de pesquisa e a falta de hábito de leituras, que não deixam de estar associados às condições de vida e de acesso aos serviços públicos da grande maioria da população brasileira, fazem com que os alunos cheguem à universidade despreparados e iletrados. De modo geral, na pós-graduação é que o estudante brasileiro realmente aprende a ler e a fazer pesquisa (AMARAL, 1995).

Nem o caráter de acesso irrestrito a enorme gama de informações proporcionado pela chamada sociedade do conhecimento, conseguiu reverter essa realidade brasileira, visto que como os problemas em relação à leitura crítica é quase uma unanimidade nacional, simplesmente absorve-se mecanicamente as informações no meio digital.

Carvalho e Kaniski (2000) afirmam que por mais avançadas que sejam as tecnologias é preciso uma sólida base educacional e cultural, pois em vez de produzir o conhecimento necessário, apenas reproduziremos a cultura e a tecnologia alheia.

Os funcionários da UFAC também lamentam essa situação:

E eu estou percebendo que a cada ano que passa, não sei se é por conta da história de que o acesso está muito mais fácil, qualquer informação que você queira hoje, você vai no Google, ou qualquer outro desses buscadores que voce encontra. Inclusive com a loucura que tem muitos trabalhos desses escritos, que são cópias fieis de trabalhos de outrem. Isso é complicado dizer mas é verdade, porque eu vivenciei um caso desse dentro da Universidade, peguei uma tese de doutoramento e como eu te disse, eu tenho uma memória fotográfica e comecei a ler a tese e disse “Eu já li isso em algum canto”. Busquei na memória onde é que eu havia lido e consegui descobrir qual é a obra, quando eu fui comparar, tinha textos e mais textos, folhas e mais folhas que eram cópias de outros trabalhos.^{46, 47}

Então essa questão do acervo, hoje, com o rigor do MEC ajudou muito às Faculdades a adquirir novos títulos. (...) Tem aluno que passa a faculdade inteira e não vem na Biblioteca. É um absurdo. Às vezes ele tira a xerox... tem várias coisas, uma é a correria, outra vai para o mais prático e tira xerox. Nem vê o livro... porque às vezes você vai folheando o livro, você pega outros capítulos que não estão naquele texto lá, que é mais importante. Aí o professor tem aquele negócio tão certinho que ele não incentiva o cidadão há procurar outras coisas na Biblioteca. Principalmente que tem professores hoje que pararam no tempo. Na Região Norte, a gente tem uma velha máxima que os doutores morrem precocemente (risos). A morte dos doutores. O cara termina o doutorado, normalmente faz no Sul do país, no Sul-Sudeste, volta para sua instituição de origem e aí morre, morre, não

⁴⁶ Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, 15/08/2008.

⁴⁷ Aliado a isso, a indústria ilegal dos serviços de elaboração de trabalhos de graduação e pós-graduação, contratados de terceiros, que virou um problema em todo território nacional.

publica mais, não se atualiza. Isso é um doutor morto. Pra fazer isso ele não precisava ter se especializado, ter feito doutorado. Pra ficar na sala de aula dando as mesmas disciplinas, que fica lá o papel amarelo.⁴⁸

Percebo que até a presente data, a Biblioteca UFAC ainda não saiu da decadência mencionada pelos funcionários, apesar de já estarmos no segundo mandato do Presidente Lula, governo que aliviou um pouco a pressão do neoliberalismo sobre as universidades. O prédio esta desgastado, sendo que em 2007, optaram por construir um novo espaço para o setor de livros, em vez de ampliar e reformar o existente. Resultado, o novo espaço ficou pequeno para coleção e a área de estudos enorme, ocupando três vãos da Biblioteca.

Raimundo Ferreira, que está em processo de aposentadoria, expõe, emocionado, suas frustrações diante dessa realidade:

Em tenho uma certa frustração desses 36 anos. Na verdade a frustração é com o serviço público como um todo. Não é possível que um funcionário saia do serviço público, pela situação desse país, achando que cumpriu tudo e que está satisfeito. Eu saio frustrado. Exatamente por conta de não ter cumprido como deveria a minha função na profissão que eu exerço e por conta exatamente das carências, das necessidades, das dificuldades, da falta de recurso. De apoio, eu não ponho tanto, porque na verdade se você tivesse uma outra situação, uma outra estrutura, uma outra condição, você adquiria os apoios necessários, você avançava. Mas é porque as carências e as necessidades foram muitas. E foi uma coisa que, desde quando entrei, há 36 anos atrás, até hoje, a gente trabalhando sempre nas condições mínimas do mínimo. Essa coisa pra quem está encerrando a carreira é o com a gente pode colocar como depoimento. A gente ter passado e não ter podido... ter passado por essa profissão, passado por essas condições de serviço, numa Universidade... que aqui no Acre é interessante, você tem um certo status visual de trabalhar numa Universidade Federal. Isso é uma vitrine. Só que você não sabe as angústias que a gente passa e as decepções que você passa por esse trabalho, por essa coisa que você não exerce bem como deveria, que você não faz o que quer fazer, aliás você não apóia como deveria, você não exerce a profissão com a dignidade até como deveria ser. Enfim você está só trabalhando, mas trabalhando mal, prestando mau serviço, não por sua culpa mas por culpa da Instituição.⁴⁹

Margarida Reis também está se aposentando e ficarão os três bibliotecários que passaram recentemente por concurso. Parte significativa dos auxiliares antigos, também se aposenta até 2009, por isso as perspectivas não são positivas e os funcionários temem que a situação se agrave mais ainda. Neste momento, a presença da Administração Superior para a retomada dos caminhos da Biblioteca se torna imperiosa, principalmente porque estamos na era do REUNI e se os recursos

⁴⁸ Raimundo Cláudio, ex-auxiliar da biblioteca da UFAC, 13/08/2008.

⁴⁹ Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central da UFAC, 13/08/2008.

não forem devidamente aplicados, esse programa passará sem muitos impactos para a Biblioteca.

3.2 A BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIR E SUAS SETORIAIS

Realizar a pesquisa em Rondônia se mostrou a fase mais difícil. Não pelos aspectos práticos da pesquisa, mas por causa do calor amazônico, que na Biblioteca Central da UNIR é insuportável. O grande prédio da Biblioteca tem problemas de refrigeração, pois ainda usa o sistema de central de ar, que além de consumir milhares de litros de água, frequentemente apresenta problemas de funcionamento. Era extremamente desconfortável trabalhar na biblioteca, principalmente no período da tarde, e todos os dias o cansaço me incapacitava de trabalhar no período noturno.

Com a Biblioteca Central da UNIR tive a oportunidade de discutir o que seria uma biblioteca orgânica, plenamente inserida no cotidiano da universidade, ainda que seu período áureo tenha acontecido antes da reforma gerencial.

Entrevistei sete funcionárias na UNIR, cinco auxiliares de biblioteca, Ana Rita Araújo, Cleide Rodrigues, Euza Cavalcante, Euza Maria Marques, Lindaura Ribeiro e duas bibliotecárias Aurineide Braga e Luzimar Chaves. As entrevistas foram realizadas numa sala de estudo de grupo da Biblioteca Central, cedida pela Direção, com exceção de Aurineide Braga que foi entrevistada em sua empresa no Centro da Cidade. Dessas, só Aurineide Braga não trabalha mais na UNIR.

Entre as auxiliares entrevistadas, somente Lindaura Ribeiro possui especialização. Ana Rita Araújo tem o ensino fundamental, Cleide Rodrigues e Euza Maria Marques têm o ensino médio e Euza Cavalcante está cursando Ciências Sociais. No que se refere às bibliotecárias, Luzimar Chaves fez especialização em Minas Gerais, no ano de 1992, e Aurineide Braga fez quatro especializações, todas depois que saiu da UNIR.

Não foi possível entrevistar Gisele Gouveia, que é bibliotecária desde a década de 90, por estar afastada para cursar doutorado e nem Cleide Maria de Medeiros, que atua na Biblioteca desde o período anterior à federalização da UNIR, mas que estava de licença saúde em Pernambuco.

A Biblioteca da UNIR tem sua origem ligada à antiga Fundação Centro de Ensino Superior de Rondônia - FUNDACENTRO, desde 1975, quando Rondônia

ainda era território federal. Após o primeiro ano da mudança de Rondônia à condição de Estado, em 1981, a FUNDACENTRO foi federalizada e passou a se chamar Universidade Federal de Rondônia. Conforme Albuquerque e Maia (2007), por ocasião do processo de federalização da UNIR, a bibliotecária Cleide Maria de Medeiros já se encontrava na nova biblioteca universitária federal.

Cleide Rodrigues e Aurineide Braga descrevem os primórdios da Biblioteca e destacam fato do acervo ser fechado à consulta pública e as dificuldades que isso acarretava para o atendimento:

A primeira coisa que eu comecei a fazer foi atender ao público. O atendimento, os alunos não tinham livre acesso ao acervo, era uma sala pequena, onde funcionava a sala de leitura e a Biblioteca era um salão bem grande, onde funcionava a secretaria, a parte toda administrativa da Biblioteca, juntamente com o acervo. Tinha um balcão que dividia a sala de leitura do acervo, quando o usuário chegava, porque na época, a maioria era só os alunos mesmos, ela dizia o assunto, o título do livro, ou o autor, o livro de interesse, nós íamos até a estante, pegávamos o livro, levava pra ele, ele assinava a ficha de controle do livro, ali com a data de empréstimo, a assinatura todinha e o curso. Nós íamos pegar o livro, é tanto que se tornava um serviço muito cansativo, porque desde da hora que nós chegávamos, ficava pra lá e pra cá, porque chegava um usuário, você atendia e chegava o próximo usuário e você fazia o mesmo percurso, vinha até as estantes, pegava o livro de interesse e levava lá pra ele. Quando ele não sabia o nome do autor, só dizia o assunto, nós consultávamos o fichário de assunto, víamos alguns livros que tinha no fichário, quando era um assunto mais popular, nós íamos na Barsa e consultávamos.⁵⁰

Quando eu entrei na Universidade, a Biblioteca era aqui no Centro, era uma biblioteca fechada para o cliente, o acervo era totalmente fechado, não tinha livre acesso. Tinha uma janela com um espaço para a pessoa chegar e falar, era muito esquisito aquele negócio, porque eu estava vindo de uma Universidade que o acesso era aberto. Mas o pessoal tinha muito ciúme do acervo e tinha muita dificuldade de controle e espaço também.⁵¹

Durante toda a década de 80, a Biblioteca teve apenas duas bibliotecárias, mas utilizou um recurso que viria a ser muito difundido na década de 90 com a reforma gerencial, a contratação de prestadores de serviços para o processamento técnico do acervo. Aliás, não é só a contratação de serviços que chama atenção na Biblioteca. A organização administrativa, principalmente o cuidado com a elaboração e o acondicionamento dos relatórios em arquivos específicos e de fácil acesso. Entre as bibliotecas estudadas, foi na UNIR que tive acesso a um número maior de informações sobre a gênese da Biblioteca.

⁵⁰ Cleide Rodrigues, auxiliar de biblioteca da UNIR, 22/08/2008

⁵¹ Aurineide Braga, ex-bibliotecária da UNIR, 21/08/2008

É possível que essa organização tenha sido fortemente influenciada pelos programas e redes de incentivo ao desenvolvimento das bibliotecas universitárias, como o PNBu e o INFORMAM, dos quais se beneficiou a UNIR. Apesar da década de 90 ter sido marcada pela valorização das práticas gerenciais, foi na década anterior, com o PNBu, que surgiram as experiências embrionárias de ações planejadas em bibliotecas.

Percebi, porém, que na década de 80, os relatórios apresentavam somente dados estatísticos, não faziam análises qualitativas das ações e se limitavam a apresentar as ações de empréstimo, aquisições e catalogações.

São os relatórios do PNBu que mostram outras ações realizadas pela Biblioteca naquela época. A Instituição ampliou a coleção de periódicos com recursos do PAP, qualificou um profissional no curso de especialização realizado na UFPA, recebeu a doação de livros de orientação para organização de bibliotecas universitárias, que apesar de serem apresentados como manuais, se transformaram em clássicos da literatura biblioteconômica.⁵²

Apenas em 1988 a UNIR inaugura seu campus universitário, saindo do antigo prédio da FUNDACENTRO. Os recursos para a construção das obras foram oriundos do Programa de Desenvolvimento de Universidades Brasileiras, através do Acordo MEC/BID-III (ALBUQUERQUE; MAIA, 2007). Note-se que este acordo ainda estava em pleno funcionamento na década de 80 e, por esse motivo, a arquitetura do campus segue o padrão dos demais *campi* brasileiros construídos no regime militar.

O prédio da Biblioteca da UNIR também acompanha esses padrões, é centralizada, espaçosa, para as necessidades da época, dividida de acordo com os serviços de uma biblioteca universitária. Mas, assim como a Biblioteca Central da UFAC, os arquitetos e engenheiros responsáveis não levaram em consideração o clima amazônico e não climatizaram o ambiente, o que vem se constituindo como um dos principais problemas para o funcionamento da Biblioteca.

Logo que a primeira etapa da construção foi realizada, as salas de aula e a Biblioteca foram as primeiras a serem transferidas para o novo campus, apesar de este não ter ainda uma estrutura adequada para o funcionamento. Esse movimento

⁵² No depósito de livros da Biblioteca da UNIR, encontrei os livros Estatísticas e Padrões para o Planejamento e a Avaliação de Bibliotecas Universitárias de Maria Carmem Romcy de Carvalho e Compra de Material Bibliográfico para as Bibliotecas Universitárias Brasileiras.

é descrito por Euza Cavalcante e Cleide Rodrigues como marcado pelo pioneirismo, a aventura e a improvisação:

Nós fomos pioneiras, porque nós viemos praticamente sozinhas pra cá, a Biblioteca e as salas de aulas com os alunos. Era muito precário, hoje é difícil pegar ônibus, antes era muito mais, tinha que pegar carona pra vir e carona pra voltar, trabalhávamos até dez horas da noite. Saíamos daqui onze horas da noite, porque nós organizávamos a Biblioteca e acabávamos perdendo o ônibus e íamos pegar carona na BR, todas juntas (risos), ninguém ia sozinho, era uma aventura. O prédio era em cima e em baixo, a necessidade de pessoal veio aí, era um espaço maior, foram feitas mais compras de livro, para preencher aquele espaço e sentimos a necessidade de mais pessoal. Também aqui ainda era uma mata muito mais fechada do que era, sempre tinha algumas coisas que a gente passava. Malária, eu mesmo peguei aqui no Campus, eu havia me casado e estava grávida, foi em 89, foi no mês de maio, eu estava de quatro para cinco meses de gravidez. Eu trabalhava no período de tarde pra noite e acabei pegando malária num período que muitas pessoas pegavam, tinha um surto grande no Campus, teve falecimento de pessoas, professor, aluno. (...) ⁵³

Isso, ficamos até final de 88 na FUNDACENTRO, depois nós mudamos no início de 89 aqui para o campus e foi para uma sala que fica ali próximo da cantina, um espaço bem grande. Nós colocamos lá o acervo (...), nós tínhamos que atender o usuário, pegar o livro, ele assinar. Nós mudamos pra esse prédio em 90, em fevereiro, março de 90. A equipe achou bom, mas o que ocasionou transtorno pra gente é que não tinha ar condicionado, a laje, tudo muito quente, nós sofremos muito. Então houve assim, um impacto, porque no outro prédio nós trabalhávamos com ar condicionado, tinha uma mini-central, chega gelava, e quando nós mudamos pra cá, não tinha ar condicionado. Nós passamos um período bem longo sem ar condicionado. Quando nós mudamos aqui para o campus, não tinha nada, é tanto que quando nós mudamos lá para a sala improvisada, ali nos blocos de sala de aula, tinha dias que a Cleide Medeiros trazia marmita e dividia colheradas de alimento, ela dividia com duas, três, quatro, com quem tivesse ali e não tivesse trazido almoço naquele dia. Teve um dia que para saciar a nossa fome, nós fomos do outro lado da BR, que era onde funcionava um bar, que era o Coco Gelado, nós compramos azeitona verde e comemos, porque não funcionava cantina, não funcionava nada, não tinha como a gente ir no Centro, almoçar. Eu lembro, tenho uma marca ainda no joelho, que eu fui para pegar o ônibus no terminal e aquele empurra, empurra dos alunos, eles me empurraram e eu cai de joelho, sangrou e eu ainda vim, porque era desse que a gente conseguia pegar o ônibus. Vinham alunos empenurados na porta do ônibus para poder chegar aqui, porque era precário demais o transporte. Tinha muita malária, graças a Deus eu só peguei uma malária, peguei logo que chegamos aqui, em 90. ⁵⁴

Foi ainda na década de 80 que a UNIR iniciou as atividades com o INFORMAM, sob a coordenação do Pró-Reitor de Planejamento, o que dificultava o repasse de informações para a Biblioteca. A partir de 1989 é que a Biblioteca passa a coordenar diretamente o sistema (RELATÓRIO, [1991]).

⁵³ Euza Cavalcante, auxiliar da Biblioteca da UNIR, 20/08/2008.

⁵⁴ Cleide Rodrigues, auxiliar de biblioteca da UNIR, 22/08/2008.

A alimentação do INFORMAM consistia em encaminhar as referências da produção técnico-científica de Rondônia para a Central em Belém, articular com a Universidade e outros órgãos do Estado, disponibilizar informações sobre a Amazônia e divulgar os produtos oferecidos pelo sistema. Os dados sobre os pesquisadores e professores da UNIR, coletados pela Biblioteca, também estão disponíveis no Quem é Quem na Amazônia (QUEM..., 1996).

O último relatório ao qual tive acesso e que mencionava o funcionamento do INFORMAM na Universidade, foi o de 1997, no qual afirma ter havido o treinamento de uma bibliotecária na UFPA.

Por ocasião da Biblioteca no novo campus, a UNIR adquire um volume considerável de livros para compor seu acervo, e como dispunha apenas de duas bibliotecárias, contratou uma equipe exclusiva para o processamento técnico. Depois do término do trabalho, a equipe contratada faz o primeiro concurso público da UNIR e entra definitivamente para o quadro da Universidade, são elas Fabiola Bezerra, Darcia Marinho, Anita Julien e Aurineide Braga. Esta última, narra a sua visão sobre a época:

Eles não tinham o layout bom, eles não deixavam que o pessoal mexesse exatamente porque o layout não era legal, então o pessoal tirava uma coisa do canto e eles não sabiam onde estava, nem lembro mais, só sei que era uma coisa mais ou menos assim, meio bagunçada, nesse sentido. Então nós trabalhamos o layout, trabalhamos a classificação, conversamos muito com a Direção da Biblioteca e a gente conseguiu abrir já aqui no Centro, daqui pra lá, o acesso já era aberto. Mas é porque o pessoal tinha um resquício bem tradicional, mais antigo e a gente que estava chegando, era recém formado, com mais abertura, novas idéias, então a gente conseguiu fazer alguma coisa diferente.⁵⁵

Pelo que percebo do discurso de Aurineide Braga, essa equipe representava o modelo social que surgiu na década de 80 e que já discutimos na Seção do Acre. A entrada dessas profissionais fez a Biblioteca da UNIR presenciar o choque entre o *habitus* pragmático e a emergente visão social.

As mudanças, porém, estavam apenas começando. Nessa época, a UNIR passa a ter um novo Reitor, o Professor Álvaro Lustosa Pires, que seria o terceiro Reitor pró-tempore. A comunidade universitária exige o fim das nomeações do Governo Federal para a Reitoria e faz greve em defesa das eleições para o Reitor. Para Albuquerque e Maia (2007), foi uma das primeiras grandes greves da história da UNIR, com expressiva ação dos docentes, discentes e técnico-administrativos.

⁵⁵ Aurineide Braga, ex-bibliotecária da UNIR, 21/08/2008.

Foi em 88, inclusive eu participei da greve. Foi quando o Reitor, na época ele foi indicado pelo MEC, o pessoal não aceitou a indicação do Professor Álvaro Lustosa e eles acharam então que ele não entendia de Universidade, e não quis aceitar. Então tomaram conta do prédio da UNIR, professores, alunos e funcionários. Houve até greve de fome, eu me esqueci o nome do aluno que fez a greve de fome, a gente fazia assim um cordão humano e rodeou o prédio todinho da FUNDACENTRO e ficávamos lá, ficávamos na escadaria. O MEC interveio, tivemos que aceitar porque eles não arredaram, mantiveram o Prof. Álvaro no cargo, até enquanto resolvia a situação de eleições diretas para Reitor. Nós queríamos isso, escolher o Reitor e que não fosse por indicação.⁵⁶

Foi nessa gestão que a UNIR expandiu suas atividades para o interior do Estado, especificamente para os municípios de Ji-Paraná, Vilhena, Guajará-Mirim, Rolim de Moura e Cacoal.

A interiorização da UNIR parece ter sido a mais bem sucedida dentre as universidades aqui estudadas. Para se ter uma idéia, Guajará-Mirim tem um curso de Mestrado em Ciências da Linguagem desde 2005. Entre os estados estudados, somente as cidades de Guajará-Mirim e Cruzeiro do Sul no Acre têm mestrado. Talvez esse tenha sido um dos motivos que levaram a UNIR a ter o melhor desempenho da Região Norte (Tabela 4), conforme o IGC divulgado pelo MEC (MACHADO, 2008).⁵⁷

Tabela 4 - Resultados do IGC das IFES amazônicas (2007)

UNIVERSIDADES	IGC (nota)	IGC (gradação)
UNIR	3	284
UFAM	3	280
UFRA	3	264
UFAC	3	260
UFRR	3	258
UFPA	3	252
UFT	3	241
UNIFAP	3	212

Fonte: Machado(2008)

Com a interiorização surgiram as bibliotecas setoriais, que até 2008, nunca tiveram profissionais de Biblioteconomia para garantir a execução dos serviços e, como as outras bibliotecas setoriais estudadas, nunca funcionaram satisfatoriamente.

⁵⁶ Cleide Rodrigues, auxiliar de biblioteca da UNIR, 22/08/2008.

⁵⁷ Para fins de entendimento do Índice Geral dos Cursos – IGC, empregado pelo MEC e divulgado em 2008, além de a instituição apresentar uma nota, de 1 a 5, é possível perceber gradações dentro da mesma faixa. Assim uma instituição pode ter nota quatro, mas estar muito próxima da nota cinco, por exemplo (MACHADO, 2008).

Conforme os relatos dos funcionários, na gestão de Aurineide Braga foi criada uma verdadeira força tarefa para dar conta da Central e das Setoriais.

(...) todo o ano se montava um calendário de visitas técnicas para trabalhar especificamente no acervo da Biblioteca, que precisava ser feito catalogação, desdobramento das fichas, que na época era tudo datilografado. Como eu trabalhei no atendimento, teve uma época que eu viajei para Ji-Paraná, a única biblioteca setorial que eu prestei serviço, junto com a bibliotecária. Ela ficava na parte de catalogação e eu fiquei na parte de desdobramento, datilografia das fichas, e também organização das estantes. A bibliotecária ficava com a catalogação e o treinamento das pessoas nas bibliotecas. Toda biblioteca tinha direito à uma semana, estipulado pelo calendário, de segunda a sexta. Numa semana Ji-Paraná, na outra semana retornava para Porto Velho, teve uma época que foi direto. A princípio era uma semana para cada, saía de uma e ia pra outra, mas depois fizeram algumas mudanças, ficava três dias em uma, depois saía e ia pra outra, em quinze dias fazia todas as visitas. E de uns dois anos pra cá, é praticamente zero as visitas, é uma vez e outra que acontece. Esse ano por exemplo, não foi planejado nenhuma visita para os campi, aconteceu uma visita pela Diretora da Biblioteca, que foi mais precisamente em relação ao sistema que hoje é utilizado pela Biblioteca. (...)

Quando eu entrei elas já existiam. As primeiras viagens para o interior, quem fez foi a Aurineide, foi ela quem implantou o sistema de rodízio, de visitas. E a primeira viagem que eu fiz, inclusive foi com ela, para Vilhena. Caiu pra nós Vilhena, porque Darcia ia pra um outro, a outra bibliotecária para outra cidade, dividimos assim quando a gente tinha o grupo. Mas à medida que o grupo ia diminuindo, foi diminuindo as visitas e acabou a gente com uma auxiliar, as ultimas viagens foram feitas com apenas um bibliotecário e um auxiliar. Como só ficou eu e Cleide, Cleide nunca viajou, ela foi uma vez para o interior e nos últimos anos, ela deixou tudo pra mim, era eu e a gente trocava normalmente o auxiliar. Vilhena era a biblioteca que a gente mais tinha retorno, era um pessoal que mais brigava pela biblioteca, que mais tinha interesse, sempre teve um acervo maior. Vilhena, Cacoal, a outras já não eram tão empolgados com a biblioteca. Mas a gente ia em todas, se desse para fazer, duas viagens durante o ano para cada uma, a gente fazia. Depois ficou um, depois ficou de dois em dois anos e agora eu não sei como vai ficar.⁵⁸

Há, na sociedade brasileira, o senso comum de que serviços de biblioteca, reduzem-se a empréstimos. A difícil situação dessas bibliotecas setoriais do interior nos dá uma dimensão dos prejuízos causados por essa visão. Além da baixíssima quantidade de acervo, não há treinamento de usuários para pesquisa, acesso a periódicos científicos, orientação sobre as normas técnicas e há ocorrência de furtos. Como bem afirmou Lindaura Ribeiro, elas são apenas bibliotecas depositárias, ou como nós, bibliotecários, falamos, são depósitos de livros. Tal situação prejudica, além dos cursos de graduação, os cursos de pós-graduação, que, como já visto, é um dos pontos fortes desses *campi*.

⁵⁸ Luzimar Chaves, bibliotecária da UNIR, 22/08/2008.

O que percebemos é que, em geral, a maioria dos diretores dos *campi*, seja no interior ou até mesmo nas capitais, pelo menos na Região Norte, esperam muito das bibliotecas centrais. A presença de um bibliotecário contribuiria para superar essas dificuldades, pois este tem a função de lutar pela expansão da sua setorial, seja na organização e crescimento do acervo, por mais vagas em concurso, pela busca de recursos através de projetos. Sem profissionais para exercer pressão sobre as direções dos *campi*, as setoriais ficam à míngua.

Com a diminuição do número de bibliotecários na segunda metade da década de 90, a Biblioteca Central tentou o recurso do treinamento dos auxiliares das setoriais. Mas a alta rotatividade desses funcionários impediu que esse procedimento obtivesse êxito.

Outro problema das setoriais (...) é a rotatividade de pessoal, eles pedem uma pessoa emprestada da Prefeitura, daqui a pouco o prefeito pede de volta e lá vai atrás de outra, então cada pessoa que entrava... gente que depois foi ser professor aqui, passou pela Biblioteca, chegava lá achava que não tava certo, abria outro tipo de tombo e tombava de novo, menina é uma salada (...)

59

Para Moreira (2005), a precariedade das bibliotecas setoriais dos *campi* tem uma explicação histórica, a interiorização das universidades tem fortes parcerias com as prefeituras municipais e, pelo menos em Rondônia, eram elas que se comprometiam com a compra de livros e manutenção dessas bibliotecas.

Diante disso, as bibliotecas precisavam se submeter às constantes oscilações políticas, falta de continuidade das ações e disponibilização de profissionais, que nem sempre atendiam aos requisitos de um auxiliar de biblioteca. Luzimar Chaves exemplifica com a experiência da setorial de Guajará-Mirim.

Guajará-Mirim sempre foi difícil da gente atender, porque até onde eu sei, ela começou usando o prédio da Biblioteca municipal. Eu não conheci quando era lá, que era uma sala dividida com estantes. Então o pessoal da pública pegava os livros da UNIR, a UNIR pegava os livros da Pública, ficava aquela confusão (risos). Quando eu comecei a viajar para Guajará-Mirim já era no prédio da Universidade. Eles construíram o prédio da Universidade, que por sinal é o mais difícil de acesso pra gente, que ele fica um pouco fora da Universidade, não tem transporte, quando a gente vai pra lá é um sofrimento, gasta todas as diárias pagando táxi. Não tem restaurante, não tem cantina e você tem que meio-dia ir para a cidade, não pode ficar direto. Então eles separaram uma salinha para a Biblioteca. Mas o acervo sempre teve uma condição difícil, às vezes levá-la para a Pública, às vezes nós mandávamos livros daqui e não ia para a Biblioteca, ficava na sala do Diretor. Como não tinha um prédio próprio, então ficava assim, eles não tinham muita fiscalização. Guajará-Mirim sempre foi assim, eu digo em relação à biblioteca,

⁵⁹ Luzimar Chaves, bibliotecária da UNIR, 22/08/2008.

eu sentia que ela era rejeitada, não sei porque. Eu falava para as colegas, não pode fechar porque tem os cursos, eles precisam disso e eles usam, mesmo com as condições precárias, os móveis tudo velho, tudo feio.⁶⁰

Na verdade, todo o campus de Guajará-Mirim foi ameaçado de fechar em 1991, pela Administração Superior da UNIR, que, conforme Moreira (2003), alegava que a cidade não oferecia as condições necessárias e que a prefeitura não cumpria o convênio.

A autora diz que a Reitoria aproveitaria a presença da comissão do MEC que estava percorrendo os *campi* para autorizar ou desautorizar novos cursos e respectivos reconhecimentos. Como a biblioteca era quesito fundamental, os dirigentes da UNIR sabiam da precariedade e apostavam nessa lacuna como motivo a ser considerado pelos avaliadores e, conseqüentemente, acataria o possível parecer negativo para fechar o campus de Guajará-Mirim e o de Rolim de Moura.

Para reverter a situação, a comunidade dos dois *campi* foi a Minas Gerais e adquiriu livros do Banco de Duplicatas de Itajubá, uma espécie de depósito de livros disponíveis para doação. Moreira (2003) afirma que os gastos de passagem, hospedagem e de alimentação ficaram por conta de professores envolvidos na empreitada, entre os quais se encontrava a autora. Houve também a participação dos alunos, que contaram com recursos arrecadados em uma campanha criada em prol da biblioteca setorial de Guajará-Mirim.

Conforme Moreira (2005), os livros selecionados foram organizados temporariamente, no prédio da Biblioteca Municipal, sendo que esta foi apresentada à Comissão avaliadora do MEC, como a biblioteca universitária do Campus de Guajará-Mirim, obtendo-se dessa forma o parecer favorável ao funcionamento do campus.

É curioso que os avaliadores tenham aceito que uma biblioteca desatualizada e desorganizada tecnicamente pudesse ser considerada uma biblioteca universitária.⁶¹ Mas talvez, os avaliadores do MEC tenham considerado o esforço daquela comunidade em manter as atividades dos seus *campi*.

A estratégia de manutenção, adotada por essa comunidade, só garantiu, porém, o aumento da quantidade de obras no acervo, pois, em geral, a qualidade de

⁶⁰ Luzimar Chaves, bibliotecária da UNIR, 22/08/2008.

⁶¹ Em 2004, os avaliadores do Curso de Direito da UFRR desconsideraram a coleção da Biblioteca Central, porque os livros de Direito não estavam catalogados, apesar dos mesmos serem registrados, terem seu local específico na Biblioteca e dos alunos emprestarem normalmente o material.

livros usados adquiridos por doação, deixa muito a desejar. Luzimar Chaves descreve as dificuldades para organizar minimamente esse acervo:

(...) Em Guajará-Mirim, por exemplo, a primeira visita que eu fiz lá, que já era no novo prédio, era aquele monte assim no pé da parede, livro mofando, ocupando espaço. Isso porque a Aurineide já tinha passado por lá, já tinha descartado, já tinha brigado com o Diretor para dar fim naquilo lá (risos). Mas eles fizeram também sem consulta da Biblioteca Central, sem uma política. Eles foram lá e cataram o que tinha o que eles achavam que tinham que trazer, era Relatório do Governo da Paraíba, Discurso do Deputado tal, menina cada coisa. Quando eles se mudaram para o novo prédio, o Diretor pediu que eu fosse lá dá uma olhada, nesse tempo eu estava na Direção, porque tava aquela coisa lá no chão e eu precisava tomar uma providência. Isso já falando em Mestrado de Línguas, eu disse “Tá bom”, eu fui. E olha, muita coisa molhada, muito coisa com mofo, e disse “Isso aqui não serve, isso aqui não serve”. (...) Eles não podiam nem saber, porque ninguém podia tocar naqueles livros, eles não queriam se desfazer daquilo. Tinha coisas boas que dava para aproveitar, fizemos uma triagem, e tem lá, até hoje, o que deu pra fazer o tratamento, a gente incluiu e outros não.⁶²

Enquanto organização voltada para disseminação de recursos informacionais, as bibliotecas universitárias têm no desenvolvimento de coleções (VERGUEIRO, 1989) a garantia de gestão de seus acervos. Trata-se de uma atividade administrativa que visa à realização de compra, emissão e recepção de doações e permuta, feitas de forma planejada e organizadas com base em critérios de seleção estabelecidos conforme as peculiaridades de cada biblioteca.

As políticas de desenvolvimento de coleções partem do princípio de que as bibliotecas têm sua clientela específica e suas funções bem definidas, por isso os acervos devem estar de acordo com as suas características. Receber todas as doações sem critérios de seleção e fazer compras sem uma avaliação prévia do acervo levam a prejuízos financeiros, perda de tempo em catalogar um material que a comunidade não vai utilizar e perda de espaço físico, já que livros adquiridos sem critério ocupam espaços de outros mais pertinentes para os usuários.

A comunidade em geral não entende, e por vezes não aceita, que as bibliotecas tenham suas políticas de desenvolvimento de coleções. Impera um senso comum o qual deduz que a biblioteca deve receber tudo que lhe é doado, principalmente se esta ainda é pequena. E se, alguma biblioteca for vista descartando livros, é assunto para manchetes de jornais. É por esse motivo que muitas bibliotecas criam depósitos para onde encaminham materiais descartados, na tentativa de evitar esses constrangimentos.

⁶² Luzimar Chaves, bibliotecária da UNIR, 22/08/2008.

Uma outra decisão do Reitor Álvaro Lustosa Pires que teve impactos diretos sobre a biblioteca, foi a substituição da diretora da Biblioteca Central, Cleide Maria de Medeiros, pela bibliotecária recém concursada Aurineide Braga.

Aurineide Braga relata as circunstâncias nas quais ocorreu sua nomeação como diretora, indicando as tensões existentes e o jogo de interesses por parte da Reitoria:

Um dia eu estava na minha casa, eu fazia a área de processamento técnico, ainda muito nova, eu nem me lembro quanto tempo eu tinha de Universidade, seis meses, oito meses, não me lembro. Então eu estava na minha casa num dia de sábado, quando a Pró-Reitora chegou, a Pró-Reitora de Administração, querendo conversar comigo, com a proposta de eu ser Diretora da Biblioteca Central. Eu disse pra eles que eu não tinha experiência, que Cleide Maria de Medeiros era a bibliotecária há muito tempo, que eu a respeitava muito, e que não era interessante eu assumir a direção quando ela estava no posto há muito tempo. E a Universidade toda gostava dela, que era uma bibliotecária que entrou junto com todo mundo, então tem uma relação de convivência. Eu vou chegar e tomar o posto dela? *Ela disse se não for você será qualquer pessoa, inclusive de fora.* E tinha a gratificação que qualquer pessoa de outro lugar iria pra lá por causa da comissão. A bibliotecária não vai mais ficar por causa de... de coisas particulares com a Reitoria que eu não sei o que era, só que a Reitoria não queria mais e nem a Pró-Reitora que estava assumindo, eu não sei qual era questão. Depois de uma conversa longa, ela disse *Vai acontecer que um de fora venha assumir a biblioteca, tendo bibliotecários capazes aqui?* Eu disse não e foi aí que eu assumi a Biblioteca. Essa relação dessa época, porque eu tinha todo um respaldo da Reitoria, todo um respaldo da Pró-Reitoria, porque eu não tinha pedido pra entrar e eles que quiseram. A gente podia dizer a nossa programação, o nosso planejamento e era muito legal a nossa participação. E nós ganhamos um espaço muito grande, nessa participação política do espaço da Biblioteca, no contexto da Universidade. (...).⁶³

Como todo espaço social, as bibliotecas universitárias também se configuram como espaços de luta. Nela, podemos identificar entre os agentes, o que Bourdieu (2003) descreve como o confronto pela hegemonia no interior do campo, isto é, pelo monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo. A forma como o capital é repartido dispõe as relações internas ao campo, isto é, delineia sua estrutura.

As direções das bibliotecas centrais são palcos constantes destes confrontos, que parecem velados, mas são detectáveis nos discursos dos profissionais. Após Aurineide Braga assumir a Direção, todas as bibliotecárias viajavam para o interior para dar suporte às setoriais, menos Cleide Maria de Medeiros.

⁶³ Aurineide Braga, ex-bibliotecária da UNIR, 21/08/2008.

São casos em que os profissionais são ótimos líderes, mas colocam dificuldades para serem liderados. Essa questão pode ser detectada no comportamento de outras profissionais.

Tinha duas pessoas no processamento, porque não demorou muito e a Aurineide saiu, o negócio dela era dirigir, como ela não gostava desse trabalho de processamento técnico, ela ficou mais solta.⁶⁴

O discurso de Aurineide Braga corrobora com o depoimento de Luzimar Chave, mas expõe representações adversas acerca da prática bibliotecária.

Eu nunca fiz mestrado, pra mim não interessa, pra mim não interessa ir para academia. Se tiver um bibliotecário, já conheço, com mestrado, que numa discussão sobre qualidade total, sobre ISO 9000, sobre certificação, ele não sabia nem o que era. Mas quando você faz especialização, você amplia o seu leque de informação, de conhecimento, que você atua em muitas áreas, que não a especialização específica de um mestrado, que foca. Mas quando você faz uma pós-graduação, por exemplo, terminei agora essa especialização em agente de inovação tecnológica, ela me dá um leque imenso de conhecimento, que tenho certeza que uma pessoa de mestrado, de uma área muito específica, não conhece. Então pra atuar numa Universidade, que tem várias áreas, que você converse, tenha um diálogo, a altura pra você bater um papo com um cientista, com um pesquisador, você tem que conhecer uma série de coisas, para poder conversar com ele, e ele passa a pensar *Essa profissional pode me ajudar, ela sabe onde buscar informação*. Fazendo aqui o curso de gestão tecnológica, as bases de dados que eu vi, de busca de informação são imensas, coisa que eu tenho certeza que tem bibliotecário na UNIR, que não faz, de bases de dados, de busca. Quando a gente foca muito, a gente perde possibilidades. Mas eu estou te dizendo isso, porque no meu caso abriu muito... Eu sei de planejamento estratégico, eu sei de clima organizacional, se um aluno vier conversa comigo sobre clima organizacional, eu sei conversar com ele... Se ele vier falar de qualidade total, eu sei falar com ele, ISO 9000, 5S⁶⁵, as coisas da atualidade, visão sistêmica, eu sei dá uma orientação de administração, na área de psicopedagogia, na área de tecnologia. Ela abre um leque de conhecimento, mas eu não quero ser bibliotecária (risos), eu não quero mais atuar numa Universidade. Eu dou consultoria numa Faculdade aqui, particular, então eu dou consultoria. Não quero, a minha área hoje é muito mais arquivo do que como bibliotecária de biblioteca, mas bibliotecária documentalista. Não me interessa. Por exemplo, eu vou dar um curso, lá na São Lucas, para o pessoal da Pós-Graduação em Nutrição, eles têm uma cadeira Dinâmicas de Grupos e Jogos, e eu vou ministrar, porque eu tenho pós-graduação em psicodinâmica, então eu posso atuar nessas áreas sem ter mestrado, mas não me interessa a academia. Como eu não preciso subir de nível, de progressão na Universidade, não me interessa.⁶⁶

Aurineide Braga é proprietária de uma empresa especializada em organização de arquivos e bibliotecas. Assim como vários empresários, ela condiciona e é condicionada pela perspectiva neoliberal que acredita que as

⁶⁴ Luzimar Chaves, bibliotecária da UNIR, 22/08/2008.

⁶⁵ Os cinco sentidos baseados na administração japonesa: seiri, seiton, seiso, seiketsu, shitsuke.

⁶⁶ Aurineide Braga, ex-bibliotecária da UNIR, 21/08/2008.

questões gerenciais e administrativas dão conta de todos os problemas do mundo e que tudo gira em torno do mercado. Isso fica patente no seu discurso, quando ela afirma que consegue conversar sobre comportamento organizacional, ISO 9000, 5S, como se nada mais fosse importante.

O discurso de Aurineide Braga traz à tona representações do senso comum de que cursos de pós-graduação *stricto sensu* seriam adequados somente para quem se dedica ao magistério, devendo os técnicos administrativos buscar qualificações que favoreçam o desempenho de um trabalho estritamente técnico.

Através da análise dos relatórios e dos relatos dos funcionários, constatei que a gestão de Aurineide Braga foi marcada pela abertura da Biblioteca para a comunidade universitária. Implementaram-se serviços de informação direcionados exclusivamente para o atendimento aos usuários, com ações de treinamento de novos alunos, orientação à pesquisa científica e normalização de trabalhos. Ampliou-se a estrutura organizacional da biblioteca, com a criação de manuais, elaboração de regimentos, planificação mais detalhada e elaboração de relatórios mais qualitativos.

O Relatório da Biblioteca, de 1991 (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, 1991), aponta o quantitativo de sete bibliotecárias. Com esse quantitativo foi possível empreender várias ações inovadoras, como a criação de escalas para o trabalho nas setoriais do Interior e a participação ativa de Aurineide Braga como Presidente da Associação dos Funcionários Técnico-Administrativos da UNIR, conforme os depoimentos a seguir:

Foi um período bacana de abertura da Biblioteca, de novas idéias de compartilhamento, porque a gente se encontrava com outros bibliotecários, com outras formas de fazer o trabalho e a gente foi fazendo uma série de coisas. Chegaram novos bibliotecários, por exemplo, a Fabíola, era uma bibliotecária muito aberta, de muitas idéias, eu já tinha isso e quando ela chegou, fiquei muito mais. Uma biblioteca aberta, de movimento, aberta para os clientes, uma biblioteca que servisse a comunidade, uma biblioteca que tinha outra perspectiva, diferente da que era antes, muito tradicional, fechada, com medo de perder livros.⁶⁷

Na época (...) era bom, porque o serviço não ficava parado, tinha aquele ciclo que a gente conseguia organizar e trabalhava melhor, tudo que a gente queria fazer acontecer, a gente fazia, não tinha nada que emperrasse.⁶⁸

⁶⁷ Aurineide Braga, ex-bibliotecária da UNIR, 21/08/2008.

⁶⁸ Euza Cavalcante, auxiliar de biblioteca da UNIR, 20/08/2008.

Fora do período de gestão de Aurineide Braga, mas sob sua liderança, foi realizada, em 1995, a Campanha de Proteção ao Acervo da Biblioteca Central (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, 1995), com a participação da maioria dos funcionários em sua realização. Com as narrativas dos funcionários sobre essa experiência, é possível discutir um dos maiores problemas que assolam as bibliotecas brasileiras, o furto e a destruição de livros:

Na época, cada vez que a gente fazia o inventário da Biblioteca, a gente detectava falta de livros, era uma falta muito grande. Eles diziam que era por conta que a gente abriu o acesso, e eu era contra fechar o acesso. Novamente, fechar o acesso? Então não vamos fechar o acesso à Biblioteca, porque os alunos já estavam acostumados de pegar livro, na própria estante, escolher o que ele queria, sem precisar de um intermediário que pudesse pegar o livro pra ele e muito vezes, aqui é uma conjectura minha, com falta de vontade e não ampliar a pesquisa dele. Então, foi pra manter o livre acesso, nós fizemos campanha de conscientização. Foram pegadas pessoas roubando livros mesmo, foram pegos por estagiários, é tanto que todos os nossos estagiários hoje são doutores na Universidade, eram alunos que hoje são doutores, inclusive um é o Reitor da Universidade, ele era estagiário de Geografia. *Não tinha nada a ver estagiário de Geografia na Biblioteca*, isso era o que povo dizia, mas eu dizia *Vem pra cá*. Eu sempre fui muito aberta. E mesmo assim com essa campanha de roubo, algumas vezes eu não denunciei, eu chamava o aluno, conversava com ele, ele pagava o livro, trazia um novo, doada outro livro e a gente trabalha isso. E diminuiu, porque aí a gente começou a ter mais controle, a prestar mais atenção. (...) ⁶⁹

A questão por exemplo, deixou-se a caixa postal para que o aluno não precisasse se identificar, alguém que tivesse alguma obra, que porventura pegou sem emprestar, fosse devolvida. Nós recuperamos tantas obras naquele ano. A metodologia foi assim, fizemos bastante cartazes elucidando, quase que implorando para a comunidade cuidar do material, ser observador na Biblioteca de quem está deteriorando, de quem está furtando. Durante uma semana com esses cartazes, saíamos de sala em sala, fazendo a divulgação, fizemos no horário da manhã, no horário da tarde, no horário da noite. Fizemos essa campanha junto com a comunidade acadêmica em sala de aula, foi bem aceito por eles. Teve um momento, que foi o primeiro dia que passamos nas salas de aulas pra fazer essa divulgação, deixamos na Biblioteca, na mesa, livros expostos, da forma que eram deteriorados, pra que chocasse mesmo. Então nesse dia praticamente todo mundo estava com pelo menos uma peça preta, porque nós estávamos de luto, *Estamos de luto pela Biblioteca*. Porque ela estava sendo destruída, foi maravilhoso. Hoje eu sinto falta, porque vai renovando os acadêmicos, aquela primeira turma já não é mais, hoje são novos, hoje é outra consciência. Acho que a cada quatro anos, que a maioria dos cursos é de quatro anos, dever-se-ia fazer uma campanha dessa. Só houve naquele ano e não teve mais. Às vezes a gente faz um cartaz pedindo a colaboração das pessoas, mas é muito falho, não abrange sabe. ⁷⁰

Os funcionários lamentam que apesar do êxito da campanha, não houve a continuidade necessária para atingir novas turmas e criar uma consciência entre os

⁶⁹ Aurineide Braga, ex-bibliotecária da UNIR, 21/08/2008.

⁷⁰ Lidaura Ribeiro, secretária da Biblioteca Central da UNIR, 20/08/2008.

alunos. A descontinuidade deu-se principalmente com a diminuição do quantitativo de bibliotecários.

Além das dificuldades em manter um acervo quantitativo e qualitativamente pertinente, as bibliotecas universitárias sofrem com os furtos e destruição frequente de livros. Apesar da insistência do MEC em exigir que os acervos se mantenham abertos para garantir as amplas possibilidades da pesquisa bibliográfica, a falta de consciência dos usuários não favorece essa tendência.

Infelizmente, essas instituições têm que investir pesadamente em sistemas de seguranças, cujas instalações são caríssimas e a manutenção anual gira em torno de R\$ 4.000,00, para uma biblioteca pequena com a da UFRR. Dinheiro que poderia ser investido em livros e serviços.

O alto investimento da instalação de sistemas de seguranças, é a justificativa usada pelas bibliotecas para manterem seus acervos fechados, apesar das exigências do MEC. Raimundo Cláudio da UFAC, que trabalhou vários anos com o acervo fechado, chegou a comentar sobre o MEC: “ele que dê condições para abrir.”

A eficiência dos sistemas de segurança, porém, só é alcançada se os funcionários estiverem alerta integralmente para o caso do sistema acusar o furto. Mas não registramos entre as bibliotecas estudadas nenhum caso de usuário que tenha sido penalizado, apesar de quase todos os dias, pessoas serem flagradas tentando sair com livros, rasgando folhas ou riscando material.

Cleide Rodrigues disse que tem conhecimento de penalizações em universidades particulares, mas na UNIR afirma que nunca ocorreu:

Eu me lembro que um dia uma pessoa falou, quando houve um roubo de livros na FACE, que a bibliotecária denunciou, que o rapaz foi preso, e alguém disse: *Há mais está roubando informação*. Eu tenho uma visão assim, uma pessoa bem informada, jamais cometeria isso, pelo contrário ele roubou pela falta de informação. Alguém bem informado não vai fazer um ato desse, de ficar roubando um livro. ⁷¹

No âmbito das bibliotecas universitárias, o sumiço de livros se traduz na baixa qualidade do ensino-aprendizagem e na avaliação negativa dos cursos junto ao MEC. Mais especificamente no caso da UNIR, o furto de livros gera também desconforto no que tange à infra-estrutura, conforme relata os funcionários:

⁷¹ Cleide Rodrigues, auxiliar de biblioteca da UNIR, 22/08/2008.

Não é muito bom, mas a gente não pode deixar de trabalhar, porque quando eu cheguei aqui, não tinha ar condicionado, a gente trabalhava com ventilador e as janelas eram abertas, teve que lacrar por causa do roubo, eles pegavam os livros e jogavam pela janela, aqui tem uma beiradinha com vidro, eles quebravam e jogavam os livros. Como é pouca gente, que não pode fiscalizar essas coisas, tanto que agora o espaço está até maior, mas não tem o número de funcionários necessários.⁷²

(...) E você olha a estrutura desse prédio e vê como é, eu não conheço as outras estruturas por aí, mas essa estrutura me parece que deveria ser feita lá para o Sul, onde tem frio. Primeiro, porque as janelas não podem ser abertas, por causa dos roubos, segundo essa laje muito baixa, uma laje que esquentou e desce todo esse calor e fica insuportável.⁷³

A UNIR sempre defendeu o acesso aberto aos livros e por isso foi a primeira biblioteca entre as estudadas a instalar o sistema de segurança, conforme a Tabela 5.

⁷² Ana Rita de Araújo, auxiliar de Biblioteca da UNIR, 21/08/2008.

⁷³ Euza Maria Marques, auxiliar de Biblioteca da UNIR, 20/08/2008.

Tabela 5: Instalação do sistema de segurança

BIBLIOTECA	ANO DE INSTALAÇÃO
UNIR	1999
UFRR	2002
UFAC	2006
UNIFAP	*

* Em processo de instalação.

FONTE: Bibliotecários entrevistados.

No que tange aos processos informatizados de gestão da informação, a UNIR teve suas primeiras experiências de automação do acervo em 1995. A forma com que o processo foi implementado, porém, não obteve êxito, pois o programa foi escolhido por uma bibliotecária da Instituição em uma articulação direta com o Reitor, conforme relatou Luzimar Chaves sem, contudo, mencionar o nome da bibliotecária:

Foi o primeiro ensaio na informatização, ela descobriu esse programa na UNIFOR, ela pediu ao Reitor, na verdade ela já veio com o pedido lá de cima, da Reitoria, sem falar com a Diretora. Então ela passou uma semana em Fortaleza conhecendo e chegou aqui e fomos tentar, a gente não tinha CPD, era lá no Centro, pra você ver a dificuldade de comunicação. Telefone, a gente falava via rádio, não tinha telefone, depois é que entrou, então era uma dificuldade enorme. Então a gente começou a fazer aquelas planilhas e levava pra lá, tinha uma pessoa que digitava, também quando mudou o Diretor do CPD, acabou tudo, aí foi o tempo que ela foi embora também e continuamos nas fichinhas.⁷⁴

No ano 2000, a UNIR inicia definitivamente o processo de informatização com o ArcheS Lib, que está entre os softwares avaliados positivamente por Côrte (2002)⁷⁵. Até o ano de 2004 mais da metade dos livros da Biblioteca haviam sido inseridos no programa.

Chama atenção, porém, a migração posterior para um programa de tecnologia menos avançada⁷⁶. Ainda por volta de 2004, o então Reitor da UNIR, solicitou a mudança do programa, alegando que esse não possuía reserva e renovação pela internet. Contudo, ao invés de adquirir um programa mais avançado, a Instituição desenvolveu um software doméstico, que não é compatível com o

⁷⁴ Luzimar Chaves, bibliotecária da UNIR, 22/08/2008.

⁷⁵ Conforme Côrte (2002), o *ArcheS Lib*, o chamado programa da Walda Antunes, atende aos principais requisitos de um programa de automação de bibliotecas. Gerencia as aquisições e o processamento técnico, é compatível com o Formato MARC, com a ISO 2709 e com o protocolo Z39.50, atende às exigências de relatórios solicitados pelo MEC para avaliação do acervo, além de outros atributos.

⁷⁶ A migração ocorreu fora da abrangência dessa pesquisa, em 2004, mas cabe uma análise sobre o fato, visto que é um dos poucos casos que presenciei onde uma instituição migra para uma tecnologia menos avançada que a anterior.

Formato MARC, nem com a ISO 2709, tampouco com o Protocolo Z39.50. Não gerencia periódico, não tem uma ferramenta busca adequada ao usuário, local ou pela Internet, e o que irônico, também não tem renovação pela Internet.

Nas pequenas bibliotecas da Região Norte, o fator suporte é ponto capital, as passagens aéreas para essas localidades são caras, o que exige uma séria análise sobre os valores da manutenção. Mas para essas bibliotecas, definitivamente, programas domésticos são as piores opções. Elas não têm seus centros de computação bem estruturados, e quando um funcionário do CPD desenvolve o sistema, a biblioteca fica totalmente dependente do suporte dele, o que faz com que este não possa tirar férias, viajar ou morrer. Pelo mesmo motivo, ainda é muito preocupante a utilização de softwares livres nas bibliotecas do Norte, visto que esses também exigem uma grande dependência do CPD.

A preocupação com essa dependência deve-se ao fato de, assim como essas bibliotecas sempre têm problemas de pessoal, o CPDs também possuem essa carência e o suporte dado a toda a Universidade ainda é problemático. Como observei em Rondônia, ao desenvolver um programa, o analista do CPD, não se interessou em estudar o MARC ou a ISO 2709, achou que a única coisa que o programa teria que fazer seria catalogar, emprestar e devolver material, como em um almoxarifado.

Muitos profissionais de informática não entendem que o programa precisa agilizar os trabalhos da catalogação, pois como os recursos humanos sempre foram escassos, cabe ao programa ser um catalogador a mais, porque tempo é uma dimensão preciosa no processamento técnico dessas bibliotecas. Daí a grande importância da incorporação dos catálogos coletivos no seu cotidiano, mas essa ferramenta só é possível com os formatos e as normas padronizadas.

Mas o que percebi, fundamentalmente, foi que faltaram argumentos técnicos, por parte das profissionais da Biblioteca, para convencer o reitor de que um software doméstico, seria atraso tecnológico. Geralmente, a falta de argumentos se apresenta quando os profissionais desconhecem as tecnologias de informação pertinentes ao funcionamento do setor, o que deixa claro o pouco investimento desses profissionais em educação continuada, garantida com a leitura de periódicos científicos e livros da área de Biblioteconomia.

Tal situação me leva a inferir que as bibliotecárias estruturaram o atraso tecnológico pelo qual passa a Biblioteca da UNIR. Pois sem estudos e conhecimento

técnico não lhes foi possível argumentar com a Administração Superior nem orientar o CPD na criação de um programa doméstico minimamente funcional.

A partir da década de 90, período de abrangência da reforma gerencial, a Direção da Biblioteca Central passou pelos mesmos problemas da UFAC no que diz respeito ao afastamento de bibliotecárias, das sete existentes, apenas três se mantiveram depois de 2000.

Aurineide Braga coloca que um dos fatores que mais pesaram para o seu afastamento da UNIR foi a falta de investimento em qualificação dos técnico-administrativos.

Lógico, uma Universidade que não investe no seu pessoal, porque na época do Fernando Henrique Cardoso, eu me lembro de uma propaganda da FIOCRUZ que os pesquisadores, cientistas estavam indo embora do Brasil. Naquela época quando começou a campanha, que a televisão fez um trabalho muito acirrado sobre isso, foi que eles começaram a reagir e começaram a investir nos profissionais, professores. Mas isso depois de uma guerra muito grande, a Universidade precisa guerrear pra ter investimento, claro que não. Eu senti que se eu ficasse lá eu não ia pra lugar nenhum. Primeiro, eles não tinham nenhum programa de capacitação, a Universidade até hoje não tem um programa de capacitação para os técnicos, *Há Aurineide mas tem técnico que consegue*. Mas numa luta danada, numa briga, num stress, para poder fazer isso... em um local que é do saber? Eu questiono. Então eu vi que não tinha muita perspectiva, mas mais de política, eu não estava disposta a estar brigando todo tempo, eu não quero perder minhas energias com isso. Eu briguei o tempo todo para Biblioteca ser reconhecida, pra ser uma Biblioteca que em cada semestre quando os alunos entravam a gente participar, fazendo tour para que os alunos fossem na Biblioteca, recebessem aula sobre a Biblioteca, como ela funcionava, o que eles deveriam fazer para ter acesso aos assuntos, aos títulos, aos documentos, então isso foi uma luta muito grande, da Biblioteca entrar em sala de aula, dela ter essa abertura. Do professor fazer um programa lá e a gente está inserido, separando documentos, buscando documentos, participando das exposições. Fazendo exposições na Biblioteca, fazendo ela aparecer nos jornais, era um trabalho muito intenso, muito grande, além de todo trabalho técnico, a gente fazia um trabalho muito intenso de divulgação. Além disso, tinha que brigar para ser capacitado? Há, me poupe, é muito difícil. Eu sei, sei porque eu queria crescer, como cresci.⁷⁷

Por duas vezes, Luzimar Chaves assumiu a Direção da Biblioteca Central, sendo que na segunda, entre 1999 e 2000, Cleide Maria de Medeiros também se afastou por dois anos e a biblioteca ficou apenas com a diretora. Luzimar Chaves faz uma avaliação da sua atuação como diretora e diz que não tinha perfil para exercer o cargo. Nunca gostou de negociar com os superiores, de fazer política, mesmo porque não tinha muito tempo pra isso, pois atuava praticamente sozinha.

⁷⁷ Aurineide Braga, ex-bibliotecária da UNIR, 21/08/2008.

O que se percebe é que Luzimar Chaves nunca se interessou em acumular capital social para se relacionar no campo científico-universitário. Seus relatos, porém, são valiosos para visualizarmos o cotidiano típico de uma biblioteca universitária com o quadro reduzidíssimo de bibliotecário. Sobre o período em que ficou sozinha na biblioteca afirma:

Eu acho que esse foi muito difícil porque não tinha quem ficasse, pra mim principalmente, tomar de conta disso sozinha, com o monte de problema que a gente tem. É o ar que quebra, é a água que não vem, é o banheiro que ficava sempre sujo e você ter que enfrentar os colegas para ficarem o máximo aqui, sem poder estar cobrando tanto assim, porque deu para você sentir as condições sub-humanas de ficar aqui num calor desses. Então era muita coisa acontecendo, aqui sempre é assim, você tem um período que trabalha tranquilo, mas logo em seguida tem um outro que desestrutura tudo. Entre 98, 99, no meu período, que entrou o pessoal da DEMEC, que foi outra coisa porque era um pessoal que a gente tinha muita dor de cabeça com eles e você tinha que estar se indispondo com o pessoal do DRH. O pessoal da DEMEC não era habituado a cumprir aquele regime de trabalho que a gente tinha aqui, pessoas já doentes, já se aposentando, com licença pra tirar, então você não podia contar muito com eles. Você pede pessoal para o DRH, mas eles te mandam um grupo de três, quatro pessoas, mas essas pessoas você não podia estar contando. Até pra treinar, você não conseguia nada, as pessoas tudo com limitações que nem um número no guarda volumes, não conseguia identificar. E você tinha que estar administrando tudo isso.⁷⁸

O volume de trabalho e de responsabilidades aumentou com alguns problemas familiares, o que a levou a entregar a direção em 2001, saindo de férias logo depois. Durante seu afastamento, pela primeira vez na sua história, a Biblioteca Central fica sem bibliotecário. Diante da situação, a Administração Superior da UNIR empossa o Diretor da Editora universitária, Nilson Santos, como Diretor da Biblioteca Central. Como Nilson Santos também é professor universitário, ele passa a acumular as três funções.

Por dois anos, Nilson Santos dirigiu a Biblioteca Central e durante a sua gestão, Luzimar Chaves afirma que a biblioteca sofreu várias perdas, tanto de espaço como de equipamentos.

Mas temos que levar em consideração que Luzimar Chaves nunca concordou com o fato da direção da Biblioteca ficar nas mãos de um profissional que não tivesse capital cultural para exercê-la, capital esse garantido através da formação em Biblioteconomia. É possível que suas posições em relação à gestão de Nilson Santos, baseiem-se em pré-noções adquiridas em decorrência da realidade que se impunha.

⁷⁸ Luzimar Chaves, bibliotecária da UNIR, 22/08/2008.

Analisando a gênese dessa realidade, percebe-se que esta é estruturada pelas políticas da reforma gerencial, mas inferimos ainda que tal realidade também foi condicionada pelas bibliotecárias da Instituição, visto que a maioria tomou a decisão de se afastar da UNIR, através de transferências, novos concursos, licenças, etc.

No tocante a gestão de Nilson Santos, cabe uma discussão que se baseia nas características do campo das bibliotecas. Se para um bibliotecário é humanamente impossível dar conta de uma biblioteca central com várias setoriais, para uma pessoa que não possui qualificação em Biblioteconomia, com apenas uma bibliotecária na equipe de trabalho e acumulando três funções, é inimaginável. Sua gestão durou até 2003, quando assume a atual Diretora, a bibliotecária Mônica Peres. Luzimar Chaves afirma, que ele só se afastou depois de muitos confrontos com a Direção.

Assim como a UFAC, a UNIR ainda não conseguiu retomar o seu antigo nível de atuação. Os funcionários percebem o agravamento da situação, pois em 2008, Luzimar Chaves se aposentará. Gisele Gouveia ainda não retornou do Doutorado e quando o fizer, talvez siga os caminhos do ensino e Cleide Maria de Medeiros também está prestes a se aposentar.

Uma nova bibliotecária entrou em 2008, com pouca experiência e que, pelo menos por enquanto, não conseguirá elaborar, em conjunto com a atual Diretora, um plano de reestruturação que possa tirar o máximo proveito das verbas do REUNI.

3.3 BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIFAP - A FILHA ÚNICA

A Biblioteca Central da UNIFAP foi a última a ser visitada durante a pesquisa de campo. Dentre as estudadas, é a que possui o prédio mais bem estruturado seguindo os padrões das bibliotecas modernas, com iluminação adequada, piso galvanizado e paredes claras com separações em vidro, que facilita o contato com o usuário.

Apesar de ter passado por uma reforma em 2008, ainda é muito pequena, principalmente sua área de livros. Oficialmente, é a única biblioteca universitária da Instituição, mantendo algumas coleções nos cursos de interiorização, como os postos de atendimento da Biblioteca do Acre, mas que não se configuram como

bibliotecas setoriais. Pelo que pude constatar, ainda não possui um nome específico, sendo chamada apenas de Biblioteca Central.

Sua trajetória é muito parecida com a da Biblioteca da UFRR, pois ambas foram instituídas logo após a criação dos seus estados, com a Constituição de 1988. Tiveram os mesmos problemas de carências profundas de pessoal que as incapacitaram de realizar serviços de bibliotecas universitárias, espaços minúsculos para circulação e prestação de serviços aos usuários e acervos em quantitativo deficiente que as colocaram entre as menores bibliotecas universitárias federais do país.

A biblioteca da UNIFAP foi a mais difícil de coletar material bibliográfico para pesquisa, por ser muito nova e ainda não dispor de pesquisas científicas sobre a Instituição. Ferreira (2005), única referência científica que tive acesso e que na verdade discorre sobre a educação no Amapá, sendo um capítulo para a UNIFAP, expõe as dificuldades que teve para encontrar documentos sobre a história da Universidade, o que exigiu da autora a apropriação de relatos orais para complementar as informações.

Outro agravante foi a não disponibilização de relatórios e planos, nem da Biblioteca, nem da própria UNIFAP. A justificativa era que a Instituição teria um arquivo central, não organizado, onde esta documentação estaria “arquivada” (aspas minhas). Devido ao pouco tempo que passei no Estado, uma semana, não foi possível pesquisar nos arquivos. Por isso, utilizei os poucos documentos primários, tipo memorando e ofício, que pude encontrar.

As entrevistas também tiveram um certo grau de dificuldade, pois na semana anterior a minha chegada, a bibliotecária Dilma Juarez, que foi diretora da Biblioteca por nove anos, afastou-se da Instituição.⁷⁹ Outra bibliotecária que também não tive condições de entrevistar, foi Ana Cristina Dias, atualmente afastada por motivo de licença saúde. Diante disso, entrevistei apenas uma bibliotecária da Instituição.

Foram cinco pessoas entrevistadas, a bibliotecária Naucirene Coutinho e as auxiliares Iradir Maia e Lúcia Ferreira, que atuam na Biblioteca e as ex-auxiliares Doracy de Brito e Soraya da Costa, afastadas por aposentadoria e por transferência de setor, respectivamente.

⁷⁹ Dilma Juarez não era funcionária efetiva da UNIR, por isso seu afastamento total da Instituição. Cheguei a marcar uma entrevista, mas ela não apareceu. Também tentei entrevistar Ana Cristina Dias, mas ela disse que não tinha nada a contribuir com a pesquisa.

Naucirene Coutinho é bibliotecária da UNIFAP desde 1993, formou-se pela UFPA em 1992 e desde então não fez nenhum curso de pós-graduação. Foi diretora da Biblioteca Central durante quatro anos, no período de 1997 a 2001, voltando a exercer o mesmo cargo em 2008. Iradir Maia é chefe do Setor de Processamento Técnico, atua na Instituição desde 1996 e possui o ensino médio. Lúcia Ferreira está se aposentando, trabalha na Instituição desde 1985 e possui o ensino fundamental.

No que se refere às auxiliares afastadas, Doracy de Brito trabalhou na Biblioteca durante o período de 1981 a 2001, foi chefe do Setor de Atendimento e possui o ensino médio. Soraya da Costa trabalhou no período de 1995 a 2004, formada em Secretariado Executivo e atualmente é bacharel em Direito.

As entrevistas foram realizadas na Biblioteca Central da UFAC, numa das cabines de estudo de grupo. A entrevista de Naucirene Coutinho, porém, foi realizada na sala da Direção.

A Universidade Federal do Amapá foi criada através do Decreto nº 98.987 de 02 de março de 1990, sendo que a criação de cargos e empregos ficara condicionada à Lei de Diretrizes Orçamentárias de 1991. Por isso, para dar início às suas atividades em 1990, todos os recursos foram advindos do Estado (FERREIRA, 2005).

A UNIFAP originou-se do Núcleo de Educação da UFPA - NEM, que funcionou no Amapá como campus avançado dessa Universidade pelo período de 1970 a 1992. Conforme Ferreira (2005), ao ser extinto em 1992, toda a documentação foi transferida para a UFPA, não ficando nada nos arquivos da UNIFAP.

Naucirene Coutinho afirma que os funcionários e o acervo mantido pelo NEM foi repassado para UNIFAP.

Quando nós chegamos, assim... tínhamos 4 prédios, que eram os blocos onde funcionava o núcleo da UFPA, aí automaticamente passou pra UNIFAP, inclusive os servidores da época que eram do quadro da UFPA, passaram para os quadros da UNIFAP. Foram eles que juntos com o Reitor nos receberam na época. Quando Nós chegamos, tinha 4 prédios, em um funcionava a Reitoria, toda a parte administrativa, e os outros 3 eram as salas de aula. O espaço destinado à biblioteca eram 2 salas de aula. Em uma ficava o acervo, todo remanescente do núcleo, a UFPA doou o acervo pra universidade. Cabia numa sala de aula. E a outra sala eram as cadeiras disponíveis para o usuário. E nós trabalhávamos na sala do acervo, tinham as mesas, era lá que o material era preparado.⁸⁰

⁸⁰ Naucirene Coutinho, Diretora da Biblioteca Central da UNIFAP, 28/08/2008.

Pelos relatos dos funcionários, desde o NEM, a Biblioteca sempre teve profissionais de Biblioteconomia. Mas somente em 1993, com a realização do primeiro concurso da UNIFAP, entram as primeiras, e até 2008, únicas bibliotecárias efetivas, Naucirene Coutinho e Ana Cristina Dias. Esta última assume a Direção da Biblioteca, um ano depois, com o afastamento do bibliotecário Daniel Monteiro.

Logo após a federalização, os prédios da UNIFAP passam por reformas e a Biblioteca é transferida provisoriamente para o ultimo pavilhão do Campus. Finalizadas as reformas, os funcionários retornam para uma biblioteca ampliada, que além dos setores de atendimento, possuía setor de periódicos, processamento técnico, sala de restauração e um auditório. Este passa a ser amplamente utilizado tanto pela Universidade como pela sociedade em geral.

Ana Cristina Dias mantém-se no cargo de diretora por mais ou menos um ano. Assim como na UFAC, os funcionários também entraram em confronto com a direção, mas ao contrário do Acre, o pessoal da UNIFAP conseguiu afastar a diretora. Foi feito um abaixo-assinado e encaminhado ao Reitor, solicitando o afastamento da bibliotecária Ana Cristina Dias da gestão da Biblioteca, conforme a narrativa dos funcionários abaixo:

Acontece assim, eu não sei se a outras pessoas falaram o mesmo, mas eu respeito muito a Ana Cristina como técnica. De todos os bibliotecários daqui, ela sempre foi a mais empenhada, a melhor. O que eu sempre disse para a Naucirene é que a Ana Cristina gosta da profissão, ela é apaixonada pela profissão, enquanto a Naucirene diz que não é muito, né. Então eu sempre a admirei muito como técnica, como técnica não tem como falar nada, agora como pessoa, a gente não tinha como trabalhar. Não era só eu, era todo mundo. Ela é uma pessoa... pra que ela consiga o que ela quer, ela vai em cima de ti, passa por cima de ti. Então começou o movimento, todo mundo aqui não estava mais aguentando, acabava saindo briga, quando a gente via ela estava brigando com alguém e ela chegava às vezes a humilhar certas pessoas aqui dentro. Então, todos nós pedimos a saída dela, que ela saísse pelo menos da Direção. Ela saiu da direção imediatamente, foi pra outros órgãos... ainda passou algum tempo aqui como técnica. Se não me engano ela passou algum tempo na Instituição e depois foi para o estado.⁸¹

Na verdade, havia muito atrito. Ela era uma profissional muito competente, uma pessoa dinâmica, superinteligente, que tem uma visão muito à frente, que consegue captar a coisa num estalar de dedo, muito competente mesmo, mas na época, como eu te disse, foi um ano... e parte dele eu passei ausente, então houve muito atrito com funcionários aqui dentro e acabou acontecendo o abaixo-assinado. Alguns servidores tiveram a coragem, que eu acho que é uma coragem muito grande, e insatisfeitos com a forma com a qual estavam sendo tratados, a forma como estavam se desenvolvendo as atividades aqui, não sei, acho que cada um poderia dizer por si. (...) Aí na época eu lembro que o Pró-Reitor de Administração me chamou e colocou a

⁸¹ Soraya Costa, ex-auxiliar de biblioteca da UNIFAP, 29/08/2008.

situação, inclusive na verdade eu digo que hoje eu não assinaria por uma questão de ética, por ser uma colega de trabalho, eu não deveria, mas na época eu comunguei com os colegas.⁸²

Nem todos os entrevistados assinaram o abaixo-assinado, apesar de concordarem que Ana Cristina Dias tinha problemas de inteligência emocional, inclusive com os usuários. Mas todos são unâimes em reconhecer a sua capacidade enquanto profissional.

Foi com Ana Cristina Dias que a Biblioteca iniciou os trabalhos de informatização do acervo, utilizando o Programa Microsis. Durante o ano de sua gestão, Naucirene Coutinho entra de licença maternidade por seis meses e a Diretora passa a acumular todos os serviços técnicos e administrativos da Biblioteca. Logo após o abaixo-assinado, Ana Cristina Dias se afasta e Naucirene Coutinho assume. Esta lamenta o fato de, por quatro anos, ter ficado sozinha à frente da Biblioteca.

Éramos só nós duas. O Pró-Reitor me chamou e disse que não tinha outra saída, que eu era a única pessoa que poderia assumir. Eu tava em início de gravidez também, foi assim, meu Deus. (...) Sim, meus dois primeiros filhos têm 1 ano e 3 meses de diferença. Um estava com 6 meses e eu fiquei grávida do outro. Então foi o início da minha vida profissional e início da minha vida familiar, família própria. (...) Olha, de início foi barra, eu sempre digo que a minha escola foi esta biblioteca. A minha verdadeira escola está sendo essa biblioteca, porque aquilo que eu aprendi nos 4 anos foi o mínimo, pro que eu tive que enfrentar. A Ana Cristina praticamente se ausentou, começaram os períodos de ausência dela, fosse pra ministrar curso, fosse pra licença médica, então de início eu fiquei praticamente sozinha, como bibliotecária, porque havia os outros funcionários, muito antigos, que pelo menos pro acervo que nós tínhamos na época e pro usuário que nós tínhamos, servidor que nós tínhamos. O servidor da época praticamente começou a conhecer pelo menos os títulos, ele poderia não estar preparado para conhecer o conteúdo daquilo, mas o usuário chegava aqui e procurava pelo título. E também nós tínhamos o fichário, quando não sabia, era procurava no fichário.⁸³

Até a presente data, Ana Cristina Dias está afastada da UNIFAP por motivo de licença médica. Quando Naucirene Coutinho entra em licença maternidade pela segunda vez, a Biblioteca fica sem bibliotecário e sob a responsabilidade de uma pedagoga. Com o término da licença, Naucirene Coutinho retorna para a Direção e por quatro anos, praticamente, é a única bibliotecária da Instituição até 1999.

Diante disso, entende-se porque durante toda a década de 90, a Biblioteca desenvolveu apenas os serviços fins de consulta local, empréstimo e devolução.

⁸² Naucirene Coutinho, Diretora da Biblioteca Central da UNIFAP, 28/08/2008.

⁸³ Naucirene Coutinho, Diretora da Biblioteca Central da UNIFAP, 28/08/2008.

Instalou-se a comutação bibliográfica, que de acordo com Naucirene Coutinho, era pouco utilizada e houve algumas ações de integração ao INFORMAM, mas que não foram adiante.

Os problemas de falta de pessoal levaram as gestoras da Biblioteca a direcionar esforços para as atividades de apoio que garantissem o funcionamento do atendimento, como a aquisição de livros e catalogação do acervo. As estratégias adotadas podem ser amplamente questionadas do ponto de vista técnico, como colocar funcionários sem qualificação para chefiar atividades como processamento técnico, desenvolvimento de coleções e atendimento ao usuário. Mas a Direção usou os recursos que tinha ao seu alcance, diante das estruturas impostas, conforme a narrativa dos funcionários:

Eu acho que para o desenvolvimento da Biblioteca foi muito ruim, porque nós não somos uma biblioteca especializada, nós somos voltada ao acadêmico. E eu sempre me reporto, sem falar enquanto pessoa, mas a Iradir, Socorro são pessoas muito legais, maravilhosas, mas, principalmente no trabalho que elas desempenham de ajudar o aluno na frente, é difícil. Se eu e a Cleide que temos curso superior, nós temos certas dificuldades técnicas de ajudar um acadêmico de Enfermagem, imagine uma pessoa que nem nível superior tem. Não desfazendo a pessoa, mas ter um conhecimento melhor de bibliografia. Então isso tudo prejudica o andamento da Biblioteca, o atendimento aí na frente, os livros não saem lá de traz⁸⁴, porque não tem gente suficiente para catalogar os livros, isso prejudica o aluno porque o livro acaba se desatualizando. Fala da minha área, principalmente, Direito, que de um ano pra outro se desatualiza. Livro que foi comprado esse ano, mas que só vai ano que vem pra lá. Então eu acho isso muito ruim. A nossa biblioteca talvez tivesse condições de desenvolver mais, mas não consegue, por isso, pelo administrativo... que não sai.⁸⁵

Aí teve o problema da Cleide ir pra Reitoria, a Soraia cedida pro governo, (...), então nós tivemos uma carência imensa de funcionários, aí elas falaram que eu iria assumir o processamento técnico, e eu achava que não ia conseguir. Então a Naucirene me deu muita força, ela já estava na Divisão de Periódicos e não podia ficar no processamento técnico, e elas achavam que eu sabia. Era eu no atendimento, a Célia ainda não trabalhava aqui, a Carmen, que foi embora para o Rio de Janeiro, estava há pouco tempo e não tinha muita experiência, então decidiram me colocar no processamento técnico. E eu disse que deveria ser uma bibliotecária, porque você sabe que no atendimento ao público, processamento técnico, periódico, tem que ter uma bibliotecária, que seria a responsável, e os auxiliares.⁸⁶

A presença de auxiliares na chefia dos serviços meio não quer aqui dizer que a divisão de trabalho era bem definida, pois na condição de única técnica qualificada da instituição, a Diretora estava presente em todas as seções.

⁸⁴ Ela se refere ao depósito de livros.

⁸⁵ Soraya Costa, ex-auxiliar de biblioteca da UNIFAP, 29/08/2008.

⁸⁶ Iradir Maia, auxiliar de Biblioteca da UNIFAP, 27/08/2008.

Principalmente na que mais demanda atenção, como o atendimento ao usuário, que se constitui em orientação à pesquisa e ao acervo, elaboração de fichas catalográficas e orientação sobre a normalização de trabalhos.

Uma outra atividade que concorre com o atendimento de usuário e se configura como a que mais exige equilíbrio emocional e preparo dos gestores são as atividades administrativas, especialmente as questões pontuais que dominam o cotidiano dessas bibliotecas, visto que no caso da UNIFAP e da UFRR, não existe secretários na Direção.

Entre as questões pontuais, os funcionários apontam a gerência de pessoal como uma das principais preocupações cotidianas.

Com certeza, logo no início eu lembro que nós tivemos um quadro de funcionários significativo. Eram aquelas pessoas que tinham acabado de passar no concurso, tinham os remanescentes do Núcleo, mas graças a Deus, naquela época, os poucos funcionários que nós herdamos eram pessoas dedicadas mesmo à Biblioteca. Até hoje se nós falarmos com eles, eles dizem que amam a biblioteca e que se pudessem voltar, voltavam. Nessa época nós tínhamos funcionários que estavam com todo gás, que trabalhavam mesmo. Com o tempo, o número de funcionários está cada vez menor. Hoje nós estamos com espaço físico duplicado com o anexo, mas o quadro reduziu, então fica difícil a gente atender ao público. E também quanto ao comportamento, à atuação dos funcionários. Muitos funcionários entraram e saíram da biblioteca, foram muitas pessoas treinadas que acabaram indo embora, nós temos que treinar outros. Uns saem porque vão pra outros setores, outros saem porque se aposentam, mas nós sempre tivemos problemas. Ultimamente nós estávamos tendo muitos quanto à assiduidade.⁸⁷

Como eles falam mal do funcionário público, eu fico chateada, está certo que 30% não quer nada, mas quem trabalhou fora daqui, no comércio, eu não tenho os maus hábitos, *que você é do serviço público, que você gosta de se escorar*. Então até hoje eu trabalho como eu trabalhava antigamente. Então no atendimento, nós tivemos outros colegas que gostavam de se escorar, que iam saindo, foram tirando. Porque pra você trabalhar no atendimento, tem que gostar de trabalhar com o atendimento ao público. Tem que ser uma pessoa educada, você tem que procurar estar servindo à comunidade. Você não pode deixar um aluno, como eu falei ontem na reunião, que vem de um bairro distante, ele estuda no CEAMA, que é uma faculdade particular, ele vem procurar um livro aqui porque na faculdade dele não tem, então chega no atendimento e está aquela fila imensa, aí tinha colegas nossos que perguntam: *você é aluno daqui? Não. Então aguarda um pouquinho, porque estou muito ocupada*.⁸⁸

O cruzamento inexorável destes dois fatores, atendimento ao público e problemas administrativos, como carência de pessoal, gera o maior gargalo das bibliotecas estudadas, a baixa qualidade dos serviços de empréstimo. No caso da

⁸⁷ Naucirene Coutinho, Diretora da Biblioteca Central da UNIFAP, 28/08/2008.

⁸⁸ Iradir Maia, auxiliar de biblioteca da UNIFAP, 27/08/2008.

UNIFAC, esse problema teve contornos diferentes das outras, porque os gestores optaram por manter o acervo fechado.⁸⁹ Mesmo assim as estratégias de funcionamento eram difíceis, como podemos perceber nos discursos dos funcionários.

Já aconteceu de eu trabalhar sozinha, porque eu trabalhava de manhã, porque eu tinha FG e eu trabalhava de manhã, tarde e a noite. Mas as vezes eu fazia, eu vinha de manhã de 8h ao 12h e a tarde eu ficava de 16h às 22h. Tinha vezes que ficava só duas no atendimento e quando a outra faltava, eu ficava sozinha no atendimento. Era difícil eu faltar também, mas quando eu faltava, ela ficava só. Tinha pouca gente, não tinha estagiário.⁹⁰

Eu não gostava muito não, porque era muito trabalhoso, sempre fui de idade, me cansava muito. Pronto, agora estou no processamento técnico, aí todo mundo me entende, os problemas que eu tenho, e acho que vou ficar até me aposentar. (...) Porque os alunos quando queriam as coisas, tinha que ser naquela hora, aí a gente se aborrecia. Muitos eram assim, até hoje.⁹¹

Um fator que contribuiu para a manutenção mínima dos serviços por parte dos auxiliares foi o fato da Biblioteca já dispor de um programa de informatização, que como já vimos era o Microsis, utilizado até hoje. Assim como na UFAC, a configuração das bases de dados não agilizam de todo os processos técnicos, pois observei que os auxiliares registram o acervo, manualmente, em livro tombo e repetem a operação no Microsis. Também como na UFAC, o Departamento de Informática desenvolveu um aplicativo para a rotina de empréstimo em Delphi, no ano de 2001.

Pelos relatos, a Biblioteca da UNIFAP foi a primeira entre as estudadas a iniciar os trabalhos de informatização. Analisando a Tabela 6, vemos que também foi a que mais rápido finalizou o processo.

Tabela 6 - Período de informatização do acervo de livros

IFES	INÍCIO	FINAL	ACERVO DE LIVROS(2007)	SOFTWARE
UNIFAP	1994	1996	41.232	Microsis
UFAC	1995	2000	101.179	Microsis
UNIR*	2000	-	89.354	Arche Lib/Doméstico
UFRR	2001	2006	38.492	Thesaurus/Argonauta

* Calcula-se que 90% do seu acervo esteja informatizado.

FONTE: Bibliotecários entrevistados

⁸⁹ Ana Cristina Dias abriu o acervo na sua gestão, mas o furto de livros a fez tomar a decisão de fechar novamente. Somente em 2008, a Biblioteca entra em processo de aquisição do sistema de segurança.

⁹⁰ Doracy de Brito, ex-auxiliar de biblioteca da UNIFAP, 29/08/2008.

⁹¹ Lucia Ferreira, auxiliar de biblioteca da UNIFAP, 27/08/2008.

Naucirene Coutinho diz que o número de exemplares era muito pequeno, o que contribuiu para a agilização do processo. Mas o que realmente possibilitou essa agilidade foi a distribuição das planilhas entre os funcionários para que esses catalogassem os livros. Essa estratégia é danosa, principalmente para as bibliotecas universitárias que precisam garantir os padrões internacionais. Pois apesar da informatização ter sido finalizada em tempo recorde, até hoje a base de dados da UNIFAP sofre com problemas como: livros que não possuem assunto, livros que foram catalogados como exemplar, mas que na verdade são outros títulos do mesmo autor.

À época da implementação da informatização, Naucirene Coutinho registra que houve o primeiro investimento significativo em acervo, mas não explica os motivos do aumento, se pelo fato do acervo ainda ser mínimo para os cursos existentes ou se pela criação de novos cursos.

O que percebi é que as aquisições por compra têm os mesmos problemas das demais universidades, os cursos são criados e depois é que chegam as verbas para compra livros. O trato com as doações também segue o mesmo padrão das outras bibliotecas estudadas, como são bibliografias complementares, vão para o depósito à espera de serem catalogadas.

Durante a primeira gestão de Naucirene Coutinho, três reitores passam pela Administração Superior da UNIFAP e a todos eles, Naucirene Coutinho solicita seu afastamento, mas não é atendida. Somente em 1999, por indicação da Diretora, a Instituição contrata Dilma Juarez que já havia passado pela biblioteca.

Ela era do estado, era funcionária do estado, já era bibliotecária, da década de 70, quer dizer, ela era do território. Como os funcionários do território tiveram que passar pro estado ou pra União, eu não sei, ela passou pra União. E ela pediu pra ser redistribuída pra universidade. E saiu a portaria dela no Diário Oficial sendo redistribuída pra universidade. (...) Aí a Dilma se virou e conseguiu o PDV através do estado, como eu não sei. Mas ela conseguiu o PDV e saiu da universidade. Não sei pra onde ela foi. Ai quando o prof. Paulo Guerra entrou, eu disse pra ele logo, que eu não queria mais ficar à frente. Como eu conhecia a Dilma, e acredito que ele não queria colocar de novo a Ana Cristina, e ele era amigo da Dilma. Eu disse a ele que estava percebendo que eu não estava dando aquilo que a biblioteca precisa, eu já não estava com aquele estímulo pra dar a Biblioteca aquilo que um diretor precisa dar. Eu fico como técnica, sem problema, e ele passou um tempo, aí foi que ele chamou a Dilma. (...) E durante 9 anos, ela ficou à frente da biblioteca.⁹²

⁹² Naucirene Coutinho, Diretora da Biblioteca Central da UNIFAP, 28/08/2008.

Estranhamente, não consegui encontrar os relatórios da gestão de Dilma Juarez, apesar de ter localizado pastas de arquivos referentes aos anos anteriores a 2000. Sem acesso a relatórios e planos, fica difícil compreender ou até mesmo descrever as práticas e o cotidiano das bibliotecas, o que dá margem a representações preconceituosas, como as pré-noções de que os profissionais da biblioteca nada fazem.

Um exemplo desse dano é o trabalho que a Biblioteca desenvolve com o seu Auditório. Praticamente, a Biblioteca é a sala de estar da UNIFAP, pois é no Auditório que acontecem as palestras, cursos, exposições, grandes eventos como SBPC, enfim é amplamente utilizado pela Instituição e pela sociedade em geral. Mas em nenhum documento oficial da Biblioteca, vi menção a essa atividade. Tomei conhecimento deste trabalho antes de chegar a Universidade e o confirmei com os relatos de Naucirene Coutinho e tendo acesso ainda a uma folha de agendamento, escrita a mão, de 2001.

Até um documento encaminhado ao Curso de Direito, com informações sobre a Biblioteca, apresenta o quantitativo do acervo, da estrutura, das atividades, mas não menciona o trabalho com o Auditório (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ, 1999).

No primeiro concurso aberto para as universidades, em 2004, depois dos anos da política de desaparelhamento do serviço público, praticado pelo Governo de Fernando Henrique Cardoso, a Instituição não abriu vaga para a Biblioteca, apesar de saber das sérias carências do setor. Realmente as vagas distribuídas pelo MEC naquele concurso não atendeu as necessidades básicas das universidades federais. Mesmo assim, em universidades como a UFPA, apesar de ser contemplada apenas com 11 vagas para técnico de nível superior, a Instituição abriu oito para bibliotecários. A UFRR recebeu apenas três vagas e abriu uma para a Biblioteca.

Com isso, percebe-se que a UNIFAP também condicionou a precariedade dos serviços da Biblioteca. Percebi que os funcionários são conscientes dessa situação, pois captei os seguintes discursos: *os reitores não ligavam pra biblioteca, a biblioteca era a menininha dos olhos do reitor, o reitor atual é muito preocupado com a biblioteca*. Esses comentários, porém, escamoteiam uma estratégia conformista que acabam por sustentar a mentalidade do campo científico-universitário, personificado aqui pela Administração Superior. Eles levam ao

entendimento, e à aceitação, que a biblioteca fica entregue à boa vontade deste ou daquele reitor.

Assim como os outros setores da universidade, as bibliotecas possuem plano de ação, recursos para seu funcionamento, ainda que poucos, exigem investimentos, seu desenvolvimento é planejado e avaliado pelos colegiados. Isso a insere na condição de estrutura institucional que demanda estratégias organizacionais como qualquer outra instituição. Profissionais que não se articulam com o campo científico-universitário e não investem em acúmulo de capital social, tendem, ainda que inconscientemente, a deixar as bibliotecas à mercê das preferências das administrações superiores e perdidias diante da falta de continuidade das políticas públicas.

Naucirene Coutinho comenta sobre essa limitação profissional:

Eu acho que principalmente ele deve estar muito ativo, precisa se dedicar à biblioteca, precisa buscar o que há de novo no mercado, precisa estar em interação com outras bibliotecas, e nós, como somos uma biblioteca pequena, precisamos demais estar atrás, buscar. Eu não me sentia com forças pra isso, nem com tempo pra isso. Como eu te disse, eu estava no início da constituição da minha família, estava com filhos pequenos, eu tenho um filha que está com 6 anos. Na época, eu tinha meus filhos pequenos que precisavam de mim, e muito, e eu não podia deixar meus filhos de lado. Então tudo isso pesou. Por exemplo, aqui no estado, os recursos que nós temos de aprendizagem nessa área é muito precário. Ou você vai pros livros, ou pro telefone, internet, pra estar pesquisando o que tem, ou você tem que se ausentar do estado pra ir atrás, pra poder ter algum conhecimento, e pra mim isso tava sendo muito difícil, e eu não podia estar me ausentando. Então este foi um dos motivos que me levaram a não dar pra biblioteca aquilo que ela precisava, e eu sentia isso, e não queria estar à frente.⁹³

A falta de qualificação e de educação continuada também foi um grande obstáculo para os profissionais da Biblioteca da UNIFAP, mas é com sua experiência que surgiu a oportunidade de discutir uma questão detectada em todas as bibliotecas estudadas, o desinteresse dos gestores em se atualizar e participar de eventos da área.

Essa mentalidade é de difícil compreensão, tendo em vista que no momento que mais se precisa de atualização e que mais se tem facilidade em conseguir recursos, pois as instituições, sejam públicas ou privadas, sempre dão preferência aos diretores, esses, por vontade própria, não buscam se atualizar.

Somente com a instalação do Portal de Periódicos eletrônicos na UNIFAP, por volta do ano 2001, é que Naucirene Coutinho, em conjunto com Soraya Costa,

⁹³ Naucirene Coutinho, Diretora da Biblioteca Central da UNIFAP, 28/08/2008.

participa dos treinamentos da CAPES, depois da sua saída da Direção. Mas, conforme seus relatos e de Soraya Costa, a Biblioteca não conseguiu desenvolver um trabalho efetivo junto aos professores.

No início nós chamamos os professores para mostrar, principalmente na área de saúde, a CAPES tem muita coisa na área de saúde. Alguns professores tinham saído para pós-graduação e possuíam conhecimento, mas outros não. Até onde eu acompanhei, eu acho que a aqui na Universidade é pouco procurado, não sei como está agora. Os professores quase que não vinham aqui fazer solicitação de artigos, mesmo de bibliografia. (...) Nós chamamos eles aqui e mostramos para os que vieram. Naucirene fez uma circular pedindo aos professores que se tivesse interesse em obter mais informações sobre o Portal, que viessem até aqui. Nós nos colocamos a disposição para qualquer coisa que eles queriam. Que eu me lembre vieram três professores no máximo.⁹⁴

A gente implantou as ilhas, eu lembro que fui eu quem fui pro treinamento, de início foi um impacto, se deparar com várias bases de dados. (...) A Soraya é secretária executiva, na época ela estava estudando o curso de Secretariado. E ela foi junto comigo pro treinamento do portal. Se pra mim, que sou bibliotecária, e tava mais habituada a esse tipo de serviço, já foi um impacto, pra ela mais ainda. Acabou que a gente não deu o treinamento como deveria ao usuário. (...) A orientação quanto ao portal, ficou sendo assim. Você chega, você tem dificuldade, quer conhecer, mostrava pra ele. Não foi aquela coisa, montar um programa de treinamento.⁹⁵

A Biblioteca da UNIFAP só veio a ter uma nova bibliotecária em 2008, através de concurso. Mas infelizmente, logo depois, afasta-se a então diretora Dilma Juarez. Naucirene Coutinho assume mais uma vez a direção e agora acredita que tem mais experiência para dar conta dos desafios.

Ao contrário, das bibliotecas anteriores, UFAC e UNIR, o futuro da Biblioteca da UNIFAP se mostra promissor. Visto que percebi o apoio da Administração Superior e com mais investimentos para as universidades, será possível construir uma nova história.

3.4 BIBLIOTECA CENTRAL PROF^a. MARIA AUXILIADORA DE SOUZA MELO

Pode-se afirmar que a Biblioteca Central da UFRR foi a principal motivadora da realização desse estudo. Durante vários anos à frente da Direção da Biblioteca, sempre me incomodei com o fato de o MEC avaliar a UFRR com base em parâmetros de comparação com as grandes universidades, mesmo sabendo que

⁹⁴ Soraya Costa, ex-auxiliar de biblioteca da UNIFAP, 29/08/2008.

⁹⁵ Naucirene Coutinho, Diretora da Biblioteca Central da UNIFAP, 28/08/2008.

nós nunca tivemos os recursos que essas universidades tiveram e que nossa realidade histórica e regional é totalmente adversa.

Ficava também incomodada com professores recém admitidos por concurso, oriundos de universidades do Sudeste e do Sul, que chegavam à Biblioteca, e até mesmo à Universidade, desdenhando e criticando nossa estrutura e nossa capacidade, sem saber da nossa trajetória: *Por que na USP é assim, na UFV é daquele jeito.*

Foi na tentativa de trazer à tona a sua construção histórica e dar maior visibilidade às ações desenvolvidas pela biblioteca da UFRR, que iniciei os primeiros estudos para essa investigação. Com os levantamentos preliminares, porém, percebi que as outras bibliotecas universitárias dos pequenos estados da Amazônia enfrentavam os mesmos problemas e decidi incorporá-las à pesquisa.

Como já discuti na Seção 2, foi muito difícil colocar em prática a vigilância epistemológica, pois minhas pegadas também fazem parte da história desse campo. Neste aspecto, ter acesso a relatórios, planos de trabalho e planejamento estratégicos foi de muita valia. Mas até nesse ponto, a constante autocrítica estava presente, haja vista que fui eu quem elaborou parte desses documentos.

Entrevistei seis pessoas em Roraima, a auxiliar Graça Fróes e a bibliotecária e Marcilene Lima, que atuam na Biblioteca. Roselene Coelho, Sebastiana Ribeiro e Eneogusto Moura são ex-auxiliares afastados por transferência de setor e Raimundo Fernandes é aposentado.

Marcilene Lima é bibliotecária da UFRR desde 2002. Na época era recém-formada pela UFPA e foi contrata como funcionária terceirizada até o ano de 2006, quando passa a condição de funcionaria efetiva através de concurso. Durante a entrevista, estava na condição de diretora da Biblioteca Central, cargo que exerceu durante o período de 2007 a 2008.

Graça Fróes é auxiliar de biblioteca e atualmente trabalha com o atendimento aos usuários, atua na Biblioteca desde 1999. Em relação aos auxiliares afastados, Roselene Coelho trabalhou na Biblioteca durante o período de 1996 a 2004, também no setor de atendimento, Sebastiana Ribeiro, por sua vez, atuou no período de 1994 a 2005 na recepção da Biblioteca, Raimundo Fernandes também foi recepcionista no mesmo período de Sebastiana Ribeiro e Eneogusto trabalhou no atendimento ao usuário no período de 1991 a 1992.

Tanto Graça Fróes como Roselene Coelho e Sebastiana Ribeiro estão fazendo o Curso Seqüencial em Secretariado Executivo, voltado para gestão pública. Eneogusto Moura é formado em História pela UFRR, tendo especialização na mesma área e Raimundo Fernandes possui o ensino médio. Marcilene Lima não possui pós-graduação.

As entrevistas foram realizadas na Biblioteca Central da UFRR, na Sala de Mini-conferência. No entanto, a entrevista de Marcilene Lima foi realizada na sala da Direção e a de Raimundo Sousa em sua casa.

Assim como na UNIFAP, não consegui colher o depoimento de umas das figuras mais importantes para a pesquisa, o da bibliotecária Mariede Couto, que ficara à frente da Biblioteca Central por mais de oito anos. Da mesma forma que a bibliotecária Cristina Dias da UNIFAP, ela afirmou que não tinha nada a contribuir para a pesquisa.

Não consegui também entrevistar a bibliotecária cubana Gisela Guerrero, da Universidad de Matanzas, que durante o período de 1997 a 1998, estava presente na comitiva de professores cubanos que vieram para Roraima prestar cooperação acadêmica, através de convênio entre aquela Universidade e a UFRR.

A Universidade Federal de Roraima foi autorizada pela Lei n. 7.369, de 12 de setembro de 1985 e criada através de Decreto Lei n. 98.127, de 08 de setembro de 1989, sua aula inaugural se deu em março de 1990.

Como em muitas universidades do Brasil, a criação da UFRR não foi pacífica, seu surgimento também foi marcado por disputas políticas entre aqueles que queriam sua fundação e entre os que não acreditavam que ela seria necessária (MIBIELLI, 2007, p. 82).

Para Mibielli (2007, p. 87) a criação da UFRR foi fruto da vontade de promoção política de um dos grupos que dominavam a cena no Estado, o que a colocou, por um lado, na condição de refém do “coronelismo/clientelismo político de oligarquias” locais, e por outro, “ ‘obra política do adversário a ser ignorada e, se possível, destruída’ ”.

Para o autor, a ação do poder oligárquico local sobre a gênese da UFRR é detectada em vários momentos. O primeiro Reitor, o Professor Hamilton Gondim, havia sido Prefeito de Boa Vista. Mibilielli (2007) aponta a sua forma arbitrária enquanto gestor, o que teria gerado desacordos e conflitos com a Seção Sindical

dos Docentes da UFRR (SESDUF-RR) e os estudantes das agremiações estudantis.

O Sr. Raimundo Fernandes concorda com o estilo rigoroso atribuído ao Reitor Hamilton Gondim, mas reconhece a sua administração como eficiente:

A administração dele como iniciante, a Biblioteca era iniciante na época, né. Ele trabalhou muito. Um bom administrador, um bom Reitor. E... tudo que tem ali de início foi começado por ele. Aquelas plantas, eu ajudei a plantar, aquelas árvores né. Um dia ele convocou todos os funcionários e alunos também, pra, parece que foi no dia da árvore, pra todo mundo plantar uma árvore. E, a gente saía aquele grupo de pessoas plantando árvore, em toda a direção do Campus. A gente fazia aquilo com muito prazer, porque a gente sabia que era um dever de melhorar o ambiente né, com árvores. (...) ⁹⁶

“Eu quase não observava essas coisas, porque minha área ficava um pouco distante dele, né? Mas... sempre... muita ordem, ele era mesmo como você falou, ele era um pouco... carrasco mesmo, sabe. Ele queria ver muitas coisas na ordem, certa... e às vezes discordavam e começava alguma polêmica. Por causa que... ele queria as coisas no lugar e alguns... se negavam. E teve alguma coisa que não houve harmonia entre ele e algumas pessoas, funcionários da Universidade na época.” ⁹⁷

Raimundo Fernandes foi um dedicado funcionário da Biblioteca durante 15 anos. É uma pessoa amável, prestativa, que dificilmente se indispunha com alguém. Teve uma vida de muito trabalho e, junto com sua família migrou para o norte fugindo da seca no Ceará. Trabalhou como agricultor, foi educador, alfabetizou adultos do Maranhão e foi vigia de escola. Fez seu ensino médio já em Boa Vista, pelo supletivo.

Diferentemente de vários professores da UFRR, que vinham de experiências em outras universidades, já consolidadas, e que tinham um choque, acadêmico e cultural, quando chegavam e viam a Universidade sem estrutura nenhuma, o Sr. Raimundo, por sua vez, declarou que a Biblioteca Central da UFRR foi o melhor lugar que ele trabalhou na vida. Ao contrário de vários professores que eram concursados, ele entrou sem concurso.

Purceno (1999, p.45) aponta que o “trem da alegria” foi um dos meios utilizados para captação de professores e funcionários e como moeda de barganha eleitoral. Com a mudança do ex-território para o Estado de Roraima, o Governo contratou vários funcionários sem concurso público e, posteriormente, fez redistribuições para Instituições federais, entre elas a UFRR.

⁹⁶ Raimundo Fernandes, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 09/05/2008.

⁹⁷ Raimundo Fernandes, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 09/05/2008.

No entanto, essa prática era recorrente já na época do Território, conforme vemos no depoimento de Graça Froes, funcionária da Biblioteca Central da UFRR:

Isso desde 85, já acontecia. Por isso que chamavam o pessoal do Ex-Território de 85 até 88, nessa época se não me engano, de Trem da Alegria, que entraram tudo pela janela.⁹⁸

Na época que eu entrei pro Território não tinha concurso. Você ia na Secretaria e conversava lá com o Diretor e... se tinha vaga, como sempre teve nessa época. Aí você já entrava, eles pediam teus documentos. Aí você já começava a trabalhar.⁹⁹

O Regimento (1992) da Biblioteca Central da UFRR, dá uma pista do seu ano de criação, 10 de Janeiro de 1992, através da Resolução 038/92 CUNI.

Causa estranheza o fato de a Biblioteca ter sido criada dois anos depois da criação da Universidade. Sobre essa questão, o funcionário Eneogusto Moura, único entrevistado que participou da gênese da Biblioteca, elucida os fatos:

Em 90 não tinha biblioteca. A biblioteca que tinha, que eu te falei, foi... tudo que foi trazido do antigo curso... todo material bibliotecário que veio... que foi acampado pela Universidade, veio dessa biblioteca. E eram núcleos, pelos departamentos eu acredito. (...) Quando eu fui encaminhado para a biblioteca junto com a equipe, que era a Daniela, que foi embora, num tá no Estado, foi pro Paraná. E o Manuel, que na verdade o Manuel era cozinheiro da Universidade e como não tinha onde ele trabalhar, ele foi desviado de função e trabalhava comigo e a Daniela na biblioteca. E não demorou muito tempo, foi aberto o concurso pra bibliotecário, foi contratada a Mariede... Pimentel, eu acho... não me recordo o sobrenome dela. E ela foi quem deu praticamente toda a estrutura de biblioteca. Então nesse instante, que essa equipe se formou, antes da chegada da Mariede, estava tudo encaixotado. Num grande salão, que era ali naquela primeira estrutura do Bloco 2, onde hoje era CPV, acho que tinha uns 80 m² ou um pouco mais, um salão razoável com estantes e algumas mesas, para que os alunos pudessem fazer as pesquisas. A gente desencaixotou com a orientação da Pró-Reitora de Graduação na época, que deu orientação de como nós devíamos fazer uma catalogação mínima. Com os conhecimentos básicos dela. Ela era socióloga eu acho... e ela tinha um conhecimento mínimo de organização de biblioteca e nos deu orientação de como agrupar os livros por cada categoria de conhecimento. As vezes nós agrupávamos por título, né. História da Química. Há História então vai pro lado da história. Então era agrupado por título. Às vezes ocorria aquela falha bruta, que o nome tinha história disso, mas não tinha nada a ver com a Ciência em História ou algum coisa em História.¹⁰⁰

Mais tarde a Biblioteca se estruturou de maneira rápida, até pela quantidade do acervo, que era muito pequeno. Eu me lembro que eu sabia de cor onde tava qualquer livro, qualquer livro eu sabia onde estava... os registros eram todos manuscritos, nós não tínhamos nem computador dentro da Biblioteca. O registro de empréstimo era num livro Ata. O aluno assinava que tinha

⁹⁸ Graça Fróes, auxiliar de biblioteca da UFRR, 23/07/2008..

⁹⁹ Graça Fróes, auxiliar de biblioteca da UFRR, 23/07/2008.

¹⁰⁰ Eneogusto de Moura, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 16/07/2008.

recebido... já tinha os cartõezinhos, né. Os empréstimos para alunos se deu a partir do momento em que essa biblioteca ganhou essa estrutura mínima.¹⁰¹

A frase que melhor se encaixa para sintetizar a gênese da UFRR está no Catálogo Geral – 1992 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 1992, p.3), “Deve ser enfatizado o fato de que essa foi a primeira experiência brasileira com a criação de uma Universidade Federal a partir de basicamente nada”.

No dia 22 de setembro de 1989 foi designado um Reitor Pro-Tempore. Até o dia da primeira contratação (08.03.90), existia formalmente apenas um funcionário designado pelo Ministério da Educação para implantar a UFRR. (...)

Não existindo, até 08.09.90, outro funcionário além do Reitor Pro-Tempore e, conseqüentemente, sem contar com os Conselhos Superiores da Universidade (...), foram editadas Resoluções criando Faculdades e Institutos, Departamentos, Cursos de Graduação, aprovando estrutura curricular e normalizando o Vestibular (...).

Para iniciar concursos públicos para provimento de empregos de Pessoal Docente e Técnico-Administrativo, sem contar com o Departamento de Recursos Humanos (...) o Reitor Pro-Tempore editou Resoluções disciplinando os referidos concursos, definiu as áreas de conhecimentos, determinou o conteúdo a ser examinado e designou as Bancas Examinadoras.

Apesar dos concursos e contratações no ano de 1990, não havia perspectiva de orçamento, visto que a Proposta de Orçamento ainda circulava pelo Congresso Nacional. O Ministério da Educação conseguiu que fosse aprovada uma Emenda ao Projeto de Lei Orçamentária para alocar recursos para operacionalizar a implantação da UFRR, sendo incluídos na Programação Especial. Contudo, no mês de março, foi criado o austero plano econômico do Governo Collor, e com ele o Poder Executivo decidiu não utilizar a Programação Especial (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 1992). Com isso, muitos professores e técnicos passaram seis meses sem receber salário.

Roselene Coelho, funcionária da Biblioteca Central por vários anos, relata essa experiência:

(...) A gente ficou seis meses sem receber, eu fiquei seis meses sem receber. Todo mundo que fez concurso ficou sem receber. A gente vinha... era dois horários pra trabalhar só que a gente tinha um horário só, porque o Reitor Hamilton Gondim não achou justo que a gente viesse de manhã e de tarde pra cá, se a gente não tava recebendo. A gente não recebia nada. Ele botou uma turma em cada horário, de manhã e de tarde. Daí a gente ia levando. A gente vinha de pé. Eles diziam que no final do mês a gente ia receber, mas a

¹⁰¹ Eneogusto de Moura, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 16/07/2008.

gente ficava esperando... mas... Como eu fui demitida na Araçatuba, eu tinha um dinheirinho e minha irmã me ajudava. Aí a gente ia agüentando a barra. Nem sei porque que a gente num desistiu, né. Mas a gente num desistiu não. Aí a gente recebeu tudo de uma vez. Mas depois desses seis meses, a gente nunca mais ficou sem receber.¹⁰²

Pelos relatos dos entrevistados, observei que somente os funcionários e professores concursados ficaram sem receber, quem havia sido redistribuído do ex-território ou entrado sem concurso, não teve esse problema.

As atividades acadêmicas tiveram início em 1990. A Universidade absorveu alunos oriundos do Centro de Ensino Superior de Roraima (CESUR), mantido pela Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima (FECEC). Como não havia estrutura física nem para os alunos admitidos através do vestibular, a absolvição dos alunos da CESUR, agravou ainda mais o processo de implantação.

A Universidade não dispunha de campus e salas de aula, o que a obrigou a recorrer ao governo do Estado de Roraima, que embora contrário a sua criação, cedeu às barganhas e políticas em Brasília (MIBIELLI, 2007). O Governo do Estado entregou parte das antigas (e já quase abandonadas) instalações da Secretaria do Trabalho e Ação Social (SETRABES) para que se instalasse a Universidade.

A área, hoje denominada Bloco 1 do Campus do Paricarana, já não tinha água, nem luz, e a estrutura ali erguida não comportava, pela função que tinha anteriormente, salas de aula (...) ou mesmo de trabalho. Com esta parca estrutura, todos os professores já contratados, das mais diversas áreas e cursos, se viram forçados a, num primeiro momento, dividir um espaço (sala) de aproximadamente 30m² entre si (...) (MIBIELLI, 2007, p. 74)

Posteriormente, os professores invadiram a área que hoje é conhecida como Bloco 3, em vista da demora do Governo do Estado em repassar a referida área. E logo depois, o chamado Bloco 4 foi finalmente entregue à UFRR, o que melhorou a distribuição do espaço e gradativamente as instalações básicas. Contudo, o fator conforto ainda foi desafiante durante toda a década de 90, devido à carência de condicionadores de ar em meio ao calor amazônico.

O depoimento do funcionário Eneogusto de Moura, que foi aluno da primeira turma do Curso de História e participou da primeira equipe de trabalho da Biblioteca, nos dá uma visão da época:

Nós passamos dificuldades históricas, aqui na Universidade (risos). De estudarmos sentados... sentados no chão, estudarmos com vela na mão, com lanternas. Acessos terríveis, enlameados. Da história do Bloco 3, que

¹⁰² Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008.

antigamente era chamado de Kuwait, porque ele foi invadido praticamente. Coincidia com a Guerra do Kuwait naquela ocasião. Então foi apelidado dessa forma porque foi invadido pela Universidade. Nós tínhamos apenas, Angela, dois blocos, que era o Bloco 1 e o Bloco 2. A Universidade era somente aqueles dois prédios.¹⁰³

Aí depois o Bloco 3 e mais tarde o Bloco 4 foi repassado. Foi quando, não tenho certeza, administrativamente sobre isso, mas foi quando se definiu a situação do campus pra Universidade... o Campus do Paricarana. Mas no princípio essa situação de estrutura pedagógica e acadêmica era complicadíssima. Não existia. Eu tenho uma boa quantidade de livros, porque eu comprava meus livros. Graças a Deus eu tinha uma boa situação financeira razoável, diferente da maioria dos alunos. Eu já trabalhava, né. E só trabalhava pra estudar praticamente... então eu investia os meus recursos em livros. Então os livros que eu utilizava na grande maioria era comprados. Os que a gente não tinha porque não havia também livrarias em condições pra ofertar os livros que nós necessitávamos, os professores nos cediam em termos de cópia, né, como é uma prática ainda vigente.¹⁰⁴

Estruturar uma universidade federal, recém formada e mantê-la nos governos Collor e FHC, se mostrava uma empreitada hercúlea. As políticas neoliberais do governo engendraram uma situação de penúria em todas as esferas e a melhoria da infra-estrutura não acompanhou a demanda dos cursos, o que explica a forma improvisada como as ações eram realizadas.

Diante dessa realidade, é possível realmente que a UFRR tenha funcionado durante um ano sem uma biblioteca, devido à precariedade da sua estrutura, pois dispunha apenas de dois blocos. Como na UNIFAP, os relatos colhidos e os documentos oficiais não deixam claro se no primeiro ano da Instituição já funcionava uma biblioteca.

Quando Eneogusto de Moura passou a trabalhar na Biblioteca, esta já funcionava em um prédio de apenas 90m², que na sua visão dava conta do serviço à época. Este espaço, contudo, foi usado até 2005, quando da mudança para o novo prédio.

Vemos que os serviços de processamento técnico eram extremamente precários, apesar de Eneogusto de Moura utilizar a palavra catalogação, o que eles faziam era registrar os livros no Livro de Tombo. Como não havia bibliotecária, quem ficava a frente da Biblioteca era a Pró-Reitora de Graduação, que tinha poucos conhecimentos em organização de biblioteca e orientou superficialmente os funcionários. Na verdade, eram os auxiliares que tomavam de conta do setor.

Ainda conforme os relatos de Eneogusto de Moura, a organização técnica propriamente dita só teve início com a chegada da bibliotecária Mariede Couto, por

¹⁰³ Eneogusto de Moura, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 16/07/2008.

¹⁰⁴ Eneogusto de Moura, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 16/07/2008.

volta do ano de 1991. Como os primeiros documentos que encontrei com a assinatura de Mariede Couto, datam desse período, infere-se que foi a partir da sua entrada, que a Biblioteca passou a ter maior visibilidade dentro da UFRR.

O depoimento de Roselene Coelho corrobora com essa afirmação:

Ela que começou o trabalho na Biblioteca, o projeto, ela foi a fundadora, não da Universidade, mas da Biblioteca. Ela idealizou a Biblioteca. Ela fez um bom trabalho, com o que tinha. Tanto que eu peguei pouco tempo com ela, depois ela teve uns problemas com o filho. Mas pra mim, eu acho ela muito inteligente. Ela iniciou tudo.¹⁰⁵

Até o ano de 2002, a Biblioteca Central funcionou apenas com uma bibliotecária. Durante o período de 1997 a 1998, encontrei documentos que demonstram que a bibliotecária Mariede Couto estava afastada, pois em alguns, assinavam como diretora em exercício, Jandira Alcântara, em outros, Clélia Barbosa e também a bibliotecária cubana Gisela Guerrero.

Conforme os relatos dos funcionários, realmente a bibliotecária Mariede Couto teve que se ausentar por várias vezes para acompanhamento do filho doente, sendo que essas ausências se transcorriam por meses. Nesses casos quem se responsabilizava pela Biblioteca eram os funcionários.

Eu fui ser atendente de usuário, ajudava na coordenação, que tinha o dinheiro que a gente recebia, tinha que fazer a contagem, tinha que guardar. E... só, porque a gente ficava mais tempo só. Porque a Diretora da Biblioteca ela tem um filho deficiente, então essa criança precisava muito tempo dela, aí ela vinha só vê como é que tava. E a gente era que tomava conta da Biblioteca.¹⁰⁶

Durante a sua primeira década de existência, o que se percebe é que falta de definição a cerca de um quadro mínimo de profissionais de Biblioteconomia, bem como o afastamento da única profissional existente por vários períodos de tempo condicionou a descontinuidade dos serviços básicos. Gisela Guerrero iniciou um trabalho de catalogação dos livros, em 1997, com o Programa Microsis, mas foi paralisado. Houve, ainda, o registro dos periódicos em ficha Kardex, o serviço de comutação bibliográfica, mas todos foram parados e seus dados perdidos.

A carência de bibliotecários gerou impactos negativos para toda a comunidade universitária, visto que até 2001, seus serviços se resumiam ao empréstimo domiciliar e à consulta local, seu acervo estava bastante desatualizado

¹⁰⁵ Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008.

¹⁰⁶ Graça Froes, auxiliar de biblioteca da UFRR, 23/07/2008.

e deteriorado, e a clientela estava excluída das mídias digitais de informação. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 2004).

O documento acrescenta que a Biblioteca tinha sérios problemas em manter-se aberta nos horários de funcionamento, principalmente nos horários noturnos, devido à carência de funcionários. Graça Fróes comenta sobre esse problema:

Eu sei que nesse tempo tinha umas 11 pessoas. A noite era um problema, porque só tinha uma pessoa e quando a pessoa tava doente não tinha quem ficasse pra atender a noite. Mas por isso que fechava. Mas foram poucas vezes.¹⁰⁷

Apesar do MEC exigir que as Universidades invistam em cursos noturnos, não há concursos para servidores técnico-administrativos para o horário noturno, gerando transtornos de funcionamento nos cursos e principalmente nas bibliotecas, pois que pouquíssimos funcionários efetivos se dispõem a trabalhar à noite.

O que se presencia nas bibliotecas é um número cada vez maior de freqüentadores no período vespertino e noturno, enquanto a maioria dos funcionários efetivos trabalha pela manhã¹⁰⁸. Em muitos casos quem garante o funcionamento das Bibliotecas à noite é a presença dos bolsistas e, no caso da UFRR, dos terceirizados também.

Tais carências condicionaram ainda um cotidiano caracterizado pela improvisação. É o que se pode perceber com o caso das experiências de interiorização da Instituição, onde livros da biblioteca foram encaminhados para alguns municípios do interior sem controle aparente, posto que não encontrei, nem nos arquivos da Biblioteca nem através dos depoimentos orais, informações que pudessem confirmar esses envios. Tomei conhecimento desse fato por intermédio de professores que participaram da interiorização, sendo que um deles afirmou ter levado os livros para o interior sem nenhuma lista de controle.

Há de se questionar porque a Administração Superior não contratou um profissional de Biblioteconomia externo para, pelo menos, garantir o funcionamento mínimo da Biblioteca. Sabe-se que por volta de 1995 houve concurso, mas na primeira prova, poucos profissionais se inscreveram e ninguém foi aprovado.

¹⁰⁷ Graça Froes, auxiliar de biblioteca da UFRR, 23/07/2008.

¹⁰⁸ Lembrando que os funcionários de atendimento trabalham seis horas corridas.

Abriram-se novas inscrições para um segundo concurso, mas dessa vez, não aplicaram as provas.

Como já vimos na Seção 3, um dos eixos da reforma gerencial era a questão da autonomia, onde o Governo impôs que as IFES se subordinassem às condições objetivas locais, integrando-se ao desenvolvimento regional e tecnológico, bem como ao setor produtivo.

No caso de Roraima, como o setor produtivo sempre foi incipiente, essa subordinação às condições objetivas locais significou ficar a mercê das oligarquias políticas. Conforme Mibielli (2007, p.84), com o passar dos anos “a Universidade foi abandonada até por aqueles a quem serviu de palanque, sendo inclusive excluída da pauta parlamentar de emendas orçamentárias da União (...) por anos a fio (até 1999).”

Apesar dessas afirmações, é possível que o afastamento dos parlamentares se deva, também, à perda da credibilidade da UFRR junto à sociedade roraimense como um todo, devido às várias denúncias de corrupção interna, inclusive de fraudes no vestibular.

Os conflitos internos mencionados por Mibielli (2007) dizem respeito a um longo período de desacordos entre a Administração Superior, os professores e as agremiações estudantis, que era frequentes até a sucessão de Hamilton Gondim. Durante a nova gestão, as lutas internas pelo poder, as acusações mútuas e as denúncias de corrupção, levaram à cassação do Reitor e do Vice, bem como a nomeação de um Reitor-Interventor, em 1998, pelo MEC.

Purceno (1999) analisa as notícias dos jornais locais sobre o episódio, as quais constam que a UFRR sofreu intervenção para apurar denúncias de corrupção “....É a primeira vez que uma Universidade brasileira sofre um processo de intervenção...” (JORNAL FOLHA DE BOA VISTA, 1998 apud PUCENO, 1999, p. 46). Seria a primeira intervenção por motivos de corrupção, porque houve intervenção também em Rondônia e no Amapá, mas por motivos políticos.

Por volta de 1999, a UFRR inicia o processo de aquisição do Programa Thesaurus para organização do acervo da Biblioteca. Escolhido pela bibliotecária Mariede Couto, o programa atendia todas as especificidades de um software de bibliotecas, já discutidas na Seção 4.2, no caso da UNIR. Contudo, até o ano 2000, havia poucas dezenas de livros catalogados.

A intervenção na UFRR durou um ano e meio. Em 1999 a comunidade universitária foi às urnas e elegeu o Reitor Fernando Antonio Menezes, que assim como ocorreu na UFAC em 1984, foi um candidato quase de consenso entre os professores, funcionários e alunos.

O novo Reitor tinha a grande responsabilidade de retomar a produção acadêmica e científica da UFRR, praticamente paralisada pelas questões administrativas. Mas os problemas relativos à estrutura eram, sem dúvida seu maior desafio, visto que a Universidade recebeu prédios já em desuso e à medida que o tempo foi passando, a deteriorização agravou-se.

Durante a sua administração, assim como em todas as universidades federais, teve que seguir a cartilha neoliberal à risca. Retomou a comunicação com os parlamentares para captação de recursos através de emendas parlamentares, visando principalmente à reorganização da estrutura física, como a reforma do Bloco I, II e da Biblioteca Central e a criação da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Agrárias - CCA; criou a Fundação Ajuri de Apoio ao Desenvolvimento da UFRR, primeira e até a presente data, única Fundação da Universidade; fez contratação de serviços terceirizados para minimizar os problemas de carência de pessoal; organizou fóruns de planejamento participativo entre a comunidade universitária.

Na reforma, a Biblioteca Central se adequa aos padrões modernos de biblioteca universitária, orientados pelo MEC, como iluminação e ventilação adequada, recursos de segurança como extintor de incêndio e sistema antifurto, e rampa de acesso para portadores de necessidades especiais. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 2004).

Analisando a administração do Reitor Fernando Menezes, Graça Fróes dá a sua visão do período:

Eu não me lembro muito bem não, Angela. Mas que melhorou, melhorou. Mas eu acho que melhorou mais, depois que o Professor Roberto assumiu. Porque cresceu a Universidade, dava pra perceber aí, que a Universidade cresceu, cresceu... assim, rapidamente. Como está crescendo, né. Assim, o que dá pra gente perceber e vê mesmo a mudança muito grande.¹⁰⁹

O comentário de Graça Froes fornece elementos para analisar as influências das estruturas sobre as práticas cotidianas na UFRR. O Reitor Antonio Menezes assumiu a Universidade depois de uma intervenção de um ano e meio,

¹⁰⁹ Graça Froes, auxiliar de biblioteca da UFRR, 23/07/2008.

com uma estrutura física e acadêmica em frangalhos. É como se praticamente, a sua Administração fosse um reinício da Universidade. Roselene Coelho reforça esse ponto de vista:

(...) E com essa crise da Universidade ter sofrido a intervenção, aí pior ainda. Diminuiu os recursos. Com a chegada do Prof. Fernando, a Universidade melhorou muito em termos de recursos. Ela conseguiu sair da lama. Conseguiu levantá-la.¹¹⁰

Seus esforços foram direcionados para restabelecer uma estrutura mínima para a vida acadêmica e todas as realizações foram feitas na base de captação de recursos advindos de emendas parlamentares ou editais de instituições de pesquisa. Não havia recursos do MEC para reformas, construções, concursos, material bibliográfico.

Para se ter uma idéia, a construção do novo prédio da Biblioteca Central recebeu financiamento do Governo Federal em 2004. Foi a primeira vez que o MEC liberou recursos para a construção de um prédio na UFRR.

O Reitor Roberto Ramos, seu sucessor a partir de 2004, assumiu a UFRR no Governo Lula, que vem investindo um pouco mais no crescimento das universidades, ainda que esses investimentos mantenham um compromisso com a quantidade e não com a qualidade, como já o fez o regime militar.

Um outro fator a considerar é a existência de mais doutores atualmente na Universidade. Mibielli diz

(...) que na década de 90 a grande maioria das vagas oferecidas (...) eram para preenchimento do cargo de professor auxiliar (exigência de título graduado somente), fator que, com o passar dos primeiros anos, motivou (e ainda motiva) uma enxurrada de pedidos de afastamento para cursar pós-graduação (...) (MIBIELLI, 2007, p. 78).

É importante lembrar, ainda, que uma das principais estratégias de atração de professores e pesquisadores, foi prejudicada pela perspectiva do Governo federal de investir na produção científica nos centros de excelência, que se restringiam ao eixo Sul-Sudeste, condicionando as universidades amazônicas a se limitarem à função de reprodutoras.

O retorno dos professores da pós-graduação, fez a UFRR atingir a marca de 100 doutores apenas em 2005, entre os quais encontra-se o Reitor atual. Esses

¹¹⁰ Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008..

captam recursos para pesquisa, pós-graduação e extensão,¹¹¹ e com eles há a expansão estrutural e acadêmica como um todo, pois que a graduação também cresce com esses investimentos.

Roselene Coelho, que atualmente trabalha no Setor de Finanças, comenta:

É. Mais recursos, mais pesquisa. Porque a pesquisa trás muito dinheiro. Então, com esse projeto do Marcos Vital e da Elizanilda, que era projeto deles, a Especialização em Recursos Naturais, foi o primeiro, não foi? É o único programa, que é especialização e mestrado. (...) Então com isso, com esses projetos todos, ela cresceu muito. A volta dos doutores ajudou muito a Universidade. Muito mesmo. Tanto que você vê a Biologia com o Marcos Vital... alavancou o CCA... a Escola Agrotécnica reapareceu. Ressuscitou a Agrotécnica, que tava acabada, não sei quantos anos. E os mestrados de Física, Química. Há sim, outra coisa também, em termos de convênios. O que move agora a Universidade, tu sabe, é convênio (...). Então, em termos de convênio, a Universidade também cresceu muito. Não cresceu em espaço físico, que eu acho... eu sempre digo lá pra Railma (...), a Universidade com tamanho que ela está, ela já tem que ter um Departamento de Convênios. Como as outras. Departamento de Recursos Humanos, departamento disso, já tem que ter um departamento com uma equipe. Aqui é uma Divisão de Convênio, eu acho que tem que ser departamento de convênio.¹¹²

As ações da gestão de Fernando Menezes, no entanto, foram além do resgate do desenvolvimento acadêmico e científico, vindo a inovar na criação de projetos até então inéditos no Brasil, como o Curso de Licenciatura Intercultural do Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena, que iniciou suas atividades em 2001.

O Núcleo Insikiran foi uma conquista dos movimentos sociais indígenas de Roraima, gestados na década de 70, que passaram a reivindicar uma educação diferenciada com vistas à valorização da realidade das comunidades locais (CARVALHO; FERNANDES; REPETTO, 2008).

Quinze dias após o início das aulas, morreu uma das principais idealizadoras e organizadoras do Núcleo, a antropóloga e Professora de Ciências Sociais Maria Auxiliadora de Souza Melo. Em reconhecimento à sua grande luta pela causa indígena e pelo respeito à diversidade cultural em Roraima e no Brasil, a UFRR a homenageou dando o seu nome à Biblioteca Central.

Ainda durante a reforma, fui contratada na condição de Diretora da Biblioteca. Eu era bibliotecária do Serviço Social do Comércio (SESC) há três anos e, por conta dessa experiência, trazia uma forte concepção que biblioteca é uma

¹¹¹ Mencionando alguns exemplos, podemos citar a Biofábrica do Curso de Agronomia, o Programa de Recursos Naturais – PRONAT (Especialização e Mestrado) do Curso de Biologia e o Núcleo do Instituto de Geociências – IGEO, mantido pela Petrobrás.

¹¹² Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008.

célula orgânica envolvida com a comunidade.¹¹³ Tinha um *habitus* incorporado de gerência, adquirido em dois anos à frente de um pequeno negócio de prestação de serviços na área de Biblioteconomia, no Ceará.

A minha contratação era uma estratégia para contornar as dificuldades impostas pelo Governo Federal, que não liberava vagas para concurso. Este tipo de contratação é mal vista pelos funcionários que sempre combateram a captação de pessoal externo para exercer cargos de chefia. Os críticos dessa estratégia, não levam em consideração que há funções que necessitam de conhecimentos técnicos e administrativos específicos. E como já vimos na UNIR, na UNIFAP e na própria UFRR, durante o período em que os gestores não eram bibliotecários, as bibliotecas simplesmente estancavam.

Conforme os entrevistados, os primeiros contatos, porém, foram marcados por muitos conflitos:

Foi uma coisa assim... foi bom... mas essa bibliotecária chegou com muito pique pra trabalhar (risos) e ela vinha da empresa privada, só que quando ela chegou, como sempre prometem mundos e fundos. E... eu não trabalhava assim, diretamente... como eu estou trabalhando agora com recursos financeiros, sei que os recursos são mínimos. E aí prometeram pra ela mundos e fundos, que ia informatizar em seis meses... um ano ia informatizar a Biblioteca.... (...) Pois é, mas a questão é aquele negócio, que... ela não sabia como é que era trabalhar com o serviço público. Com os recursos públicos. E aí ela chegou com todo gás. Não foi atingida¹¹⁴. Daí ela viu que não era como ela tava pensando. Ela chegou assim, começou a exigir e, geralmente, eu não gosto de mudança, muita mudança de chefe. Ai eu tenho que me acostumar com isso. Depois a gente teve até um desentendimento sabe. E aí ela viu, minhas qualidades, eu era um meio antipática, mesmo. Tanto que eu sai de lá, fiquei nove meses fora e depois voltei de novo.¹¹⁵

Metas não atingidas tem suas causas principalmente em diagnósticos e planejamentos equivocados. No diagnóstico feito naquele ano, o fato de a biblioteca prestar apenas dois serviços, empréstimos e consulta de livros, me levou ao estabelecimento da informatização como prioridade única no planejamento e com a meta impossível de finalização em um ano.

Através de estudos mais aprofundados sobre a realidade das BUs e visitas técnicas a outras bibliotecas, como da UFPA e Universidade Federal do Ceará

¹¹³ Costumo dizer que não só trabalhei, mas fiz uma faculdade chamada SESC por três anos.

¹¹⁴ A meta de um ano.

¹¹⁵ Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008.

(UFC)¹¹⁶, redirecionou-se os planos, que passaram a ter como principal norte, transformar a Biblioteca Central da UFRR numa real biblioteca universitária.

Já na Biblioteca reformada, com as linhas de ação reconfiguradas, deu-se continuidade às atividades de organização e automação do acervo, mas passou-se a investir na implantação dos serviços básicos de uma biblioteca universitária federal, os quais vimos na Seção 2.2. Dentre esses serviços, destaco a disseminação dos acervos digitais e as atividades necessárias a sua efetivação, como o treinamento de usuários em sala de aula, o serviço de Internet grátis para toda sociedade roraimense em 2001, e a criação do site da Biblioteca para reunir esses acervos.¹¹⁷ (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 2004).

É possível que os críticos afirmem que foi uma decisão equivocada, havendo todo um trabalho de processamento técnico a ser feito. Mas tomei essa decisão porque já estávamos em pleno século 21, onde as bibliotecas digitais já eram realidade. Eu tinha consciência que a Biblioteca Central não podia manter a comunidade da UFRR excluída das mídias digitais, simplesmente porque a organização do acervo impresso estava por ser feita. É como se a Biblioteca tivesse correndo atrás do passado e não construindo o presente.

Como já afirmou Amorim e Vergueiro (2006), o fenômeno da info-exclusão é bastante agravado pelo desalinhamento entre as diversas regiões do globo e em cada país internamente, devido às diversidades socioeconômicas. Era preciso direcionar esforços para diminuir essa exclusão no âmbito da UFRR, mesmo porque a Instituição ainda sofria com um acervo de livros e periódicos pequeno e desatualizado, problema que seria minimizado pelos acervos digitais.

Amorim e Vergueiro (2006) também discutem essa potencialidade, quando, além de abordarem a importância dos acervos e serviços digitais para a disseminação e democratização da informação em bibliotecas universitárias, chamam atenção para o impacto desses sobre o desenvolvimento de coleções, pois

¹¹⁶ A UFC abrigava a Presidência da CBBU naquele ano de 2001. Tive o privilégio de receber orientações diretas da então Presidente Norma Helena, que me deu noções básicas de gestão, desenvolvimento de coleções, Portal de Periódicos da Capes e pesquisa científica, tudo com base na realidade das bibliotecas universitárias. A UFPA foi fundamental na implantação dos serviços digitais e de uma visão voltada para o desenvolvimento científico e tecnológico na Amazônia.

¹¹⁷ O site foi criado em 2003 e até a presente data é a única Biblioteca do Estado de Roraima a prestar estes serviços.

os acervos digitais potencializam a capacidade da coleção em volume e em qualidade.¹¹⁸

A organização dos dois tipos de acervo se transformou, porém, numa tarefa morosa, principalmente porque a Biblioteca Central se manteve com uma bibliotecária até 2002. Outro complicador foi o fato que, como já vimos na Seção 3.5, não basta somente disponibilizar a informação, é preciso promover formas de orientação aos usuários com políticas permanentes de treinamentos à comunidade universitária e incentivos a educação continuada dos usuários.

Desde 2001, os tutoriais da Biblioteca Central foram efetivados a reboque dos treinamentos dados pela Capes, para disseminação do Portal de Periódicos. Na UFRR, esses treinamentos são realizados em dois formatos, um mostrando o passo a passo da utilização dos principais acervos e bases de dados científicos e tecnológicos e outro sobre normalização de trabalhos técnico-científicos¹¹⁹.

Como a Biblioteca Central não dispunha de um laboratório de informática, a maioria dos treinamentos é realizada, até hoje, nos laboratórios do próprio curso que solicita o treinamento. Uma outra estratégia para divulgar e facilitar o acesso a esse serviço, foi a realização dos treinamentos no horário específico de aula dos alunos, seja de manhã, tarde ou noite, seja na semana ou no sábado. Esse recurso gerou uma aproximação maior entre a Biblioteca e os Cursos, pois difunde a noção de que não é só a comunidade que vai à Biblioteca, a Biblioteca extrapola seu espaço de atuação e também vai à comunidade.

Apesar dos novos serviços, as funcionárias Graça Fróes e Roselene Coelho comentam que não viram grandes mudanças na Biblioteca, depois da reforma:

No atendimento. A única coisa que eu acho que foi criada foi a internet, que tinha oito computadores, quatro de um lado, quatro de outro. Só que não funcionava todos. A maior mudança foi a inovação da internet dentro da biblioteca.¹²⁰

Ai de novo tortura de mudança. Eu odeio mudança. Aí foi pra Biblioteca nova. Mas eu achei que ainda tava pequeno. Só foi reformada, não aumentou. (...) Depois da reforma, melhorou sim o ambiente. O atendimento... Há tá, a internet, surgiu com a internet e aí era mais um

¹¹⁸ Atualmente, em 2008, as Bibliotecas da UFRR possuem um acervo de livros de 40.000 exemplares e mais de 10.000 periódicos impressos. No site da Biblioteca porém, há mais 70.000 Dissertações e Teses de todo Brasil (Biblioteca Digital Teses e Dissertações), mais de 12.000 periódicos eletrônicos e mais 140 bases de dados (Portal Capes).

¹¹⁹ Este último levou à aprovação das Normas da UFRR pelo Conselho de Ensino e Pesquisa – CEPE em 2006 e publicadas em formato de livro em 2007.

¹²⁰ Graça Froes, auxiliar de biblioteca da UFRR, 23/07/2008..

serviço na Biblioteca e como sempre, pouco pessoal. Mas a gente conseguia dar conta também, pelo menos enquanto eu tava lá, dava.¹²¹

(...) O que eu vou dizer? Com a tua entrada, foi difícil pra ti e difícil pra gente. Mas depois que você entrou, melhorou muito os serviços da Biblioteca, melhorou o atendimento, melhorou... trouxe muitos serviços que não tinham, então realmente deu uma alavanca na Biblioteca.¹²²

Entende-se a visão dos funcionários porque uma nova realidade se configurava. A Biblioteca extrapola os limites do atendimento no balcão e passa a levar os serviços para a sala de aula e para as residências dos usuários, com a internet. E como eles atuavam estritamente dentro da biblioteca, não conseguiam ver o funcionamento dos demais serviços.

Os conflitos internos se davam principalmente no tocante ao *habitus* dos funcionários referentes à gestão de horários, atrasos, saídas antecipadas e ausências. Dificuldades que já vimos nas outras bibliotecas estudadas. Para os funcionários efetivos, não havia problema nenhum em chegar atrasado, mesmo que o usuário estivesse na porta esperando por ele. É o que se percebe nos relatos de Graça Fróes:

As reclamações que tinham, às vezes quando a gente atrasava também assim pra abrir, dez minutos, cinco minutos, aí noutro dia, lá a Reitoria está vindo.¹²³

A questão dos problemas no atendimento ao usuário também foi motivo de muitos confrontos na Biblioteca. Roselene Coelho atualmente estuda no Curso de Secretariado Executivo, tipo seqüencial e faz uma auto-análise:

(...) Como as pessoas reclamavam de mim, né, eu fico assim. Será que não era porque eu sempre tive muita seriedade no que eu faço? Depois que eu estou fazendo esse curso, a gente teve umas aulas de gestão secretarial, gestão interpessoal... tem coisas que eu me lembro que, eu jamais faço de novo. Ai, tem coisas que eu fiz realmente... meu Deus, eu nunca mais faço aquilo na minha vida. Eu estou procurando melhorar... eu sempre sou séria no que faço, às vezes eu estou séria, as pessoas pensam que eu estou com raiva, mas eu não estou, não. (...) ¹²⁴

Fernando Henrique ele congelou nosso salário, né. Ele não gosta de servidor público, ele era aposentado. Ele não gosta de professor, ele é professor. Mas tem uma coisa nisso aí que eu dou razão a ele, do servidor público. Porque servidor público, ele acha que é servidor público, ele já... *bom, já passei os três anos do estágio probatório, agora vou pintar e bordar. Vou trabalhar se*

¹²¹ Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008..

¹²² Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008.

¹²³ Graça Froes, auxiliar de biblioteca da UFRR, 23/07/2008.

¹²⁴ Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008..

*eu quiser, se eu não quiser eu não trabalho. Eu não concordo. E o atendimento assim, ao público... apesar de tu dizer que eu... mas eu sempre, quando eu chego no serviço público por aí, eu acho horrível quando a pessoa te atende mal. Porque fica parecendo que você está fazendo um favor. (...)*¹²⁵

A Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Agrárias – CCA, localizada no Campus do Cauamé, foi cenário de um dos conflitos internos mais conturbados. Em 2000, o MEC avaliou o Curso de Ciências Agrárias dando uma nota baixíssima e exigindo a instalação de uma biblioteca setorial. A UFRR, que não tinha condições de manter nem a sua Biblioteca Central, acatou as exigências do MEC, criando a Biblioteca Setorial do CCA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 2004).

Na verdade, já existia uma experiência embrionária da antiga Escola Agrotécnica, também no Cauamé, que funcionou durante a época do Território com recursos federais, sendo repassada para a UFRR quando da sua criação no início da década de 90. Contudo, a Escola Agrotécnica foi abandonada e sua estrutura sucateada, ficando apenas o funcionamento do Curso de Agronomia naquele Campus. Os livros da Escola foram acondicionados precariamente em uma sala, muito foi perdido com fungos e com a desatualização.

Em 2001, o Campus do Cauamé foi todo reformado¹²⁶ e com ele a Biblioteca Setorial foi instalada, com os mesmos padrões da reforma da Biblioteca Central, inclusive com sistema de segurança. O processamento técnico dos livros ficou sob a responsabilidade da Central, que decidiu organizar os livros novos e atualizados, deixando os livros da antiga Escola Agrotécnica para uma segunda oportunidade.

Mas, assim como a Biblioteca Central, desde a criação seu maior problema sempre foi falta de pessoal. Inicialmente, a bibliotecária Mariede Couto foi lotada no CCA, o que gerou uma certa preocupação de minha parte, pois como não existiam funcionários para auxiliá-la e por vezes ela tinha que se ausentar, tomei a decisão de não mandar os livros da área de agronomia para Setorial, enquanto não tivesse auxiliares que garantissem a biblioteca aberta, quando a bibliotecária se ausentasse.

Essa decisão gerou revolta de todos os lados, recebi reclamações da bibliotecária Mariede Couto, da Direção do CCA, da Reitoria e dos próprios alunos, através do Centro Acadêmico de Agronomia. Mas meu foco de pressão era justamente sobre a Reitoria, pois à época já estávamos negociando um projeto de

¹²⁵ Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008.

¹²⁶ Antes da reforma, a UFRR criou uma sindicância para apurar o que aconteceu com a Escola Agrotécnica, que mesmo depois de abandonada e sucateada, ainda recebia recursos do MEC.

contratação de pessoal por terceirização, que solucionaria três problemas ao mesmo tempo. Seriam eles, a contratação de mais um bibliotecário para a UFRR, de mais dois funcionários de ensino médio - que acabaria com o problema do funcionamento noturno da Biblioteca Central - e ainda garantiria a ida de dois funcionários para manter a Biblioteca Setorial aberta.

Utilizei a pressão deles como estratégia para pressionar a Administração Superior a autorizar o projeto, o que veio acontecer em 2002.

Contudo, a bibliotecária Mariede Couto consegue uma concessão para trabalhar no Gabinete do Deputado Federal Luciano de Castro, em Brasília, alegando que dessa forma poderia acompanhar melhor o filho doente. Com isso, a Biblioteca do CCA fica sem bibliotecária.

Tentando minimizar o problema, uma vez por semana eu visitava a Biblioteca, para dar algumas instruções aos funcionários, levar novos livros ou fazer alguns procedimentos organizacionais. Mas ela manteve basicamente os serviços de empréstimo, consulta local e acesso à internet. Até a minha saída da Direção da Biblioteca Central, no início de 2007, não consegui transformar a Biblioteca do CCA em uma biblioteca universitária.

No que tange as atividades de processamento técnico, a catalogação cooperativa foi uma das estratégias adotadas para agilizar os processos. Como a Biblioteca já dispunha de um software perfeitamente adequado aos padrões técnicos, foi possível adquirir o maior dos catálogos coletivos brasileiros, o Bibliodata¹²⁷.

Conforme já mencionado, em maio de 2002, a Biblioteca Central conseguiu a aprovação do projeto de contratação de pessoal terceirizado. Apesar do incentivo do Governo Federal na aprovação desse tipo de contrato, a Biblioteca Central da UFRR foi a única entre as estudadas, que se apropriou dessa estratégia para minimizar seus problemas de carência de pessoal. As demais bibliotecas tiveram que manter o atendimento noturno e de maior demanda, basicamente com estagiários e pouquíssimos funcionários efetivos.

¹²⁷ Os catálogos coletivos trazem num só site o catalogo de livros, periódicos e teses de varias bibliotecas do pais e do mundo, em língua portuguesa ou estrangeira. Caso o livro a ser catalogado esteja presente no catalogo coletivo, e a biblioteca tenha um software compatível, com cinco clicks as informações do documento passam para a Biblioteca, sendo automaticamente catalogada. Durante a viagem para coleta de dados dessa pesquisa, defendi junto as bibliotecas estudadas, que os catálogos coletivos podem ajudar sobremaneira as bibliotecas que tem poucos profissionais, pois trata-se um catalogador a mais na instituição.

Marcilene Lima, primeira bibliotecária contratada e atual Diretora da Biblioteca Central, relata como foi sua primeira impressão:

Foi um impacto muito grande. Quando eu cheguei, eu imaginava que o acervo estaria catalogado. Quando eu cheguei os livros eram somente carimbados e colocados na estante. Só tinha uma bibliotecária que acumulava serviço, era Diretora, dava treinamento, fazia de tudo, não sei como dava conta. Inclusive quando nós estávamos sendo apresentados à Diretora, chegou um usuário solicitando livro... a Diretora nos deixou e foi atender o usuário. Então pra mim foi um impacto muito grande, porque eu vi que como o acervo não estava catalogado, tinha que conhecer realmente, porque quando o usuário chegava lá, ele ficava estressado, porque ele ia na estante e não conseguia localizar o livro, ele chegava lá... com a bibliotecária, se a bibliotecária não soubesse ele ficava muito chateado. Então quando eu vi essa situação, eu chegava mais cedo e ficava olhando pra estante. As pessoas perguntavam porque eu ficava olhando pra estante? Eu falava que era pra conhecer o acervo, fazer uma leitura de estante pra quando o usuário vier eu já saber onde localizar o livro.¹²⁸

Apesar da contratação da bibliotecária ter sido específica para processamento técnico, a situação da biblioteca exigia a sua participação em outras frentes como atendimento. Com pouquíssimos profissionais qualificados atuando, não existia divisão do trabalho na biblioteca, as duas profissionais acumulavam todos os serviços existentes.

Esta situação também ocorria entre os auxiliares. Apesar de apresentá-los, no início dessa subseção, como responsáveis por atividades específicas, deve-se levar em consideração que eles assumiam vários postos. A multifuncionalidade era exigida conforme as necessidades e carências do setor.

Por isso, outro ponto que Marcilene Lima estranhou bastante foi o fato de todos os serviços da Biblioteca, com exceção do empréstimo e da consulta local, funcionarem na sala da direção, atendimento ao usuário, processamento técnico, desenvolvimento de coleções. Lembrando que a Biblioteca Central funcionava num prédio de mais ou menos 300m².

A receptividade por parte dos funcionários da Biblioteca foi satisfatória, apesar da terceirização ser criticada pelos servidores efetivos. No âmbito da UFRR, porém, houve algumas animosidades como relata Marcilene Lima:

Eu tive uma vez com uma funcionária, que eu não se na época ela era da PJ, mas depois que eu passei no concurso, eu sei que ela era lotada na PJ. (...). Pediram pra ela procurar a bibliotecária. Na ausência da Diretora, que tava em reunião, eu fui atender. Disse: olha a Diretora não tá, mas eu sou bibliotecária, eu posso lhe ajudar. Ela falou: olha eu quero que você tire essa

¹²⁸ Marcilene Lima, Diretora da Biblioteca Central da UFRR, 11/06/2008.

multa, que eu não vou pagar porque eu sou funcionária. Eu falei: mas aqui as normas tem que ser seguidas, tanto professor, como aluno, quanto funcionário. Ela falou: quem é você? Eu falei: Eu sou bibliotecária presto serviço pra Universidade. Ela falou: o que, uma terceirizada vem me dizer que eu tenho que pagar. Aí eu falei: olha a Senhora vai me desculpar, mas as reclamações... a Senhora vem e conversa com a Diretora, daí ela decide com a Senhora. (...).¹²⁹

Para manter o seu funcionamento e dar continuidade aos serviços criados, a Biblioteca Central utilizou todos recursos recomendados depois da reforma gerencial: os estágios, a contratação de um profissional externo para exercer a direção, a terceirização e ainda o voluntariado.

Esse último, porém, foi implementado apenas uma vez, pois atrapalhava mais do que contribuía. Os voluntários, alunos da Universidade, até que eram interessados e ativos, mas concentravam seus trabalhos no período de férias. Quando eram treinados e já estavam adquirindo ritmo com a experiência, se afastavam. Todos os voluntários não passaram mais de dois meses na Biblioteca, o que na verdade se traduzia em perda de tempo, já que havia um certo esforço empreendido em treinamentos.

Algumas bibliotecas universitárias brasileiras utilizam o trabalho voluntário em serviços específicos como conserto e conservação de livros ou organização de eventos. Mas nas demais atividades, que demandam muito treinamento e continuidade de ações, não funciona.

Durante a década de 90, o desenvolvimento de coleções se constituiu de compras para a instalação da Biblioteca e de novos cursos. Isso em tese, pois sabe-se, por exemplo, que alunos do Curso de Medicina chegaram a fazer pedágio para compra de livros da área para a Biblioteca. No mais, o acervo se desenvolveu basicamente de doações, principalmente de livros já usados e desatualizados.

A insuficiência do número de livros era uma das principais reclamações dos alunos, como relata os funcionários:

Não, eles achavam que o número de livros era muito insuficiente. Tanto que tinha muita reserva. Era poucos... e cada ano que passava, era dois vestibulares por ano e aí a demanda dos alunos ia crescendo e a Biblioteca ia ficando pequenina. (...) Comprava mas era pouco, não tinha muita compra assim como tem hoje, não tinha não. O que tinha muito era doação.¹³⁰

Várias vezes, eles reclamavam que tinham poucos livros. Assim, que eu me lembro de um estudante de Medicina. Ele chegou e perguntou por um

¹²⁹ Marcilene Lima, Diretora da Biblioteca Central da UFRR, 11/06/2008..

¹³⁰ Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 31/07/2008.

determinado livro e falei que estava emprestado. Aí ele falou: além dos livros estarem jogados na estante, vocês não compram em quantidade suficiente. Eu falei: não, é porque nós dependemos de recursos, recursos federais porque, como aqui é uma instituição pública, depende muito dos recursos do Governo Federal. (...) Aí ele respondeu: *é porque toda vez a desculpa é essa. Porque o dinheiro sai, o Governo libera, só a Universidade não bota esses recursos.*¹³¹

Ao contrário do acreditava esse aluno, o Governo Federal não liberava recursos para aquisição de livros. Por isso, a partir do ano 2002, a UFRR passou a direcionar R\$ 100.000,00, anualmente, dos seus recursos próprios para este fim. Os trabalhos de seleção, cotação e adequação dos materiais ficam totalmente a cargo da Biblioteca, que em conjunto com os professores compõem a lista de aquisição.¹³²

Esta situação é totalmente diferente das outras bibliotecas estudadas, que como vimos não têm controle da dotação orçamentária para o desenvolvimento da sua coleção.

A entrada sistemática de mais ou menos 1.000 exemplares anuais da bibliografia básica, bem como a catalogação destes e dos 22.000 livros que já estavam em circulação, gerou uma incômoda realidade, o acúmulo de livros no depósito. Pois, como somente duas bibliotecárias faziam os trabalhos de processamento técnico, tomei a decisão de priorizar a catalogação desse material, e dos materiais adquiridos por convênio, e guardar as demais doações, que se compõem de bibliografia complementar, no depósito da Biblioteca Central.

Esta situação era inexistente quando os livros não eram catalogados, visto que os livros novos chegavam, eram simplesmente carimbados, registrados e jogados nas estantes.

O usuário não tinha um grande prazer em estar na Biblioteca por causa do espaço físico, que não atendia a demanda. Muitos deles, pegavam os livros, emprestavam e iam estudar em sala de aula vazia, porque a Biblioteca ficava lotada, não tinha condições de ficar. Então eles reclamavam muito, que eles precisavam do livro e iam na estante procurar de um por um. Daí eles vinham, tinham os funcionários, os atendentes, mas aí não tinha como os atendentes ajudar porque eles tinham que ficar emprestando, aquela fila enorme. (...) Tinham uns que reclamavam assim: serviço público é assim, um passa pro outro (risos). Então, eles não tinham noção do que seria um bibliotecário, né, que poderia ajudar. Eles achavam que estava passando de uma pessoa pra outra, que os atendentes falavam: olha procura o bibliotecário que ele vai lhe orientar, porque aqui nós não temos como, que

¹³¹ Marcilene Lima, Diretora da Biblioteca Central da UFRR, 11/06/2008..

¹³² Apesar desse investimento anual, e como em 2001 a Instituição possuía um pouco mais de 22.000 exemplares, em 2008 talvez chegue-se a marca de 45.000 exemplares, muito aquém do ideal para uma Universidade de 24 cursos de graduação, dezenas de especializações, cinco mestrados, três MINTERS e um DINTER.

nós temos que atender. Daí no início, eles reclamavam bastante, que os livros eram velhos, que eram empoeirados, que só estavam jogados na estante. Tinha muita reclamação por parte dos usuários.¹³³

Por quase dez anos, a comunidade da UFRR viveu essa situação caótica. Por um lado, a catalogação tirou os usuários da pré-história em matéria de biblioteca, mas por outro, eles passaram a conviver com a falta de acesso a muitos livros da chamada bibliografia complementar.

Todas as bibliotecas universitárias possuem os seus depósitos de livros, que são suportes para o desenvolvimento de coleções e servem tanto para receber novas aquisições como para desbastes ¹³⁴. Mas quanto menos bibliotecários a instituição possui, mais há acúmulo de livros no depósito. Todas as bibliotecas estudadas têm obras acumuladas, onde pode-se encontrar, inclusive, grandes clássicos.

No que se refere ao acesso dos usuários ao acervo, a Biblioteca da UFRR foi a única entre as estudadas que manteve o acervo parcialmente fechado, até o ano 2000. Sebastiana Ribeiro, que trabalhou por mais de dez anos na recepção, relata como funcionava esse sistema:

As estantes ficavam de um lado e as mesas de estudo do outro. Para entrar na parte do acervo, o aluno tinha que deixar as suas coisas no balcão para o funcionário da Biblioteca guardar.¹³⁵

Apesar de esse sistema ser menos conservador que o acervo totalmente fechado, percebo que, além de evitar o furto de livros, pode ter sido também uma estratégia para contornar o problema da falta de organização dos livros nas estantes. Como esses ainda não estavam catalogados, os funcionários não tinham como localizar os livros e entregar ao aluno.

Durante o ano de 2001 tentou-se trabalhar com o acervo aberto, sem o sistema de segurança e sem a revista dos pertences dos alunos, prática recorrente em várias bibliotecas do país. Mas como a equipe percebia os constantes sumiços de obras, foi instalado o sistema de segurança em 2002.

¹³³ Marcilene Lima, Diretora da Biblioteca Central da UFRR, 11/06/2008..

¹³⁴ O desbastamento não se trata de descarte, é uma etapa do desenvolvimento de coleções que consiste em retirar do acervo livros que não sejam mais utilizados pela comunidade e guardá-los no depósito, para que novos livros sejam colocados em seu lugar (VERGUEIRO, 1989). Caso a Biblioteca aumente seu espaço físico ou algum usuário solicite, o material volta para circulação.

¹³⁵ Sebastiana Ribeiro, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, 09/06/2008.

Criar novos serviços, informatizar, adquirir novos materiais, tudo com apenas duas bibliotecárias, exigia, obviamente, uma estrutura administrativa definida, para tanto aplicou-se conhecimentos ligados à esfera administrativa como planejamento, gestão e avaliação. Foi incorporado, ainda, a perspectiva das relações públicas, oficialmente determinada no planejamento estratégico de 2004 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 2004).

As ações de relações públicas, interna e externa à Instituição, criaram a possibilidade de acumular capital simbólico junto à Administração Superior, departamentos, cursos, bem como à comunidade universitária. Para tanto, a Biblioteca passou a participar de reuniões nos departamentos, a negociar vários projetos com todas as Pró-Reitorias, a realizar e representar a UFRR em eventos.

Acredito que esse acúmulo de capital simbólico propiciou um respeito maior da comunidade para com a Biblioteca, o que pode ser percebido no aumento de vagas para bibliotecários a partir de 2006 ¹³⁶, no financiamento do livro de Normas da UFRR pelo PRONAT, no apoio de todos os projetos da Biblioteca por parte da Administração Superior.

No âmbito inter-campo, estabeleceu-se um canal permanente de cooperação com as principais instituições que apóiam as bibliotecas universitárias, a CBBU e sua representante na Região Norte – a UFPA, o IBICT, a CAPES e a Fundação Ajuri da UFRR.

Essas relações eram baseadas na crença que, se era difícil trabalhar com pouquíssimos recursos e profissionais, sem cooperação técnica e científica, seria impossível. Nesse processo, os planos de ação e os relatórios foram instrumentos estratégicos para disseminar uma imagem mais positiva da Biblioteca diante da comunidade, pois corroborando com Almeida (2005), acredito que relatórios são instrumentos de avaliação que podem ser usados como recurso de divulgação dos setores.

É importante registrar, ainda, a utilização em grande escala dos projetos para efetivação das ações, recurso esse, também muito incentivado pela reforma gerencial para suprir a falta de investimentos causada pela desresponsabilização do Governo, em torno da educação superior.

¹³⁶ Atualmente, dentre as bibliotecas estudadas, a UFRR é a que está numa situação mais favorável em matéria de profissionais qualificados.

Foi preciso entrar para as concorrências dos editais e captar recursos internos e externos à Instituição. A informatização do acervo, por exemplo, foi feita com a implementação de projetos. O primeiro desses projetos data de 2002, com o qual a UFRR aplica recursos próprios nos serviços terceirizados de uma bibliotecária. Juntas, catalogamos mais de 16.000 livros em quatro anos.¹³⁷

Analisar essas ações realizadas na UFRR depois de 2000 tem-se a impressão que não foi tão difícil, mas foi e muito. Tanto que ao término do meu primeiro ano de trabalho, cheguei a digitar meu pedido de exoneração. Apesar dos empreendimentos, poucos enxergavam as mudanças em processo, nem os funcionários, nem os alunos e principalmente os avaliadores do MEC.

Ouvindo os relatos dos colegas das bibliotecas estudadas, percebi que eles recebiam os avaliadores com certa calma, mostravam o que tinha a oferecer, alguns não iam atrás dos resultados das avaliações, outros nem lembravam das avaliações pela qual sua biblioteca passou.

Durante a minha gestão na Biblioteca Central, essas avaliações sempre foram marcadas pela tensão. A estrutura física era muito pequena, a informatização em processo, o acervo ainda incipiente. A Biblioteca se destacava entre os fatores que mais prejudicavam os cursos nas avaliações, houve avaliadores que simplesmente desconsideraram nosso acervo. Passamos a ser avaliados de forma mais positiva, a partir de 2005, quando iniciou-se a construção do novo prédio e os trabalhos de informatização e aquisição de novos livros já eram visíveis.

Realizar esse estudo sobre as bibliotecas universitárias da Amazônia, incluindo a trajetória das bibliotecas da UFRR, foi uma feliz estratégia, que possibilitou que eu discorresse também sobre minhas ideias acerca do que acredito ser a missão de uma biblioteca universitária e de como trabalhar em casos que se enquadram na perspectiva de circunstâncias austeras, as quais vivenciaram as bibliotecas universitárias aqui estudadas.

Mesmo com poucos recursos, que em geral é a realidade das universidades federais amazônicas, acredito ser possível produzir e conquistar o respeito da comunidade se inserindo e interagindo organicamente no campo científico-universitário. Se a universidade ganha, a biblioteca comemora com ela, se a universidade perde, a biblioteca lamenta ao seu lado.

¹³⁷ Em 2006, quando a UFRR atingiu a marca de 32.000 exemplares, um novo projeto possibilitou a contratação de uma equipe específica para finalizar a informatização dos livros, trabalho concluído em sete meses. Este foi financiado com recursos do Governo do Estado de Roraima.

Contudo, o capital simbólico nessa inter-relação não se acumula sem preparo, mas com atualização constante, com dedicação e com a firme confiança da importância das universidades públicas para a sociedade.

4 CONSIDERACOES FINAIS

No período do regime militar houve o crescimento do ensino superior a um ritmo até então desconhecido no Brasil, em consonância com os investimentos em C&T. No âmbito das BUs, houve o grande ciclo de expansão estrutural, com a política de construção de grandes prédios de bibliotecas centralizadas, e a consolidação de Cursos de Biblioteconomia voltados para a formação predominantemente técnica de profissionais, oriunda da experiência americana.

Nesse cenário é federalizada a Universidade do Acre que recebe recursos da SUFRAMA e do Convênio MEC/BID para estabelecer a sua estrutura física e acadêmica. É neste período que a Biblioteca mais recebe recursos direcionados para a construção de seu prédio, expansão do acervo e dos serviços.

Passamos pelos efervescentes anos 80 com a eclosão dos movimentos sociais e da participação em todos os níveis, no período pós-ditadura. Tais eventos repercutem na ação e reflexão dos bibliotecários, visto que ocorre um grande número de trabalhos acerca do papel social das bibliotecas. As bibliotecas universitárias entram de corpo e alma no fenômeno da C&T e a Biblioteconomia, por sua vez, começa a se repensar enquanto Ciência da Informação.

O momento histórico também vê surgir a implementação do PNBU, um dos marcos do desenvolvimento das bibliotecas universitárias, que tem impactos em todas as suas esferas técnico-profissionais e que fora gestado e implementado com a ampla participação dos bibliotecários, mas que não teve continuidade na década posterior.

Na Amazônia também houve investimentos em sistemas informacionais como o INFORMAM e o SIAMAZ, que contribuíram para a atualização e qualificação dos bibliotecários da Região.

Nesse contexto, é federalizada a Universidade de Rondônia, que ainda recebe recursos do Convênio MEC/BID, e se beneficia de todas as ações que contribuíram para o desenvolvimento das bibliotecas universitárias, como o PNBU e o INFORMAM. Também teve uma equipe de bibliotecários atuantes, que buscou colocar em prática a perspectiva de biblioteca plenamente envolvida com a universidade.

A perspectiva social é eclipsada na década de 1990 com o surgimento do ajuste neoliberal no Brasil e suas práticas de gerência e *governance*. A

institucionalização do neoliberalismo nos serviços públicos foi consolidada pela reforma gerencial, que impôs o fenômeno da gerência empresarial, a comercialização e privatização dos serviços. No âmbito da educação superior, por um lado, levou as universidades a investirem em suas bibliotecas com seus próprios recursos, mas por outro, achatou os salários, não realizou concursos e incentivou a precarização da força de trabalho.

A década é marcada ainda pela estruturação das políticas de informação ao cotidiano dos brasileiros, o que demandou das bibliotecas universitárias, a incorporação definitiva das TIS, dos acervos digitais e das novas formas de educação dos usuários.

No âmbito da prática bibliotecária nas universidades federais, ocorreu a assimilação dos princípios de gerenciais, para dar conta dos desafios impostos pelo novo cenário, como a manutenção das atividades com um número reduzido de funcionários, novos serviços informacionais e, principalmente, às exigências dos processos avaliativos do MEC.

Na perspectiva da formação bibliotecária, proliferam-se estudos científicos e cursos de longa e curta duração voltados para a temática da gestão.

Porém, para as bibliotecas amazônicas, foco deste estudo, as políticas públicas implementadas na década de 90 condicionaram a decadência das bibliotecas da UFAC e da UNIR, visto que eram universidades em processo de consolidação.

Como a UNIFAP e a UFRR foram estabelecidas logo depois da criação dos seus estados na Constituição de 88, foram fortemente impactadas com as políticas federais de contenção e desresponsabilização do estado perante o ensino superior público. Por toda a década de 90 até o fim do Governo de Fernando Henrique Cardoso, suas bibliotecas desenvolveram serviços aquém dos padrões mínimos de qualidade.

Ao contrário das bibliotecas universitárias das outras regiões, não houve crescimento significativo da maioria das bibliotecas aqui estudadas. Em parte por suas universidades estarem em processo de constituição e ainda possuírem uma estrutura física mínima. Suas prioridades foram prejudicadas pela política de retenção de recursos do Governo Federal, sendo que no caso da UFAC e da UNIR, criadas na década anterior, houve a retração das suas bibliotecas.

Percebe-se que apesar da incorporação das práticas gerenciais serem disseminadas pelos cursos de graduação e de pós-graduação na área de Biblioteconomia e de haver uma grande produção científica sobre a questão, a maioria dos profissionais que atuaram nas bibliotecas aqui estudadas, não se atualizaram para exercer suas atividades diante dos novos desafios.

Da mesma forma, são poucos os profissionais que saem dos Cursos preparados ou pelo menos com uma vontade aguerrida, isso se reflete principalmente nas atividades de gestão. Como já abordado por Raimundo Ferreira da UFAC, a realidade das bibliotecas da Amazônia exige bibliotecários que saibam fazer e que liderem as ações.

Diante disso, é possível responder às indagações dessa pesquisa, inferindo que não foi somente as políticas públicas do governo central que estruturaram as circunstâncias extremas de trabalho nessas bibliotecas, mas também, os bibliotecários condicionaram essa situação, pois a falta de preparo dificultou a prática cotidiana desses profissionais e impossibilitou o acúmulo de capital social e simbólico nas relações com o campo científico-universitário.

A maioria dos profissionais não participava das reuniões de planejamento das suas universidades, desconheciam seus planos estratégicos e de ação e não tinham conhecimento das políticas públicas que exerciam influência sobre as bibliotecas universitárias ou sobre a educação superior como um todo.

Até a presente data a maioria dessas bibliotecas, ainda não conseguiu entrar em ritmo de crescimento, mesmo com a diminuição da pressão das políticas neoliberais do Governo de Luís Inácio Lula da Silva.

No âmbito do cenário geral das bibliotecas universitárias, é possível deduzir que a expansão da C&T no regime militar, com suas esferas voltadas para as atividades técnicas, para as TIs e para a informação enquanto ciência, e o advento do ideário neoliberal na década de 90, centrada na sociedade de informação e nas ênfases gerenciais, acrescentaram uma nova configuração às práticas universitárias e a seus bibliotecários, que podemos definir como uma mentalidade centrada no tecnicismo informatizado e na gestão.

Se nos apropriarmos da divisão histórica compilada por Castro (2000), vemos que até hoje a influência americana é hegemônica na prática bibliotecária, com suas ações sustentadas na estrutura sóciopolítica e econômica em vigor e com o fito de ajustar o indivíduo ao mercado.

O que percebemos nesse panorama histórico é que muito pouco ficou da época humanística do início do século 20 e da grande participação e produção científica social da década de 1980. Apesar de incorporar totalmente os aspectos técnicos e gerenciais, os bibliotecários se afastaram da sua função sociocultural e vocação intelectual, se distanciando da possibilidade de gerar uma identidade própria, com um espírito crítico.

Resgatar essa perspectiva humanística e cultural e fundí-la com a sua bagagem gerencial e técnica, possibilitaria o acúmulo de capital social e simbólico dos bibliotecários no campo científico-universitário e contribuiria para o reconhecimento das bibliotecas universitárias como importantes espaços de comunicação pedagógica, produção e socialização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ACRE. Governo do Estado. **Amazônia**: o nascimento da florestania. Rio Branco, [2008a]. Disponível em: <<http://www.ac.gov.br/florestania/florestania1.html>>. Acesso em: 14 ago. 2008.

ACRE. Governo do Estado. **Florestania**. Rio Branco, [2008b]. Disponível em: <http://www.ac.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1394>. Acesso em: 14 ago. 2008.

ALBUQUERQUE, Eva da Silva; MAIA, Moacyr Boris Rodrigues. **A trajetória do ensino superior público em Rondônia**. Porto Velho : EDUFRO, 2007.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. Brasília, DF : Briquet de Lemos, 2005.

ALMEIDA, Mauro. **Em favor da florestania**. São Paulo, 2007. <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2849,2.shl>>. Acesso em 14 ago 2008. Entrevista a Renato Sztutman.

AMARAL, Sueli Angélica do. Serviços bibliotecários e desenvolvimento social: um desafio profissional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.2, 1995. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=604>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

AMORIM, Antônio Marcos; VERGUEIRO, Waldomiro. Consórcios de bibliotecas no Brasil: um desafio a democratização do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p. 32-47, jan./abr. 2006. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-99362006000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 03 dez. 2007.

AZEVEDO, Aline da Rin Paranhos de Azevedo. Informação e documentação científica, tecnológica e cultural da Amazônia brasileira. In: ARAGÓN, Luis E. ; IMBIRIBA, Maria de Nazaré O. (org.) **Informação e documentação na Amazônia**. Belém : UFPA/ARNI/CELA, 1989. p. 13-28.

BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. A biblioteca e os bibliotecários como atores de políticas de informação voltadas para o desenvolvimento. In: **Encontro Nacional de Ciência da Informação - CIFORM**, n.4, 2004, Salvador. Proceedings... Disponível em: <www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/marileneloboabreu3.html>(15 de 32)>. Acesso em: 21 set. 2007.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em contra-reforma**: desestruturação do Estado e perda dos direitos. São Paulo : Cortez, 2003.

BELLESÍ, Lia Marques; SILVA, Ana Rosa dos Santos Rodrigues da. **A informação ambiental em sistema cooperativo automatizado** : o Siamaz. **Ciência da Informação**, Brasília, v.21, n.1, p. 69-71, jan./abr. 1992.

BENTES PINTO, Virginia. A biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v.17, n.1, p. 31-43, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/include/getdoc.php?id=244&article=79&mode=pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2007.

BERTHOLINO, Maria Luzia Fernandes et al. A web como canal de divulgação de serviços e produtos de Bibliotecas Universitárias: análise de conteúdos de homepages. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias-SNBU, 11., 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis : UFSC-BU : UFSC/CIN, 2000. Disponível em: <http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t003.doc>. Acesso em: 12 out. 2008.

BIRDSALL, Willian F. Uma economia política da Biblioteconomia? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.1-8, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.eci.ufmg.br/pcionline/viewarticle.php?id=108>>. Acesso em: 23 set. 2007.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: Bourdieu, Pierre (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007a. p. 693-736.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo : Perspectiva, 2005.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu** : sociologia. São Paulo : Ática, 1983. p. 46-81.

_____. **Escritos de educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004.

_____. **Questões de sociologia**. Lisboa : Fim de século, 2003.

_____. **O poder simbólico**. 6. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007b.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9. ed. Campinas, SP : Papyrus, 2008.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, Ioury Lotti Gauzzi. **Estatísticas** (mensagem pessoal). Mensagem recebida por angelam@bc.ufr.br. 11 fev. 2009. Estatísticas fornecidas pela Coordenação Geral do Portal da CAPES.

CARVALHO, Fábio Almeida de ; FERNANDES, Maria Luiza; REPETTO, Maxim (org.). **Projeto político-pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural**. Boa Vista : Editora UFRR, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina Louzada. **A socialização do conhecimento no espaço das bibliotecas universitárias**. Niterói, RJ : Intertexto, 2004.

CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; KANISKI, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.3, p. 33-39, set/dez. 2000. Disponível: [http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article /viewPDFInterstitial /215/190](http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewPDFInterstitial/215/190). Acesso em: 03 dez. 2007.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília : Thesaurus, 2000.

CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.2, p. 41-52, jan./jun. 2004. Disponível em: <[http://server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/viewissue.php?id= 2](http://server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/viewissue.php?id=2)>. Acesso em: 23 set. 2007.

CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, João Ferreira de. **Educação superior no Brasil: reestruturação e metamorfose das universidades públicas**. Petrópolis : Vozes, 2002.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. História e política: reflexões para pensar a fundamentação teórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação. In: CASTRO, César Augusto (org.) **Conhecimento, pesquisa e práticas sociais em Ciência da Informação**. São Luiz : EDUFMA, 2007. p. 85-108.

CHASTINET, Yone. Participação da comunidade na implantação do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias – PNBU. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias-SNBU, n.6, 1989, Belém. **Anais**. Belém : UFPA, 1990. p. 38-56.

_____. **A criação do Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias – PROIB e a Implementação do I Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias – I PNBU**. Brasília, DF : MEC/SESU/PNBU, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo : Editora UNESP, 2001.

CHAUÍ, Marilena; CARDOSO, Sérgio. Revitalizar a universidade pública. **Teoria e Debate**, n. 57, p. 1-10, mar./abr., 2004. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=3181>>. Acesso em: 30 set. 2007.

CONDURÚ. Marise Teles. **Redes de pesquisa e informação na Amazônia brasileira**. Belém, 2007. Disponível em:<<http://www.ufpa.br/numa/posgrad/educacao/Ambiental/ementaDisciplinas/textos/artigo%20Redes%20de%20Pesquisa%20e%20>

Inf%2020%201%202007.pdf>. Apostila do Curso de Especialização em Educação Ambiental do Núcleo de Meio Ambiente – NUMA da UFPA.

CÔRTE, A. R. et al. **Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos** . 2. ed. São Paulo : Polis, 2002.

COSTA, Francisco de Assis. **Ciência, tecnologia e sociedade na Amazônia**: questões para o desenvolvimento sustentável. Belém : CEJUP, 1998.

CUNHA, Luis Antonio. Reforma universitária em crise: gestão, estrutura e território. In: Trindade, Hégio (org.) **Universidades em ruínas**: na república do professores. 3. ed. Petrópolis : Vozes, 2001. p. 125-148.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia**: dimensão social e educativa. Fortaleza : EDUFC, 1993.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro F., VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

DIAS, Maria Matilde Kronka; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Gestão da informação em ciência e tecnologia: sob a ótica do cliente**. Bauru, SP : EDUSC, 2003.

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação da educação superior**. Petrópolis : Vozes, 2001.

DUTRA, Sigrid Karin Weiss. **Capex divulga a lista com os maiores usuários do Portal de Periódicos**. Cbbu_ifes. Mensagem disponível em: Cbbu_ifes@mailman.ufsc.br. Acesso em: 23 out. 2008.

FARIAS, Manoel Severo de. **Raízes da criação da Universidade Federal do Acre**. Campinas, SP, 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade em Educação, Universidade Estadual de Campinas.

FERREIRA, Norma Iracema de Barros. **Política e educação no Amapá** : de território a estado. Araraquara, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Biblioteca Central. **Relatório das atividades desenvolvidas pela Biblioteca Central no exercício de 1990**. Porto Velho, 1991.

GARCIA, Maria Lúcia Andrade. **Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias: planejamento e permanência**. Belo Horizonte : Bonini Consultores Associados, 1991. Avaliação final do PNBu financiada pela FINEP.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Contexto social, estrutura universitária e Biblioteca: o caso da UFPE**. Recife : 1990. 213f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco.

LEHER, Roberto. Projetos e modelos de autonomia e privatização das universidades públicas. In: GENTILI, Pablo (org.). **Universidades na penumbra: neoliberalismo e reestruturação universitária**. São Paulo : Cortez, 2001. p. 151-187.

LUBISCO, Nídia M. L. A biblioteca universitária e o processo de avaliação do MEC: alguns elementos para o planejamento da sua gestão. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias-SNBu, 12., 2002, Recife. **Anais...** Disponível: <http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/117.a.pdf>. Acesso em: 21 set. 2007.

MACHADO, Maria Clara. **Índice qualificará cursos superiores**. Brasília : MEC, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=11213 . Acesso em: 11 fev. 2009.

MALERBA, Jurandir. Para uma teoria simbólica: conexões entre Elias e Bourdieu. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). **Representações : contribuição à um debate transdisciplinar**. São Paulo : Papirus, 2000. p. 199-225.

MENEGUEL, Stela Maria. A crise da Universidade moderna no Brasil. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação-ANPED, 25., 2002, Caxambu. **Conferência**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/25/stelamariameneghelt11.rtf>. Acesso em: 30 set. 2007.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo : Boitempo, 2005.

MIBIELLI, Roberto. **O Ensino de literatura em Roraima : da gênese da Universidade Federal de Roraima aos dias atuais**. Niterói, RJ, 2007. 353 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense.

MIRANDA, Antonio. Biblioteca universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática. In: **Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias-SNBu**, n.1, 1978, Niterói. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/cienciainformacao/biblioteca_universitaria.pdf. Acesso em: 15 set. 2007.

_____. Políticas de planejamento de sistemas de informação no Brasil: um caminho tortuoso. In: **Encontro Nacional da Ciência da Informação – CINFORM**,

n.4, 2004, Salvador. Disponível em: [http://www.cinform.ufba.br/v_anais/palestras/Antonio miranda.pdf](http://www.cinform.ufba.br/v_anais/palestras/Antonio%20miranda.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2007.

MOREIRA, Carmem Tereza Velanga. **Currículo e realidade multicultural na fronteira** : a Universidade Federal de Rondônia : possibilidades e enfrentamento. São Paulo, 2003. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOREIRA, Dorosnil Alves. **Universidade Federal de Rondônia (UNIR)** : desafios e enfrentamentos na constituição de uma instituição multicampi. São Paulo, 2005. 384 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

OLIVEIRA, Leila Rabello de. **Biblioteca universitária**: uma análise sobre os padrões de qualidade atribuídos pelo Ministério da Educação ao contexto brasileiro. Campinas, SP, 2004. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: [http://www.puccamp.br/pos/tesesdissertacoes.aspx?id=2-59k->](http://www.puccamp.br/pos/tesesdissertacoes.aspx?id=2-59k-). Acesso em: 21 set. 2007.

OLIVEIRA, Silas Marques de. Correlação entre atuação de gerentes de S. I. e aspectos gerenciais considerados importantes. **Transinformação**, Campinas, v.12, n.2, p. 29-50, jul./dez. 2000.

ORTIZ, Renato. A procura de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu** : sociologia. São Paulo : Ática, 1983. p. 7-36.

PEREIRA, Potyara A. P. **Necessidades humanas**: subsídios aos mínimos sociais. 2 ed. São Paulo : Cortez, 2002.

PURCENO, Sônia Purceno. **Entre a vontade e o poder**: visão pedagógica, silêncio e criação do sujeito ("professorinhas em Boa Vista-RR). 1999. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

QUEM é quem na Amazônia. Belém : Editora Universitária da UFPA, 1996. Convênio SUDAM-INFORMAM/UFPA.

REIS, Margarida Maria de Oliveira. **Acesso ao uso do Portal de Periódicos da CAPES pelos professores da Universidade Federal do Acre**. Florianópolis, 2005. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível: <http://www.cin.ufsc.br/pgcin/MargaridaReis.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2007.

RELATÓRIO das atividades do INFORMAM : período 1987/1990. Porto Velho, [1991]. Retrospectiva das atividades da Biblioteca Central/, no período de 87/90.

SILVA, Ilse Gomes. **Democracia e participação na 'Reforma' do Estado**. São Paulo : Cortez, 2003.

SAYÃO, Luis Fernando. Bibliotecas digitais e utopias. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.2, n.2, p. 2-36, ago./set. 2008. Disponível: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/2661>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 13, 2004, Natal. **Anais...** : (re)dimensão de bibliotecas universitárias : da gestão estratégica à inclusão social. Natal : UFRN/BCZN, 2004. 1 CD-ROM.

SOUZA, Áulio Gélío Alves de. **Historia da criação do ensino superior no Acre**. Brasília : Thesaurus, 2006.

SOUZA, Raimundo Ferreira. **Arigó**. São Paulo : Scortecci, 2004.

SUAIDEN, Emir José. Editorial. **Ciência da Informação**, Brasília, v.33, n.3, p.7, set./dez. 2004. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a01v33n3.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2007.

_____. Diretor do IBICT dá entrevista ao SindBiesp. Entrevista a Leonor Bueno. **SindBiesp Notícias**, São Paulo, v.1, n.4, jun. 2005. Disponível em: . <http://www.sinbiesp.org.br/detartigo.asp?cod=5>Acesso em 03 mar. 2008.

SUGIMOTO, Luiz. O desmonte do projeto de Estado social e a distribuição de migalhas. **Jornal da Unicamp**, Campinas, SP, 12/18, set. 2005, p. 6. Entrevista a Eduardo Fagnani. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2005/ju301pag06.html. Acesso em: 15 jan. 2008.

TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. Funções sociais e oportunidades para profissionais de informação. **Datagramazero**, v.3, n.5, out. 2002. Disponível em: http://www.dgz.org.br/out02/Art_04.htm . Acesso em: 21 fev. 2008.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro, v.40, n.1, p. 27-55, jan./fev. 2006. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** : história oral. 3. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2002.

UFAC investe no interior do Estado. **Jornal da UFAC**, Rio Branco, dez. 2006, p. 3.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Biblioteca Central. **Bibliotecas universitárias** Site oficial das bibliotecas da UFRR. Disponível em: <http://www.bc.ufrr.br>. Acesso em: 20 jan. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Biblioteca Central. **Planejamento estratégico**: 2004. Boa Vista, 2004. Disponível em: http://www.bc.ufrr.br/out02/Art_04.htm. Acesso em: 21 fev. 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Catálogo geral**. Boa Vista : UFRR, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE. Biblioteca Central. **Relatório**. Rio Branco, 2001. 11 p. (Texto digitado)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ. Biblioteca Central. **Memorando n. 070/ 99 – BIC/UNIFAP**. Macapá, 1999.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo : Polis/APB, 1989.

_____. **Qualidade em serviços de informação**. São Paulo : Arte & Ciência, 2002.

VOLPATO, Sílvia Maria Berté. **Natureza do trabalho do administrador de biblioteca universitária**. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/6867.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2007.

ENTREVISTAS

Aleuda Malveira, auxiliar de biblioteca da UFAC, Rio Branco, 14/08/2008. .

Ana Rita de Araújo, auxiliar da Biblioteca da UNIR, Rio Branco, 21/08/2008.

Aurineide Braga, ex-bibliotecária da UNIR, Porto Velho, 21/08/2008.

Beneilton da Silva, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, Rio Branco, 13/08/2008.

Domingos de Almeida, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, Rio Branco, 15/08/2008.

Doracy de Brito, ex-auxiliar da Biblioteca da UNIFAP, Macapá, 29/08/2008.

Cleide Rodrigues, auxiliar biblioteca da UNIR, Porto Velho, 22/08/2008.

Eneogusto de Moura, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, Boa Vista, 16/07/2008.

Euza Cavalcante, auxiliar de Biblioteca da UNIR, Porto Velho, 20/08/2008.

Graça Fróes, auxiliar de biblioteca da UFRR, Boa Vista, 23/07/2008.

Iradir Maia, auxiliar de Biblioteca da UNIFAP, Macapá, 27/08/2008.

Joaquim Silva, auxiliar de Biblioteca da UFAC, Rio Branco, 15/08/2008.

Lidaura Ribeiro, secretária da Biblioteca Central da UNIR, Porto Velho, 20/08/2008.

Lucia Ferreira, auxiliar de Biblioteca da UNIFAP, Macapá, 27/08/2008.

Luzimar Chaves, bibliotecária da UNIR, Porto Velho, 22/08/2008.

Marcilene Lima, Diretora da Biblioteca Central da UFRR, Boa Vista, 11/06/2008.

Margarida Reis, bibliotecária da UFAC, Rio Branco, 14/08/2008.

Naucirene Coutinho, Diretora da Biblioteca Central da UNIFAP, Macapá, 28/08/2008.

Nilse Gadelha, auxiliar de biblioteca da UFAC, Rio Branco, 15/08/2008.

Raimundo Cláudio, ex-auxiliar de biblioteca da UFAC, Rio Branco, 13/08/2008.

Raimundo Ferreira, Diretor da Biblioteca Central da UFAC, Rio Branco, 13/08/2008.

Raimundo Fernandes, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, Boa Vista, 09/05/2008.

Roselene Coelho, ex-auxiliar de biblioteca da UFRR, Boa Vista, 31/07/2008.

Sebastiana Ribeiro, ex-auxiliar de Biblioteca da UFRR, Boa Vista, 09/06/2008.

Soraya Costa, ex-auxiliar de biblioteca da UNIFAP, Macapá, 29/08/2008.